

2
DUD
FG

ORIG.

FÉRIAS DE JULHO



Férias
de
Julho
Sem OK, pois
2/MAIO/2014

INDICE

Aos alumnos do Lyceu.	pag.	5
Prefacio da 2. ^a edição	»	7
CAPITULO I — O dia tragico	»	9
CAPITULO II — Fechados num circulo de fogo	»	37
CAPITULO III — Os Revolucionarios!	»	72
CAPITULO IV — Angustias e sobresaltos.	»	106
CAPITULO V — Dias de terror	»	137
CAPITULO VI — Esperanças, desillusões.	»	152
CAPITULO VII — O martyrio da cidade.	»	178
CAPITULO VIII — A dolorosa agonia	»	198
CAPITULO IX — A paz	»	210
CAPITULO X — Epilogo.	»	227
Appendice	»	231

L. MARCIGAGLIA

FÉRIAS DE JULHO

ASPECTOS DA REVOLUÇÃO
MILITAR DE 1924 AO REDOR DO
LYCEU SALESIANO DE S. PAULO

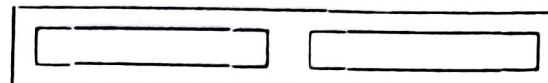
II EDIÇÃO

INSPECTORIA SALESIANA DE SÃO PAULO	
SÃO PAULO - BRASIL	
Nº 4332	DATA 22.10.87

Procedência	doenças
Valor	
Data	

1927

ESCOLAS PROFISSIONAES DO LYCEU CORAÇÃO DE JESUS
S. PAULO



AOS ALUMNOS DO LYCEU

Estas paginas são para vós, meus queridos alumnos.

Destinavam-se ellas ao nosso archivo, como ligeiras notas de chronica dos luctuosos dias de Julho. Mas o Revmo. P. Inspector quiz que fossem publicadas. Por isso, preparei este opusculo, que agora, muito prazenteiramente, vos offereço e dedico.

Jamais deveis esquecer: no dia 5 de Julho de 1924 soou para nós a hora mais tragica da historia do nosso collegio. Pelas 9.30 daquella tetrica manhã de sangue, tres granadas attingiram seguidamente o nosso Lyceu, indo explodir em cheio, com breve intervallo, no pavilhão das aulas e officinas, onde, naquella hora, todos estaveis agglomerados.

Lá havia então, nos estudos, nas aulas e nas officinas, 1.200 alumnos. Apesar disso, ninguem morreu! Apenas um alumno foi ferido.

Este facto é tão extraordinario, que não se explica humanamente. Era sufficiente que a primeira granada cahisse onde explodiram as outras duas, para fazer entre vós enorme carnificina. Mas aquelle instrumento de morte, que nos deu o signal de alarme e produziu o panico salvador, foi attingir justamente a unica sala vazia — a exposição das Escolas Profissionaes.

Só assim puderam ser poupadas as vossas vidas. Graças a Deus!

P

Não olvideis jamais, meus jovens amigos, este facto historico extremamente grave. Elle constitue a demonstração mais evidente da extraordinaria protecção do S. Coração de Jesus sobre esta Casa, que é delle.

Não esqueçais os factos subsequentes : a nossa retirada, as sucessivas migrações á busca de abrigo seguro, os perigos por que passamos e dos quaes todos Deus nos livrou.

Estas singelas linhas, escriptas de afogadilho, nas poucas horas roubadas ás minhas occupações, não têm pretensões litterarias. Uma qualidade, entretanto, ellas têm : são sinceras e creio sejam tambem objectivamente verdadeiras.

Narro ligeiramente o que vi, o que se passou ao redor de nós. Dest'arte valem tambem como um depoimento pessoal sobre os tenebrosos dias de Julho.

Antes de terminar esta explicação prévia, folgo em registrar aqui um elogio ao vosso procedimento e á vossa correcção durante o angustioso periodo da anormalidade. Pude constatar isto pessoalmente e pelas informações dos vossos estimados superiores, e, ainda ha pouco, pelo teor das cartas que todos vós me escrevestes, cartas que bem evidenciam a nobreza do vosso coração e a delicadeza dos vossos sentimentos.

Permittir-me-eis que tambem lance aqui um louvor completo e um agradecimento sincero a todos os meus optimos companheiros e dedicados auxiliares, os salesianos do Lyceu. Vós bem vistes quanto elles fizeram por vós. Sempre ao vosso lado, não mediram sacrificios, não receiaram perigos, não trepidaram em expor as suas vidas para salvar as vossas, para garantir-vos protecção e segurança. Vós bem verificastes quanto amor vos dedicam os filhos de D. Bosco.

E' de justiça : a elles a vossa admiração, o vosso reconhecimento. A Deus todo o louvor, todo o nosso amor, toda a nossa eterna gratidão.

Chacara do Lyceu, 24 de Agosto de 1924.

P. Luiz Marcigaglia



Prefacio da 2.^a edição

Faz-se uma 2.^a edição das "Férias de Julho" porque, já ha tempo, não se encontra nenhum exemplar deste opusculo e muita gente o procura.

Reverendo agora estas singelas paginas, percebo que ha nellas muitas passagens realmente infantis. Mas, apesar de tudo, não me resolvo a cortar taes infantilidades, porque os episodios narrados são verdadeiros e, embora sem importancia isoladamente, servem, no seu conjuncto, para fixar o aspecto proteiforme da revolução de 1924 na mente dos meninos, para os quaes foi escripto este livrinho.

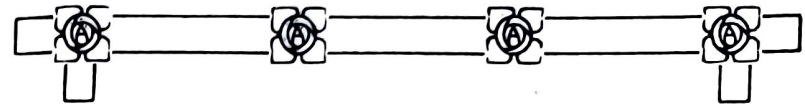
Si por acaso estas pobres paginas forem lidas por alguma pessoa sisuda, queira desculpar as infantilidades, a antipathica insistencia do emprego da 1.^a pessoa do singular, a sobrecarga de gravuras e... tudo o mais.

Mas este livrinho é collegial, a começar pelo titulo. E as crianças de collegio, gente que muito bem conheço, o preferem assim : muito simples e muito illustrado.

24-VIII-927.

L. M.





CAPITULO I

O dia tragico

5 de Julho.

Às 7.30 da manhã do dia 5 de Julho de 1924, estava eu no meu escriptorio passando os olhos pelos jornaes do dia.

De repente entra-me pela porta a dentro o P. C. F., todo agitado :

— Dizem que arrebentou uma revolução...

— Revolução em S. Paulo?! Não é possível.

— Algumas pessoas, vindas de Sant'Anna affirmam que...

— São boatos. Na peor hypothese, tratar-se-á do levante de algum batalhão, ou de uma greve; isto passa em poucas horas.

Boa-
tos

E continuei a ler os jornaes, que absolutamente não continham a menor referencia a possiveis alterações da ordem.

O meu informante retirou-se mais calmo, mas não de todo convencido.

Dez minutos mais tarde, volta elle mais nervoso e com os olhos mais esbugalhados :

— Os boatos continuam insistentes. Dizem que tomaram a Estação da Luz e que vão atacar o Pala-

cio dos Campos Elyseos, aqui perto do collegio. A coisa é grave...

— Vamos ver o que ha.

Sahi ao largo Coração de Jesus para ver a feição da rua. De facto, algo de anormal se passava. Agrupamentos de populares, conversas agitadas, gente que se apressava, espalhando as noticias mais graves: falavam de muitos batalhões revoltados, outros tomados de assalto, commandantes presos...

Na esquina da Al. Glette com a Al. Barão do Rio Branco, no angulo do Palacio do Governo, estava uma sentinella de carabina na mão, bayoneta calada, em continua agitação, alguns passos para cá, alguns passos para lá, frente para a Glette, frente para a Rio Branco...

— A coisa é mesmo seria. Vamos indagar de fonte segura.

Telephonei para a residencia de um amigo, official do Exercito, morador na Av. Tiradentes.

— Desculpe: correm graves boatos. Que ha de positivo?

— Infelizmente é verdade. Revoltaram-se os batalhões do Exercito e da Policia!

— Todos?

— Todos!

— Mas...

— Desculpe: tenho pressa. Passe bem.

— Deus o livre e guarde.

Percebia-se que na casa do amigo havia grande reboição: exclamações agitadas, confusão.

Pensava: sendo assim, provavelmente não haverá derramamento de sangue, pelo menos aqui em S. Paulo, cidade pacifica e trabalhadora.

Mas, de repente, como para interromper e contrariar as minhas reflexões, ouviu-se o ruido de uma fuzilaria proxima.

Pri-
mei-
ros
tiros

Vieram logo dizer-me que um soldado da guarda do Palacio, ferido com um tiro na bocca, cahira perto do Lyceu, defronte á Pharmacia.

— Um padre, que vá logo um padre para assistil-o.

Mas o tiro fôra fatal. Quando o P. Mainini lá chegou, encontrou-o morto.

Preoccupava-me a sala de armas. Mandei nervosamente chamar os encarregados, mas elles demoravam em chegar.

Os alunmos internos estavam todos nos salões de estudo. Os externos do primeiro periodo já estavam em aula. (1)

(1) Nota — Si algum leitor não conhece bem o sentido dos nossos termos collegiaes, convem que leia a seguinte explicação.

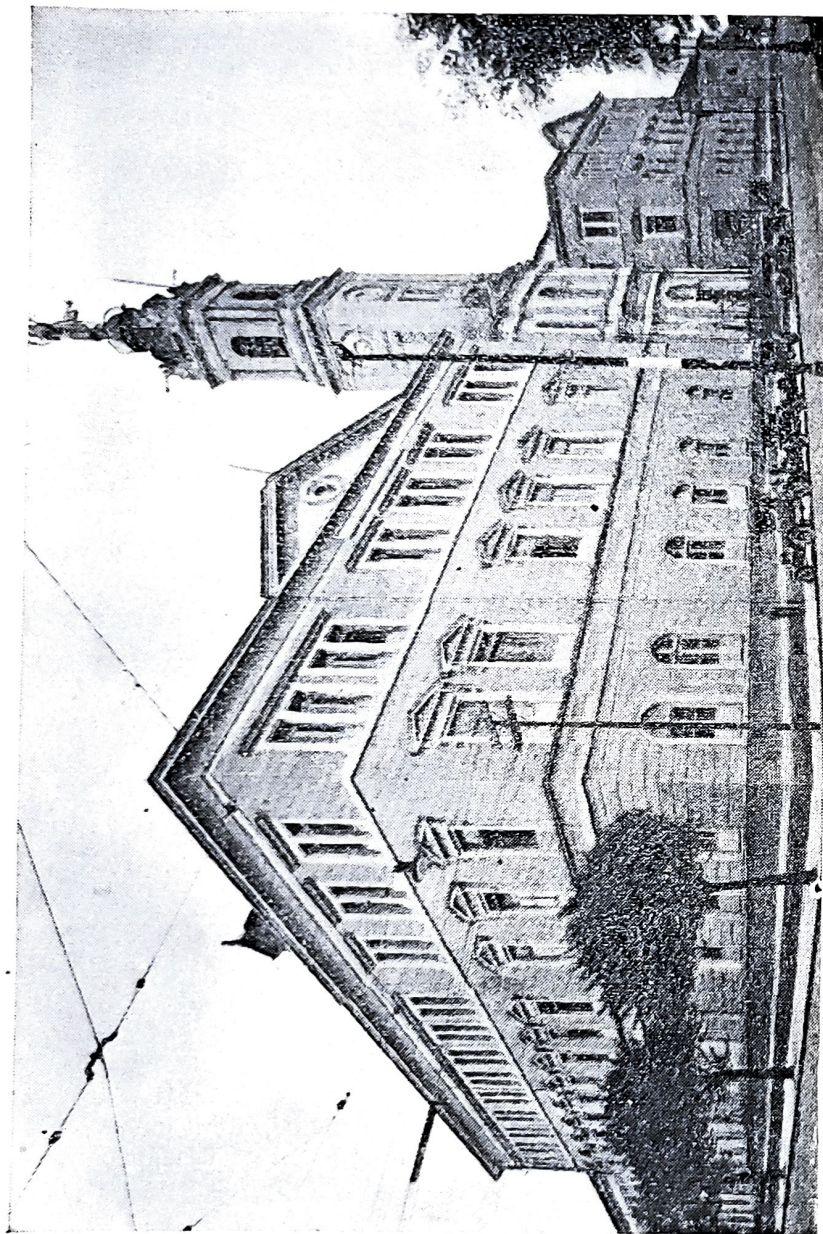
O *Lyceu Coração de Jesus* é dirigido por um *Director*, coadjuvado por um *Capitulo*, ou commissão directora, de 6 membros. Os capitulares são: o *Prefeito*, o *Catechista*, o *Conselheiro Escolar* e mais tres *Conselheiros*.

Os alumnos que frequentam diariamente o Lyceu, dividem-se nas seguintes secções: *Internato*, *Externato*, *Semi-internato*, *Aulas Nocturnas* e *Escolas Profissionaes* (aprendizes)

Os alumnos internos são agrupados, de accordo com o tamanho, nas seguintes divisões: *Maiores*, *Medios*, *Sub-medios*, *Menores*, *Quinta-Divisão* (na Chacara do Lyceu, em Sant'Anna). A cada divisão é preposto um *Assistente*, isto é, um salesiano encarregado da vigilancia.

Estes alumnos estão no Lyceu nas seguintes horas: Os internos sempre; os semi-internos, das 7 às 19 hs.; os do Externato, das 7 às 16 hs.; os aprendizes externos, das 7 às 16 hs.; os das Aulas Nocturnas, das 19 às 22 hs.

As aulas do Externato funcionam em dois periodos: o 1.º, das 8 às 12 hs.; o 2.º das 11 às 16 hs.



Fachada do «Liceu Coração de Jesus». Situação : na frente, o Largo Coração de Jesus e Al. Glette ; à direita do edifício, a Al. B. de Piracicaba ; à esquerda, a Al. dos Andradas ; nos fundos, a Al. Nothmann.

Eu me conservava no pateo central, no alpendre que fica atraz do Santuario, bem á vista de todos, para evitar possiveis panicos e para providenciar rapidamente em qualquer emergencia.

Chegaram finalmente o P. O. O. e o J. C. Indaguei :

— A sala de armas está segura ?

— Segura : fechaduras reforçadas.

— E as chaves ?

— Commigo e com o tal empregado ; é pessoa de confiança.

— E' preciso esconder a munição nos porões, tirar os ferrolhos das carabinas e guardal-os em outro lugar separado.

— Quando ?

— Logo, já.

— Mas ha algum perigo ? . . .

Percebi que tinha alarmado o meu interlocutor. Quiz emendar :

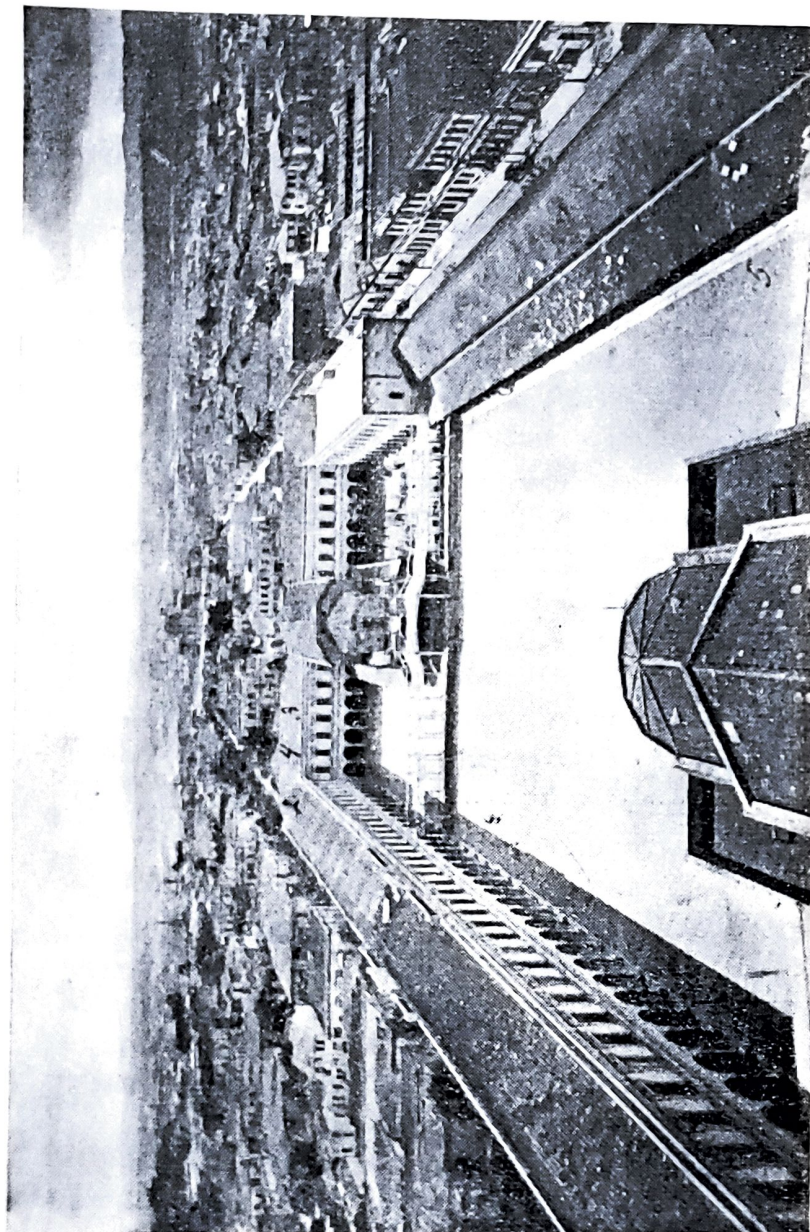
— Nenhum. Entretanto, toda prudencia é pouca. Sabem : algum máo elemento do populacho, alguma greve . . . quem sabe lá ? Em taes occasiões o nosso armamento é um perigo e uma responsabilidade.

Lá fóra, continuava o tiroteio, espaçado.

Eram 9.15. Bateu o sino para as aulas do curso secundario. Os alumnos internos e externos do 2.º, 3.º e 4.º anno do curso gymnasial e do commercial, foram subindo as escadas para os respectivas aulas. Já lá estavam em pleno funccionamento, desde ás 8 horas, as classes dos alumnos externos do primeiro periodo e dos aprendizes.

Poucos minutos depois, chegou, fatal e imprevista, a hora mais tragica da historia deste Collegio.

A sala de armas



Ver explicação desta gravura na pagina seguinte (1)

Ouviu-se de repente um terrível estampido, que vinha dos lados de Sant'Anna. Alguma cousa de infernal passou pelos ares, num ruido rouco e arrastado, indo cahir ao lado direito do Lyceu, na Al. Barão do Rio Branco, com fragor medonho.

O
ca-
nhão

Foi um momento de terror.

— Que será? E' a artilharia! Estamos perdidos!

Poucos segundos depois, nova detonação longinqua, o sibilo caracteristico e uma horrivel explosão mais proxima. A granada havia attingido em cheio o Lyceu, no telhado das Escolas Profissionais!

— Meu Deus! que será de nós? Defendei-nos, Coração de Jesus!

Uma nuvem de pó, correrias de alumnos espavoridos, gente que pergunta, gente que corre sem saber para onde. Os meninos vinham fugindo todos para o pateo central, em confusão. Passavam empregados das officinas cobertos de calça. Duas divisões de alumnos internos ainda permaneciam no estudo e mandavam perguntar si deviam sahir!

A
hora
tra-
gica

(1) O interior do Lyceu visto do alto da torre.

A' esquerda, o pavilhão das aulas, cuja ultima parte está occupada pelas Escolas Profissionais. Neste pavilhão — nos estudos, aulas e officinas — estavam, ás 9 1/2 de 5 de Julho de 1924, todos os alumnos então presentes no Lyceu, num total de 1.200. A unica sala vazia na occasião, era a da Exposição, assignalada com o n.º 2.

N.º 1 — Campo de Marte, onde estavam postadas as baterias revoltosas.

N.º 2 — Lugar onde explodiu a 1.ª granada que attingiu o Lyceu.

N.º 3 e 4 — Lugar da 2.ª e 3.ª granada.

N.º 5 — Lugar onde foi ferido o alumno Arnaldo P. Barreto.

— Mas de certo! todos para o pateo, depressa! Mal acabavam de sahir os alumnos — muitos ainda estavam no meio do pateo, na altura da aula de banda — quando uma segunda granada veio cahir ainda mais perto, sobre a officina de encardenação.

— Afastem-se, afastem-se; para os galerias, para os porões.

Minha voz, porém, não podia ser ouvida por aquella massa enorme de alumnos alvoroçados. Faltava-me um apito, uma campainha, qualquer coisa para chamar a attenção de todos.

Minutos depois — foram dois, foram dez? — terceira granada explodia no Collegio, no mesmo telhado das officinas, entre o lugar da primeira e o da segunda.

Cahiu-me a alma ao pés. Pensei: — O bombardeio continúa. Estamos perdidos. Si cahir uma granada no pateo, no meio de tantas crianças, que mortandade, que carnificina! Só Deus nos pôde valer. Sagrado Coração, salvae os nossos alumnos!

Foi a hora mais triste de minha vida. Senti-me esmagado pelo peso da responsabilidade do meu cargo.

Com os gestos e com a voz pedia aos alumnos que se refugassem nas galerias lateraes e nos porões. Ia de um lugar para outro, entre os grupos de alumnos e salesianos, procurando inspirar tranquillidade e calma... que eu não tinha.

Notei, com satisfação, que todos os salesianos estavam no seu lugar, no meio dos alumnos, procurando animal-os e tranquillizar-os. Felizmente não se manifestára o panico. Seria um desastre.

Fui á portaria. Havia muitos alumnos no Santuario. Entrei e rezei com elles, procurando occultar uma lagrima que teimava em saltar dos olhos.

Outros estampidos foram ouvidos. A cada nova detonação as almas sentiam-se confrangidas numa dolorosa expectativa... Mas as granadas caíram na Al. Nothmann, no fundo do Lyceu.

Outras granadas

Logo depois, no meio da nuvem de pó e de calça produzida pela granada, appareceu, do lado do Externato, o nosso professor Tenente Porphyrio da Paz, gesticulando e gritando. Mas, no meio daquella confusão, ninguem o attendia. Feito algum silencio, ouvi-o dizer em altas vozes:

— Por piedade, um padre, que ahi na Al. Nothmann está morrendo uma christã.

Foi logo, corajosamente, o P. Leão Vallerie. A pobrezinha estava gravemente ferida e com muita calma repetia: "Vou morrer; chamem um padre do Lyceu!..."

O sacerdote confessou-a mesmo na rua. Transportada para a S. Casa, veio a fallecer logo em seguida. Era a irmã do saudoso Prof. Levy Gomes.

Pensei em mandar os alumnos para o Largo, na frente do Lyceu. Mas logo reflecti na fuga desabalada e cheia de perigos, que por certo isto viria provocar e conclui que era melhor ficarmos onde estavam, debaixo do nosso tecto, mais perto da Imagem do Sagrado Coração.

Alguns alumnos estavam realmente amedrontados. Muitos rostos pallidos, muitos olhos esbugalhados, fi-

tando o horizonte para os lados de Sant'Anna. Aper-tei diversas mãos frias e tremulas, que se enroscavam nas minhas, como a pedir protecção...

Os alumnos nos rodeavam ansiosos, agarravam-se aos nossos braços e perguntavam, com os olhos enormes:

- Sr. Padre, ha ainda perigo?
- Não; isto é, creio que não, espero que não...
- Mas o canhão?
- Parece que cessou.
- Que devemos fazer?
- Encommendar-nos a Deus.

Um
fe-
rido!

O P. Catechista veio dizer-me:

— Temos um alumno ferido.

— Ferido? Quem?

— Arnaldo Petersen Barreto, da divisão dos Me-nores. Está na enfermaria.

— Chame um medico, depressa. Vou já ver o pequeno.

Lá estava elle na cama. Já lhe haviam extrahido o estilhaço, que o ferira no hombro. Muito sangue. Fôra a terceira granada, justamente quando elle estava mais afastado, ás portas do refeitório.

— Não é nada, Arnaldo. Logo vem o medico. Verá que passa já. Não ha de ser nada.

O pequeno gemia:

— Mande chamar papae!

— Sim, vou logo telegraphar. Esteja socegado.

Fui ao telephone e pedi a Assistencia; debalde. Desci. O aspecto do Collegio era o mesmo, tragico e desolador. Redigi um telegramma para o pae do alumno

ferido. Percebi que a mão tremia e que me iam fal-tando as forças.

Masurgia tentar qualquer providencia para evitar a continuação do bombardeio do collegio. Para quem appellar? Voltei ao telephone. Funcionava mal. Ten-tei diversas ligações inutilmente. Por fim consegui li-gar com a redacção do "Correio Paulistano" e gritei:

— Está sendo bombardeado o Lyceu Coração de Jesus... Faça saber isso aos revoltosos.

— Sinto muito. Mas não temos nenhum meio de nos communicar com elles.

— Estão acertando no collegio, estão matando os meus alumnos. Barbaros! Diga isto a todos. Espalhe a noticia por ahi na cidade, para ver si chega até aos revoltosos.

— Vou ver; tentarei.

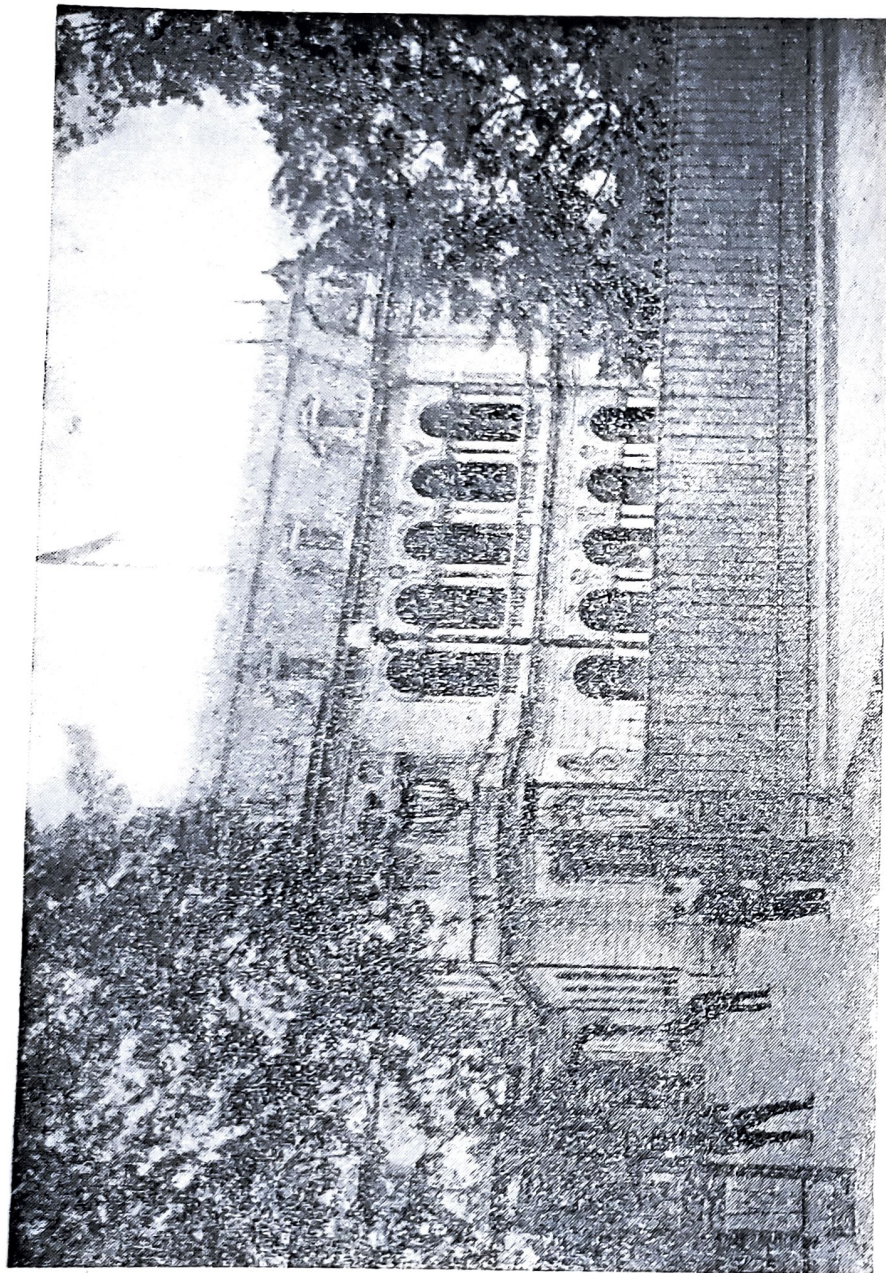
— Os Srs. da imprensa têm meios para alcançar tudo o que querem. E' favor, é caridade.

— Vou ver...

A portaria fôra invadida pelas familias dos alumnos. Gente aterrorizada andava de cá para lá á procura de alumnos internos e externos. Foi facultada a sahida a todos os que tinham familia ou correspondente em S. Paulo.

Foi admiravel a presença de espirito do P. Prefei-to. Apesar da confusão d'aquella hora tragica, todos os alumnos que se retiraram levaram o "bilhete de sahida", com a indicação da hora, da pessoa que le-vava o menino e respectivo endereço.

Chegou um official, o Tenente Oswaldo Piedade Trindade, sobremaneira calmo. O Governo, sabedor



O Palácio dos Campos Elíseos, residência do Presidente do Estado.

que haviam cahido granadas no Lyceu, mandava examinar os estilhaços para saber, pelo calibre, qual o corpo que estava revoltado.

— Então, o Governo não sabe donde vêm os tiros?

— Não sabe. É uma completa surpresa. Dê licença.

— Mal vai a coisa! pensei conmigo mesmo.

Chegaram os bombeiros com tres carros de incendio, buzinando fortemente. O alarme fôra dado pelo Tenente Villa Nova, da Força Publica. Estando em serviço de observação nos arredores do Lyceu e vendo a nuvem de pó e caliça levantada pelas granadas, pensou que tivesse havido incendio.

Os
bom-
bei-
ros

Entraram dois officiaes.

— Disseram-nos que havia incendio no Collegio.

— Não, senhor. Cahiram granadas, mas não se declarou incendio. Mas o que vem a ser tudo isso?

— Não sabemos. Nós vamos resistir. Muitos mortos?

— Nenhum, felizmente.

E chamando-os de lado, para que os alumnos não ouvissem (o ferimento do pequeno tinha passado quasi despercebido), expliquei:

— Não ha mortos, mas temos um alumno ferido e não conseguimos obter medico. E' urgente. Por outro lado, preciso falar com o Governo para pôr em salvo os meus alumnos, caso haja ainda perigo.

— Então aproveite o nosso automovel; leva-se o ferido á Assistencia e o Reverendo póde falar com o Secretario da Justiça.

Acceitei agradecido.

A Se-cre-taria da Jus-tiça Que triste trajecto o daquelle auto! O ferido, pallido e com a roupa manchada de sangue, ia nos braços do enfermeiro; dois padres e dois officiaes; no estribo um bombeiro de carabina embalada. Todos os olhares se dirigiam para aquelle carro, que passava fazendo ouvir continuamente o som triste e agudo da sereia de incendio. Rua S. Ephigenia, S. João, Quinze de Novembro: em toda parte uma multidão nos fitava e nos commiserava.

Chegamos á Secretaria da Justiça e o doente foi para a sala da Assistencia. Ouviam-se commentarios: "Coitado! os innocentes é que são as victimas!"

A Secretaria estava em pé de guerra; soldados e sentinellas de armas embaladas em toda a parte. Grande agglomeração de povo no Largo; o corredor da Policia, cheio. Cumprimentei alguns amigos e conversei ligeiramente com o Dr. Cardoso Ribeiro. Dei rapidas informações a um *reporter*.

Quiz entrar. A sentinella tinha ordem de não deixar passar ninguem. Insisti: os officiaes explicaram. Mas sem ordem não se entrava mesmo. Esperemos.

Veiu ordem para entrar um só. Subi. Muita gente nos corredores e nas salas: civis, auctoridades policiaes, officiaes, a missão franceza. Na ante-sala do Secretario, encontrei diversos amigos. Lembro-me do Dr. Moysés Marx, Dr. Gama Rodrigues, Cel. Afro Marcondes e outros. A todos contava summariamente o acontecido.

No meio de toda aquella azáfama e continuo vai-vem, o Secretario, calmo e sereno, no gabinete ao lado, em companhia de algumas auctoridades, recebia

informações, concertava planos. Era extraordinario vel-o assim tão senhor de si, attento a tudo, sem pressa. Era continuamente chamado ao telephone. Ouviam-se fragmentos de conversa:

— De Pinheiros?... Esta noticia é certa?... Pode-se contar com segurança?...

Na ante-sala a conversa animava-se.

Ahi mesmo circulavam boatos desencontrados: revolução no Paraná, em S. Catharina e na Bahia (justamente nos estados então mais calmos).

Eu, esquecendo-me um pouco da nossa tragedia, dava tambem a minha opinião:

— Não se fazem revoluções assim, usando artilharia contra uma cidade indefesa, bombardeando collegios.

Alguem maliciosamente avançou:

— Na sua opinião, Reverendo, como é que se deveria fazer eptão?

— Agitando ideias, fazendo propaganda. Ou si não, usando o processo de Mussolini ou de Primo de Rivera. Os demais methodos são pelo menos archaicos.

Chegára a minha vez. Podia entrar no Gabinete do Dr. Bento Bueno.

— V. Revma. não me conta nada de novo. Já sei de tudo.

— Então é excusado repetir o que já sabe. Mas eu vim tratar da vida e segurança dos meus alumnos. Si V. Excia. acha que lá não estão seguros, nesse caso ouso pedir ao Governo um abrigo qualquer. São 700 internos, são 700 vidas...

— Tem razão. Vamos ver isso. Para onde poderiam ir?

O
Dr.
Ben-
o
Bue-
no



A Secretaria da Justiça. Vê-se o rombo produzido pela granada que, no dia 8 de Julho, atingiu o angulo direito, precisamente o gabinete do Sr. Secretario.

— Um edificio publico, uma escola, um Palacio das Industrias, por exemplo . . .

— Lá não estariam bem seguros. Talvez na Immigração . . .

— Bem lembrado : a Immigração.

Interveiu o Dr. Marx, dando todas as informações : lá havia cozinha, muitos colchões, etc.

— E' do que nós precisamos.

Nisto o Dr. Secretario foi chamado ao telephone.

— Um momento. Depois acabaremos de falar.

Aproveitei a occasião para ir ver o menino ferido, em baixo.

Pedi informações ao medico que fizera o curativo, Dr. Jorge Tibiriçá Filho. "Não era grave, salvo complicação. Fractura exposta da clavicula."

Na mesa de curativos estava um official revoltoso com um ferimento, no pé. Parecia ter cara de poucos amigos . . .

O menino chorava. O curativo avivára a dor. Expliquei-lhe que seria levado ao Sanatorio de Santa Catharina, um padre iria com elle, eu o visitaria de tarde (somente uma semana depois consegui ir vel-o). O pae, já avisado, não tardaria em chegar, etc.

E lá se foi o Arnaldo para o Sanatorio, na Ambulancia da Assistencia, acompanhado pelo nosso enfermeiro.

Notemos aqui de passagem que nessa mesma tarde, no Sanatorio de S. Catharina, morreu um menino de 9 annos, Ulysses Garcia, ferido por granada na casa n. 12 da Al. Nothmann. D'ahi talvez proveiu a noticia inexacta da morte de alumnos do Lyceu.

Subi novamente, e desta vez com o P. C. F., para terminar a conversa com o Dr. Secretario.

Ata-
que
á Se-
cre-
ta-
ria?

Mas de repente ouviu-se tuzilaria proxima. Parecia ser na Rua Quinze de Novembro, porque o povo que enchia essa arteria, recuava em onda, confusamente. Pouco depois, o largo estava deserto e silencioso. Os soldados, que guarneciam a Secretaria, deitaram-se apontando as armas. Parecia imminente um ataque á Secretaria. Os que estavam nas janellas e saccadas retiraram-se promptamente; só ficaram os soldados, occultos, calados, attentos. Pelos corredores alguns civis armavam-se de carabinas; outros verificavam o proprio revólver. Aconselharam-nos a passar para uma sala do fundo. Já agora não se podia sahir.

Naquella sala afastada esperamos resignados. Quanto tempo? Não sei.

O meu companheiro não se conformava em ficar por lá. Tentamos sahir, mas tivemos que retroceder pela escada acima, antes de chegar ao rez do chão. «Fiquem; é muito perigoso sahir agora».

No pateo da Secretaria havia um bom grupo de soldados; distribuiam munições, carregavam as carabinas com a mesma indiferença com que accendiam os cigarros. A sentinella do portão já tinha improvisado a sua pequena trincheira redonda, e agora se deitava com mais conforto sobre a terra excavada e fôfa, apoiando a arma no semi-circulo de parallelipedos.

Mais tarde, na terceira tentativa, conseguimos sahir da Secretaria quasi deserta e nos retiramos para o lado do Carmo. Grupos de soldados de policia pelas esquinas, á espera de qualquer irrupção subitanea.

Na Rua Onze de Agosto, uma patrulha da Força Publica trazia preso um pequeno grupo de soldados do exercito. Os prisioneiros vinham petulantes, olhando sobranceiros, com um riso amarello. O da frente, um rapazelho imberbe, de cigarro ao canto da bocca, sem kepi, cabello bem penteadinho, ia dizendo: «Entreguem pra vocês; mas a paisanos, nós não entregava.»

Como arranjarmos um auto para voltar ao Lyceu? Os poucos que ainda encontramos no Largo da Sé recusaram-se terminantemente.

— Para os Campos Elyseos? por dinheiro nenhum.

— De lá venho eu. Não volto mais. Está um inferno.

Fomos bater á porta de S. Gonçalo. Lá encontramos gente amiga e um telephone para saber noticias do Lyceu.

A
São
Gon-
çalo

Recebeu-nos um bondoso Jesuita, santo e ingenio velhinho que não sabia de coisa nenhuma. Tratou-nos carinhosamente. Durante meia hora de continuas tentativas, não consegui telephonar ao Lyceu. Sahimos.

— Vamos de qualquer geito. Vamos a pé.

— E' perigoso. Não ouve os tiros?

— Mas é preciso ir para tratar da remoção immediata dos alumnos. Afinal de contas, de que vale a nossa vida individual? Estamos cumprindo um dever. Lá são 700. Vamos.

Na rua Marechal Deodoro encontramos o auto do nosso Professor Paulo de Freitas. Que felicidade! O carro tentou descer a Rua Quinze. Estalaram tiros

Ao
Ly-
ceu

proximos; o povo recuou em massa e o auto teve que esconder-se na Rua Barão de Paranapiacaba.

Mudando de rumo, conseguimos enfiar a Rua da Liberdade. Mas na altura do 5.º Batalhão da Policia, a sentinella nos embargou a passagem.

Emfim, experimentando caminhos e dando voltas, chegamos á Avenida Paulista, descemos pela Av. Angelica e pudemos chegar finalmente ao Lyceu, pelo meio dia. Nessa hora os alumnos estavam refugiados nos porões, pois do Palacio viera aviso de novo bombardeio.

Conversei rapidamente com os Padres, communiquei a nossa retirada para a Immigração, reuni os alumnos na portaria e lhes disse:

— «Este estado de coisas póde prolongar-se ainda. Temos que sahir do Lyceu. De accordo com o Governo, com o qual acabo de combinar, vamos agora para a Immigração, na Moóca. Lá estaremos seguros até que termine esta anormalidade. Deixem a roupa preparada; será enviada de tarde em caminhões. Promptos: para o dormitorio!»

Uma telephonada do Major Luiz Ferraz, Director da Hospedaria dos Immigrantes, me annunciava que já havia recebido communicação do Governo e que estava ás ordens para tudo. Os alumnos iriam logo. Combinamos o itinerario menos perigoso. Com que effusão agradeçi!

Para
a
Im-
mi-
gra-
ção

Ao signal do Director começou o exodo. Iam todos a pé: não havia bondes nem autos. Foram infructíferas as tentativas do P. Catechista, que tinha ido á Light para arranjar bondes especiaes: todos os per-

curso para a Moóca atravessavam zonas de tiroteio. Os alumnos iam sem uniforme e sem trouxas de roupa para evitar embaraços e perigos.

Sahiu na frente a divisão dos Menores acompanhados pelo P. Catechista e pelos respectivos assistentes. O relógio da torre marcava 12.15 hs.

Em 20 minutos o Collegio ficou vazio. Muitos alumnos — mais de duzentos — já tinham sido entregues aos paes e aos correspondentes. Os demais, divisão por divisão, com intervallo de poucos minutos, partiram precedidos por um guia, acompanhados pelos respectivos Assistentes e por dois sacerdotes, o P. Catechista e o P. Conselheiro Escolar.

— Deus vos acompanhe. Eu vos alcançarei de tarde. Até logo.

Apezar de todas as precauções tomadas, eu não conseguia tranquillizar-me, pensando:

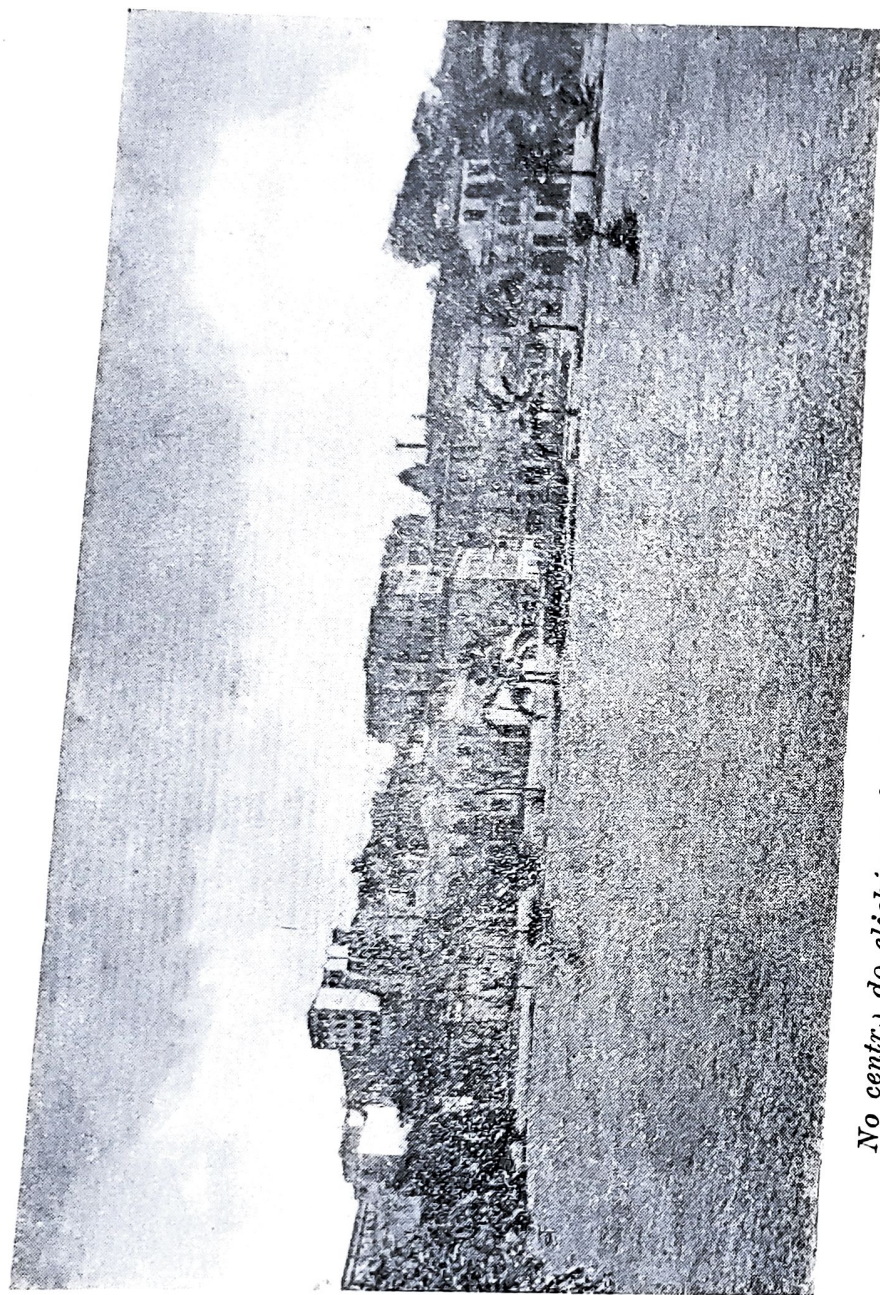
— Poderiam chegar á Immigração sem perigo? Não errariam o itinerario combinado? Alguma interrupção, algum tiroteio proximo, quem sabe!

Meia hora depois, mandei atraz delles um moço:

— Vá por tal caminho. Pergunte pelos alumnos. Chegue até a Immigração e volte logo para me dizer que chegaram bem.

O moço foi, mas não poudo mais voltar. Lá ficou cinco dias na Immigração.

Os alumnos se retiraram no ultimo tempo util. Uma hora mais que se domorassem, tornar-se-ia impossivel a remoção d'elles, pelo intenso tiroteio que se generalizou ao redor do Lyceu e na cidade.



No centro do cliché: os fundos da Secretaria da Justiça onde estavam assentadas as metralhadoras.

Os meninos haviam chegado bem. Tive noticia por telephone e respirei como alliviado de um pesadello. Somente mais tarde soubemos do grande perigo por que passaram os Maiores na Varzea do Carmo...

Narremos o facto. A divisão dos Maiores, depois de dar varias voltas, tinha alcançado a Varzea do Carmo e procurava caminho para a Immigração.

Ao lóbrigar ao longe aquelle grupo de moços a caminharem por entres as arvores do parque, os soldados que defendiam os fundos da Secretaria da Justiça, que fica justamente a cavalleiro do parque, pensaram que se tratava de uma força revolucionaria. Nada menos!

E note-se que os alumnos, muito de proposito, iam sem uniforme. Isto dá uma prova do nervosismo e da geral confusão daquella hora.

Foi dado o alarme.

— Uma columna revoltosa avança cautelosamente na Varzea para atacar-nos.

— E' cavallaria e infantaria. Vêm-se as patas dos cavallos atravez das arvores. Promptos: metralhadoras em posição!

Foram logo assestadas tres metralhadores no terço do fundo. Foi feita a pontaria com toda a precisão.

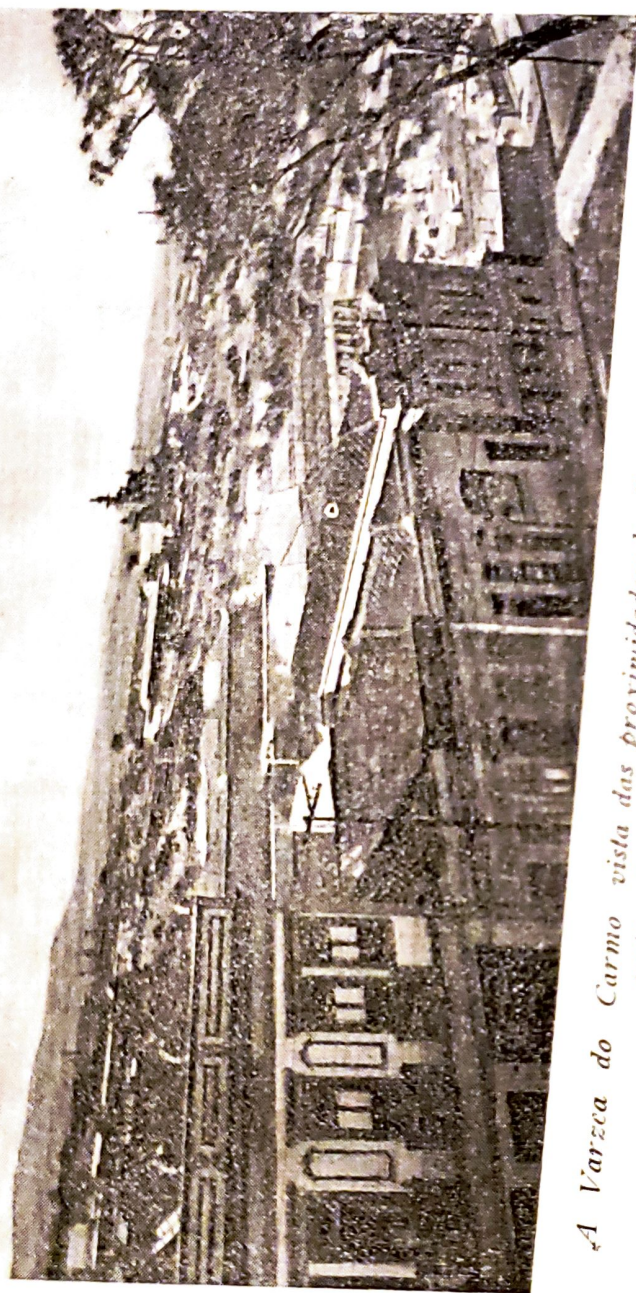
Um official, mais nervoso, queria romper logo o fogo. Mas outro ponderou:

— Não vá espantal-os. Esperemos mais um pouco para que cheguem todos ao alcance. Não escapa nenhum. A metralha varre tudo.

Passaram-se alguns momentos de soffrega expectativa e silencio.

Um
gran-
de
peri-
go

A Varzea do Carmo vista das proximidades da Secretaria da Justiça. Quasi no centro da gravura avulta o Palácio das Indústrias.



Providencialmente appareceu naquella hora o Dr. Bento Bueno.

— Mas é muita audacia, disse o Secretario da Justiça, atacar-nos assim a descoberto. E logo com infantaria e cavallaria: são muito atrevidos. Esperem um pouco.

E foi buscar um oculo de alcance para ver melhor os assaltantes e verificar o effeito da metralha.

Todos a postos. Agora vae começar a chacina...

— Parem! parem! exclamou de repente o Dr. Bento Bueno. São os alumnos do Lyceu Coração de Jesus! Pa-rem!

Bemdicto o braço que deteve aquelles instrumentos de destruição e de morte! Um minuto mais, e uma chuva de ferro e fogo iria dizimar os nossos alumnos.

— São elles, não ha dúvida. Lá está um vulto preto; é um padre. Ha pouco combinei com o Director do Lyceu que os alumnos iriam para a Hospedaria dos Immigrantes.

O caso foi-me contado com todos os pormenores pelo proprio Dr. Bento Bueno.

No collegio, agora quasi deserto, tinham apparecido diversas pessoas apresentando sentimentos pelo desastre soffrido e offerecendo prestimos: o Conego Ladeira, em nome do Sr. Arcebispo, o Consul Italiano, o P. Dalla Via, o Sr. A. Campos, diversos professores e muitos amigos. Gratissimo por tanta dedicação.

O P. J. S. veio fazer uma visita e avisar, muito em segredo, que lá estava, occulto no *chalet* do Capellão das Irmãs, o R. F. Tinha chegado a pé, esbaforido, sem chapéo... Tranquillizei-o:

— São coisas muito naturaes. Com os nervos que elle tem, podia ter ido parar até mais longe.

— Então, eu volto para lá.

— Sim, volte; tranquillize as Irmãs e o seu hospede.

Dava umas voltas e tornava a despedir-se, terceira e quarta vez.

— Então, eu vou mesmo.

E foi.

Appareceu tambem o P. Serena, o sacerdote que estava na Chacara com os alumnos da Quinta Divisão, uns 60 meninos de primeiras letras.

— Como conseguiu vir?

— A pé, pela Casa Verde.

— E por lá?

— Sem maiores novidades, a não ser o echo dos tiros e os boatos terrificantes. Vim ver si o Lyceu estava mesmo arrasado.

— ?!

— Lá chegaram, correndo apavorados, dois ajudantes de cozinha aqui do Lyceu, jurando que isto está um inferno, que o collegio foi destruido, que morreram muitos padres e alumnos, que cahiu a torre, etc. Como o telephone não funciona, vim ver com os olhos.

— Que dois patifes aquelles! (patife, no sentido mineiro). E agora?

— Agora volto para a Chacara.

Mas foi impossivel voltar. O Lyceu estava rodeado de fogo. Ninguem mais conseguiu sair.

Os soldados que defendiam o Palacio Presidencial installaram uma trincheira bem no angulo do Lyceu, esquina da Al. Glette com Al. Barão de Piracicaba. Ás 4 horas da tarde, os soldados, apesar de poucos, iniciaram um fogo terrivel.

Foi impossivel mandar para a Immigração a roupa dos alumnos. Igualmente foi impossivel a minha ida, como desejava e como havia combinado.

Na Immigração estavam os alumnos que não tinham podido ir para a casa dos paes ou dos correspondentes — uns 400 — dois sacerdotes, 8 clerigos e 3 irmãos coadjutores. Os demais ficamos no Lyceu, literalmente fechados num circulo de fogo.

Por medida de prudencia ficou estabelecido: “Nem luz, nem toques de sino na torre; ninguem deve lá subir”.

A's 8 horas da noite lembrei-me que não tinha almoçado nem jantado; quiz tentar uma refeição sumaria na dispensa, embora sem nenhuma disposição. Mas era preciso, para não perder o costume...

Na
dis-
pen-
sa

Lá appareceu tambem um soldado — um bombeiro — que, tendo passado todo o dia sem comer, estava disposto a jantar por dois.

Pouco depois, entrou na dispensa o P. Prefeito, á procura de comida para os soldados da trincheira da frente; lá se foi elle carregado de pão, queijo e salame. Tambem o P. Meiners foi buscar alguma coisa para os da trincheira da Al. Nothmann, na porta das Escolas Profissionais. E assim fizeram diversas viagens, nas ultimas das quaes carregavam garrafas de vinho — “uma para cada dois soldados, que era para dar coragem”, explicavam.

No mesmo serviço continuaram nos dias seguintes.

A 1.^a noite de fogo E veio a primeira noite tormentosa. A trincheira que ficava no angulo direito do Lyceu, fazia um fogo terrivel, continuo, de fuzis e de metralhadoras.

Pelas 9 horas telephonei aos jornaes, pedindo noticias e indagando si havia perigo de novo bombar-



O alumno Arnaldo Peterson Barreto, ferido por um estilhaço da 3.^a granada.

deio durante a noite. Ninguém sabia de nada. Só informavam que estava generalizado o tiroteio nas ruas do centro da cidade.

Diversas telephonadas de pessoas amigas pediam-nos com delicada insistencia que fossemos dormir nos porões, que era muito perigoso ficar no 1.^o e no 2.^o

andar, que durante a noite iam bombardear o Palacio, etc., etc.

Cedi, e foi a unica noite que passei fóra do quarto. Fui dormir no meu escriptorio.

Dormir?! Naquella noite parece-me que ninguem em S. Paulo conseguiu dormir, e muito menos eu com aquella trincheira á distancia de poucos metros em continua actividade. De manhã verifiquei que durante a noite haviam cavado outra trincheira subsidiaria, bem na frente da minha janella.

O canhão fez-se ouvir espaçadamente: ás 10 horas, a 1, ás 2 e ás 4 da manhã.

O tiroteio daquela primeira noite foi terrivel. Do meu escriptorio ouviam-se perfeitamente as conversas e as ordens da trincheira. A's vezes faziam fogo á voz de commando:

— Carregar; apontar; fogo!

No angulo do collegio, o crepitar da fuzilaria, entremeadada pelos latidos convulsos de uma metralhadora pesada, durou a noite inteira.

CAPITULO II

Fechados num circulo de fogo

6 de Julho.

Que triste domingo este! O Santuario mantem-se fechado. Os sacerdotes celebram ao som da fuzilaria e da metralha. De vez em quando um canhão. No largo da frente cruzam-se incessantemente as balas. A's vezes ouve-se o retinir de alguma batendo em cheio

Do-
min-
go

nos postes da luz ou nos lampeões do gaz. Uma ou outra entra pelas janellas. Cuidado!

No pateo central foram encontradas umas 20 balas.

Celebrei no altar do S. Coração. Quando me voltava para dizer o *Dominus vobiscum*, sempre encontrava o meu ajudante encolhido num desvão, debaixo do arco lateral da capella. Não atinava com a razão de tal posição, algo anti-liturgica. Apressava os movimentos reclamados pelo serviço e voltava logo para o seu cantinho.

Só entendi mais tarde, ao ouvir de outro sacerdote que, contemporaneamente, ao som do mesmo canhoneio, celebrára no altar mór, invocar essa circumstancia local como prova de heroismo authentic...

— Tudo isso era só prudencia, Sr. J.?

— Natural! Si cahisse a abobada, eu ainda me salvava debaixo do arco.

— Qual! antes disso, você... abria arco.

Das janellas do 1.º e 2.º andar póde-se ver o que vae por fóra. As ruas desertas, as casas fechadas, silenciosas. No alto do Palacio Presidencial tremúla a Bandeira Nacional, firme, erecta, superior ás paixões humanas. Parece acenar aos transviados, apontando-lhes os altos ideaes e os grandes destinos da Patria!

Mas cá em baixo a lucta ferve. Após breve intervallo, a fuzilaria augmenta. Das nossas janellas vêm-se os soldados da trincheira e acompanham-se todas as peripecias da lucta.

Que valentes! São tão poucos e sustentaram um fogo tão terrível durante a noite inteira, sem descanso.

No Lyceu haviam ficado doze alumnos, entre doentes e convalescentes (de caxumba). Lá estavam elles na segunda enfermaria. A's vezes assomavam ás janellas que dão para os pateos, estranhando o silencio de dentro e o grande barulho de fóra.

Era preciso de vez em quando ir visital-os e agradecer a proposito do tiroteio, para tirar-lhes a impressão, que alguns não escondiam.

E na Immigração, como iam os nossos alumnos?

Ouçamos o que diz o P. Catechista em seu minucioso *Relatorio*:

"Depois de mais de uma hora de caminho, chegamos á Immigração. Os primeiros a chegarem foram os Menores. A Directoria da Immigração estava á espera logo na entrada. O P. Catechista apresentou-se ao Director, Major Luiz Ferraz, que acolheu os alumnos com carinho deveras paternal.

"Os alumnos ao entrarem deixavam na portaria o respectivo numero de matricula. Entraram 376.

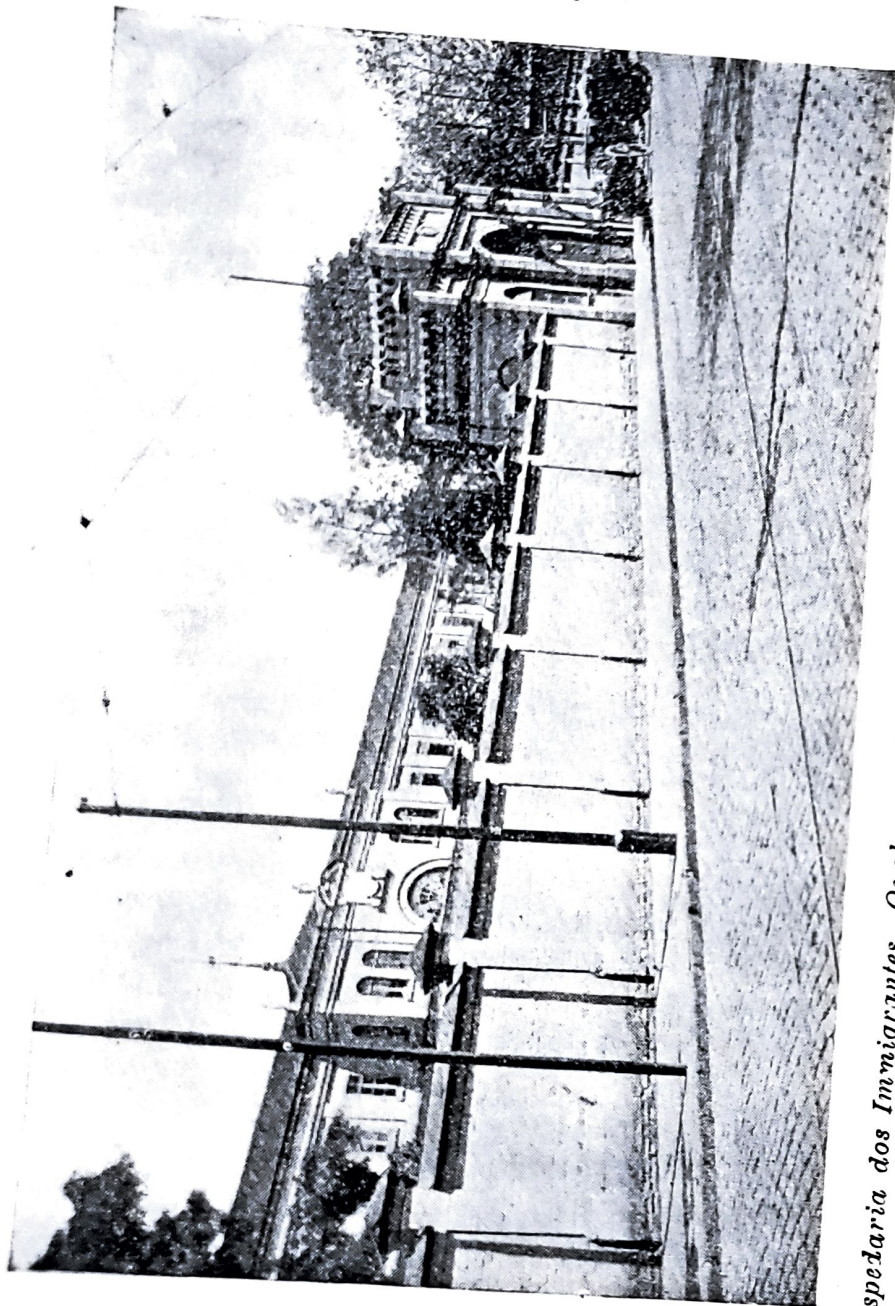
"A impressão que nos produziu o edificio da Hospedaria dos Immigrantes foi das melhores.

"Distribuiu-se logo café e pão em profusão. A Directoria da Immigração serviu as refeições aos alumnos em material completamente novo, de folha.

"Durante o café já muitas pessoas vieram buscar os alumnos. O exodo continuou até a noite, tendo sahido mais de 50 alumnos.

"Algumas horas após a nossa chegada, o P. Director communicava-nos pelo telephone ser impossivel mandar a roupa que os alumnos haviam deixado, visto ter-se intensificado o tiroteio do redor do Lyceu.

Na
Im-
mi-
gra-
ção



Hospedaria dos Imigrantes. Os alumnos do Lyceu lá estiveram abrigados de 5 a 10 de Julho.

Dava graças a Deus por se terem os alumnos retirado em tempo; seria impossivel ficarem elles no Lyceu, pois as cousas peoravam de hora em hora.

“Sabendo que não poderiam os alumnos receber a propria roupa, a Directoria da Immigração forneceu-nos cobertores.

“Pelas oito horas fomos rezar as orações num vasto salão denominado “sala da matricula”. Os alumnos rezam com fervor e accrescentam ás orações communs “uma Salve Rainha a N. Senhora para que nos livre de todo perigo”.

“Fomos depois aos dormitorios no primeiro andar, tres salões com camas superpostas. Depois de muito trabalho, conseguiu-se que todos ficassem em silencio e apagaram-se as luzes.

“Os padres, clérigos e salesianos coadjutores percorriam continuamente os dormitorios desfiando as contas do rosario. Entretanto os alumnos não podiam conciliar o somno.

“Ao passarmos pelas camas, perguntavam os meninos: “Sr. Padre, ha perigo aqui?” Tranquillizados procuravam dormir. Baldado esforço. O tiroteio da Varzea do Carmo era perfeitamente ouvido e com uma intensidade e continuação assustadoras. Nas vizinhanças, especialmente em frente ao edificio de Immigração, nas officinas da Central, onde estavam entrincheirados os revoltosos, ouvia-se uma fuzilaria continua.

“Durante a noite chegaram á Immigração quatro officiaes legalistas: um Coronel, um Tenente aviador, um Tenente e um Sargento, ordenança do Coronel.

A presença desses officiaes veio trazer-nos maior desasocego, pois não era difficil que os revoltosos, postados em frente ao edificio, os descobrissem e então...

" varias vezes desci durante a noite e me entretive com elles. Tinham sido mandados ahi para receber a tropa, que devia chegar de Caçapava nessa mesma noite. Elles communicavam-se continuamente com a Secretaria da Justiça".

Ati-
ram
con-
tra a
torre

Cá no Lyceu, pelas 9 horas, uma novidade: começou a ser alvejada a torre! Um tiro, *mais outro, outro mais, emfim dezenas...* As balas faziam um ruido secco, desagradavel, irritante. Eram balas explosivas; estalavam de encontro á torre e ás vezes produziam uma nuvenzinha de caliça, que parecia mesmo fumaça.

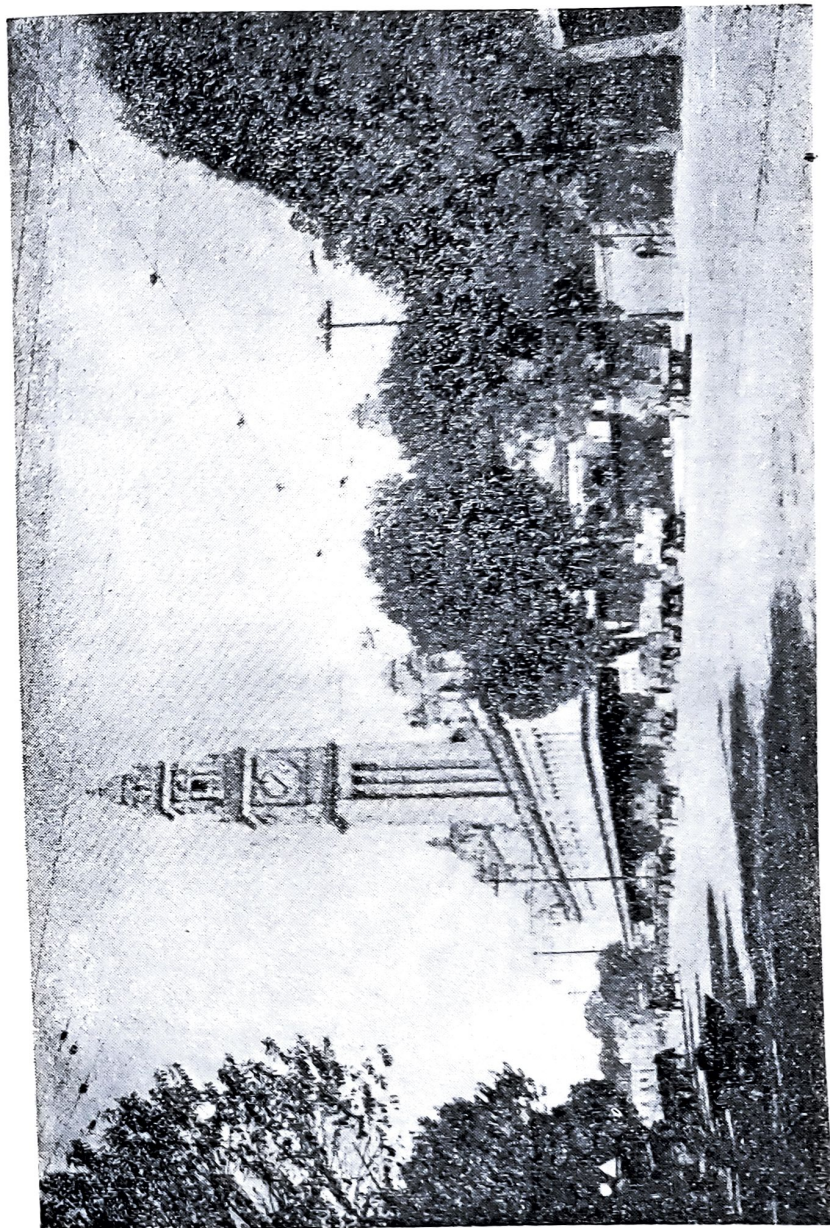
O fogo, ao que parece, vinha da Luz, talvez da torre da Estação da Luz, e da Al. Cleveland occupada pela cavallaria revolucionaria.

O relógio da nossa torre, com o mostrador já avariado, parou ás 9.30. E ficou immovel até o mez de Agosto. Seria um protesto?

O almoço passou-se com esta musica, com grande irritação do P. Falconi, que não tolerava tal desrespeito á torre do Santuario. E quanto mais protestava, mais augmentava o tiroteio e o desrespeito...

Nosso refeitório funcionava no porão, medida de prudencia para evitar as balas perdidas, as de ricochete e as outras...

No porão-refeitório comia-se pouco, conversava-se muito. Desta vez, ainda havia carne e pão da vespera,



A Estação da Luz, de cuja torre os revolucionarios alvejavam a torre do Lyceu.

generos de luxo, que foram acabando aos poucos, assim como foram desaparecendo os cozinheiros e os copeiros... Mas nem por isso se deixou de comer.

— Que seria de nossos alumnos si não tivessem sahido em tempo? Com este fogo infernal, dia e noite, com tanta bala que attinge o Collegio, sem mantimentos!

— A proposito: façamos o inventario dos mantimentos, para organizar o *menu* e para *dosar* as nossas refeições.

Resultou que generos de primeira necessidade tinhamos em abundancia, naturalmente excluindo carne, pão e leite, acepipes nos quaes era prohibido pensar. Mas em compensação havia muitas caixas de bacalhau e de cebolas. Total: o Lyceu poderia resistir por tempo indefinido.

Um
mor-
to

Ao meio dia, um pobre velho que tentou atravessar a Al. dos Andradas, foi baleado, cahindo morto debaixo da janella da nossa cozinha. Deram-lhe a absolvição de dentro do collegio. Devido ao tiroteio ininterrupto, não foi possivel retirar o cadaver.

Communiquei o facto á Assistencia: não tinha mais ambulancias, mas tentaria assim mesmo providenciar para a remoção, o que realmente se deu, 24 horas mais tarde.

Effei-
to
das
gra-
na-
das

O P. Meiners levou-me ao edificio das Escolas Profissinaes a ver os estragos causados pelas granadas.

Pela escada muita caliça, caibros e tijolos. Subimos com dificuldade. A "Sala de Exposição das Escolas Profissionais" apresentava um espectaculo desolador.



Escolas Profissionais do Lyceu. A sala de Encadernação depois do bombardeio.

Foi attingida em cheio pela 1.^a granada. O telhado e o forro de estuque haviam cahido, atulhando o interior e espalhando-se por sobre os moveis destruidos. Vigas, caibros, taboas, telhas, tijolos, livros, quadros de formatura, caliça, typos, clichés, tudo pelo chão, numa desordem infernal.

Esta sala occupa o angulo do edificio, bem na esquina da Al. Nothmann com a Al. Barão de Piracicaba. Era a unica sala em que não havia gente na ocasião do bombardeio.

Ao lado está o grande salão da Encadernação e Alfaiataria. Foi attingido por duas granadas. O telhado abriu-se num grande rombo de 20 metros de comprimento por 8 de largura.

O mesmo aspecto desolador, a mesma desordem da 1.^a sala. Cacos de telhas, pedaços de vigas e de estuque recobrem as grandes pilhas de livros e cadernos espalhados pelas mesas da officina. As janellas não têm uma vidraça intacta.

— Veja a força dos estilhaços: vigas de 20 por 8 cm. de espessura cortadas de golpe, como si fossem palitos !

— E até pilhas de livros: o estilhaço perfurou 8 livros sobrepostos e mais a mesa grossa.

Na parede, toda crivada de orificios, avulta intacto o crucifixo, dominando e confortando aquella desolação.

No pavilhão das aulas ha tambem quatro salas, as mais proximas, attingidas pelos estilhaços, que abriram grandes fendas no forro de estuque.

Em baixo da Exposição e da Encadernação, isto é, no Escriptorio e na officina de Impressão, cairam tambem estilhaços das tres granadas; abriram uns 20 orificios no assoalho e no forro, mas não feriram ninguém.

— Veja que prejuizos! exclamava o P. G. M. indignado.

— Podia ter sido muito peor.

— E si chover nestes dias, quantos estragos não fará a chuva!

— De minha parte confesso-lhe que, desde que não houve victimas, não sinto o menor pezar.

Dias depois, quando poudes reunir alguns empregados mais animosos, tratou logo de concertar o telhado das officinas. Na falta de telhas, arrumou-se com folhas de zinco.

Quando o tiroteio era mais intenso ou quando alguma bala assobiava ahi por perto, os trabalhadores debandavam para recommear no dia seguinte o serviço, que estava tanto a peito ao P. G. M.

Mas não choveu...

A's 4.30 da tarde, um official acompanhado por um soldado visita a torre e verifica que de facto lá não ha ninguém.

Um Tenente que está nas trincheiras, falando ao Cl.^o Edgard Rocha pela janella da sala, insiste que não se deixe ninguém atirar do Lyceu...

— Mas si d'aqui ninguém atira. Agora mesmo acabam de verificar.

O Tenente tambem preveniu-o de que era bom que ficasse desoccupado o andar superior...

Sus-
pei-
tas

Noi-
te
es-
cura Nesse dia foi cortada a luz electrica. O telephone ainda funcionava para alguns pontos da cidade.

Sobrevem a noite. O Lyceu está completamente ás escuras. Alguns vão á cata de velas e phosphoros. Outros se resignam a prescindir da luz artificial: deitam cedo e, em compensação, levantam tarde...

Naquellas noites tetricas, antes de me recolher, ia ao altar de N. Senhora para encommendar-lhe a guarda e protecção dos nossos alumnos, que estavam na Immigração. Daquelle altar, voltando-me na direcção da Moóca, lançava-lhes a benção de N. S. Auxiliadora.

Durante a noite augmentou o bombardeio. Ouvia-se uma forte fuzilaria, que parecia vir do centro da cidade. Eram as metralhadoras do Governo, collocadas nos dois viaductos, que sustentaram um fogo incessante.

Ouçamos como passaram o dia 6 os nossos alumnos que estavam na Immigração:

Na
Im-
mi-
gra-
ção “Depois dessa primeira noite tempestuosa, foi geral a sensação de allivio, quando raiou a manhã de 6 de Julho. O tiroteio da Varzea do Carmo continuava, porém menos intenso. Foi-nos possivel dizer missa, pois na vespera havíamos pedido á Matriz do Braz os aviamentos necessarios.

“Os alumnos puderam tomar com socego seu café e pão com manteiga, devido ás providencias do Sr. Calvi. Este benemerito salesiano não parava dentro de casa; expondo-se embora a serios perigos, trabalhava continuamente para que aos alumnos nada faltasse. Naquellas criticas circumstancias, quando familias inteiras, impossibilitadas de sahir á rua, soffriam

tantas privações e até fome, os nossos alumnos tinham toda abundancia: não lhes faltou nem a sobre-mesa, que foi sempre servida no almoço e no jantar, com fartura e variedade.

“Os pequenos, brincando despreoccupadamente pelos pateos da Immigração, já pareciam esquecidos dos perigos que os rodeavam. Organizavam jogos, corriam e brincavam, como si nada houvesse. Os mais crescidos, em grupos, commentavam animadamente noticias e boatos.

“Mesclados aos alumnos, diversos Immigrantes faziam seu recreio e tambem tratavam do asseio. No vasto pateo lavavam a roupa e, sentadas em tamboretas de viagem, as mães davam busca a... *animas bravios*, que infestavam as cabeças de seus filhinhos. Gritos em hespanhol e em allemão, imprecações e interjeições misturavam-se com as vozes dos nossos alumnos, que, com seus ruidos e folguedos, pareciam querer fazer-nos esquecer a tristeza daquellas horas.

“Durante o dia muitos foram os alumnos que se retiraram.

“Era impressionante a agitação que se via pintada no rosto dos parentes, que ansiosos pediam noticias de seus filhos. Os encontros eram emocionantes e eram interminaveis os beijos e os abraços... Por quantos sustos e incertezas tinha passado aquella pobre gente!

“Na segunda noite, os alumnos ficaram bem accommodados e puderam dormir um pouco mais. Os tiroteios, porém, eram ensurdecadores. Nessa noite de-

ve ter havido forte luta na Estação do Norte, pois os tiros pareciam vir dahi bem perto.

“Passei quasi toda a noite ao lado dos officiaes, que continuavam ansiosos á espera das tropas que deviam chegar e não chegavam. De vez em quando sahia cautelosamente um delles e fazia uma perlustração pela linha, voltando sempre com a mesma resposta: “Tudo calmo; o pessoal não apparece.”

(Do Relatorio do P. Catechista)

7 de Julho.

Dia de tiroteio como o de hontem. A nossa trincheira augmentára: tem agora uns 20 homens. Ha policia, exercito, bombeiros, guarda civica e paisanos. Os officiaes confundem-se com os soldados: atiram deitados, sem parar.

A
trin-
chei-
ra

Ha mais outra metralhadora, que faz fogo da janella da casa do angulo, casa completamente occupada pelos soldados.

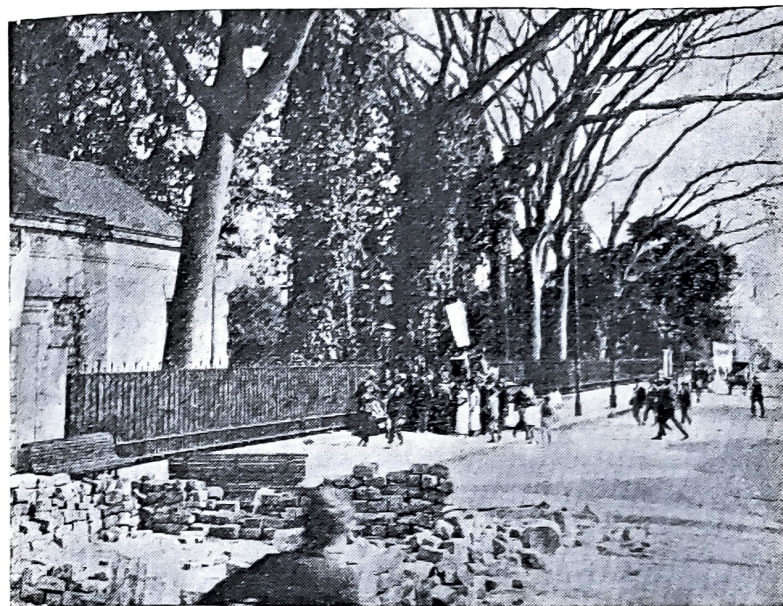
Foi aberta uma communicação com o Palacio do Governo, atravez dos muros dos quintaes; vão e vêm soldados e munições.

No quintal da casa vizinha alguns soldados cozinham em latas de kerozene, remexendo de vez em quando com um pedaço de pau.

Na trincheira destaca-se um official baixo de estatura, alentado, corajoso até a temeridade. Atira de pé. Fervem os tiros, silvam as balas e elle de pé, dormindo na pontaria. Atira e pergunta ao soldado, que observa:

Der-
ru-
bou?

— Derrubou?



Na frente do Palacio dos Campos Elyseos - Restos da trincheira legalista.

— Não.

Novo tiro: — Derrubou?

— Derrubou.

Outro tiro: — E este?

— Tambem.

E assim, de pé e certo, foi atirando horas a fio. Parece-me que se chamava Tenente Teixeira.

A' 9 horas, com muito custo, consegui ainda telephonar á Immigração. Tudo por lá ia bem, relativamente, já se entende. Foi aquella a ultima telephonda. Depois d'isso, por todo o resto do mez, não funcionou nenhum apparelho. Estavamos completamente isolados.

Con-
ver-
sa
fiada

Consolemo-nos: para o almoço ainda havia um pouco de carne picadinha e estorricada, servida em doses homeopathicas, e umas fatias de pão durissimo.

Nunca o bacalhau foi achado tão saboroso como naquelles dias...

Discutiam-se valentias e heroismos.

— Afinal de contas, dizia um, somos todos uns heroes. Apesar do bombardeio, não deixamos de almoçar.

— O mais corajoso sou eu, dizia alguém.

— Porque?

— Porque hontem celebrei no altar mór, quando todos preferiam os altares lateraes...

— Mais tarde dever-se-á escrever um capitulo sensacional: "*Raid* de velocidade e resistencia de um heroe sem chapéo". Outro titulo: "Retirada estrategica de barrete..."

— Vocês esquecem o capitulo mais importante: "A heroica resistencia do Santuario".

— Caçoem, caçoem! E' melhor tratar do heroismo e das ruinas das Escolas Profissionaes...

Nesta altura, um tiro de peça poz ponto final na conversa fiada.

Durante o dia ouviu-se, espaçadamente, algum canhão. Eram os canhões da Marinha postados no pateo do Carmo.

A nossa meditação de hoje foi constantemente *pontuada* por esses tiros. Então o leitor parava um pouco e todos aguçavam o ouvido para escutar onde iria arrebentar a granada...

Pelo meio dia, um pequeno sobresalto. Alguem batia nervosamente de dentro do quartinho que fica ao pé da primeira escada das aulas, onde agora funciona a Caixa Escolar. Quem teria entrado assim pela janella da rua?

— Abram! Abram!

Abriram. Era um Tenente da Força Publica, de revólver em punho. Queria ver a torre de onde soldados revoltosos estariam fazendo fogo, dizia elle.

— Na torre não ha ninguém absolutamente, garantando-lhe.

— Mas...

— Desde o dia 6 de manhã guardei as chaves commigo e lá não subiu alma viva. Entretanto, faço empenho que vá verificar pessoalmente.

Fomos. Abri a porta e fiquei ao pé da escada esperando. Subiu cautelosamente, sem kepi.

Um quarto de hora depois, desceu e desta vez guardou o revólver.

— De facto, não ha ninguém. Os tiros contra esta torre vêm da torre da Luz, porque são quasi horizontaes.

Antes de sahir, o dedicado Tenente travou boa amizade com os padres e deu-nos uma longa palestra. Era o Tenente Luiz dos Santos, o que commandava a guarda do Palacio dos Campos Elyseos na occasião do ataque dos revoltosos.

Contou-nos como se passára aquelle facto epico da defesa dos Campos Elyseos. Com uns 15 soldados resistiram ao ataque repentino dos revoltosos, em numero superior e munidos de 4 metralhadoras. Algu-

Abram!

Tenente
Luiz
dos
Santos



Defesa do Palacio dos Campos Elyseos. Forças legalistas dentro do Palacio á espera de um ataque dos revoltosos.

mas tinham sido tomadas *a muque* aos assaltantes, e estavam agora sendo usadas contra os revoltosos. Um bom contingente do 4.º de Caçadores, de Sant'Anna, tinha chegado, depois de longa marcha, para reforçar a defesa do Palacio, que os revoltosos se obstinavam em querer tomar a todo transe. A qualquer hora deviam chegar as forças de Caçapava e de Lorena.

Eram estas as primeiras noticias que tínhamos de boa fonte.

Pouco depois e pelo mesmo caminho, outro official (e sinto não lembrar o nome) veio dar-nos dois dedos de prosa. Por elle soubemos que tinham orga-

nizado nos Palacio dos Campos Elyseos um hospital de sangue.

Offerecemos os nossos serviços no hospital, especialmente a assistencia religiosa aos feridos e moribundos. O official disse que levaria ao Dr. Carlos de Campos, Presidente do Estado, o offerecimento dos Salesianos.

O amavel official promptificou-se para transmitir qualquer recado nosso; elles dispunham ainda de algum aparelho telephonico.

Pela tarde, um official batia numa janella do lado da bibliotheca, pedindo duas cousas: uma pá para cavar trincheira daquelle lado e uma taboa para transportar um morto...

A *nossa* trincheira, a do angulo da sala de visitas, tinha sido aperfeiçoada: iam desapparecendo os parallelipipedos que calçavam a rua e ia progressivamente crescendo o anteparo de pedras dos incansaveis atiradores. Já agora era uma trincheira com defesa dupla: um pequeno corredor entre dois muros de parallelipipedos.

Um soldado da guarda civica, velho e pesadão, ia-se arrastando de vagar, rente com o chão, talvez com excessiva cautela.

— Está com medo, *seu burro*? — gritou-lhe um official da janella.

— Medo não, *seu* Tenente. — E, rejuvenescido, voltou depressa para o seu lugar.

Nesse dia houve um morto na trincheira. Foi um caso impressionante e como tal foi commentado pelas rincheiras todas da cidade.

Foi
cas-
tigo?

Era num desses momentos de tregoa em que de lado a lado, como por tacito accordo, cessava completamente o tiroteio. Um soldado, que occupava um dos pontos extremos da nossa trincheira, bem perto da Pharmacia Coração de Jesus, entendeu de gracejar com os collegas, garantindo que ia atirar contra a estatua da torre.

Erguendo-se de pé, apontou o fusil, dizendo com ares desabusados:

— Vou experimentar a minha pontaria no santo.

— Não brinque com essas coisas, disseram-lhe os outros.

— E ha de ser bem na cabeça, disse elle, fazendo pontaria.

No mesmo instante, um estalido secco na trincheira revolucionaria da Al. Cleveland: um tiro certo na cabeça o fulminou. Cahiu de costas sem dizer um ai!

O facto foi-me narrado pelo Tenente Amilcar Salgado dos Santos, (1) que naquella occasião commandava a trincheira da Rua Cons^o. Nebias, esquina da Rua Helvetia. Ouviu-o contado e commentado entre soldados da policia e do exercito da sua trincheira, os quaes rematavam dizendo:

— Foi castigo!

Na
Im-
mi-
gra-
ção

E na Immigração, que novidades? Nenhuma comunicação. O telephone já não funcçionava. Consultemos, com prudência, o *Relatorio*:

(1) O Tenente Salgado é um distincto official do Exercito e um fecundo escriptor. E' autor de varias obras historicas, entre as quaes uma sobre a revolução de 1924: "A Brigada Potyguara".

«No dia 7 continuou o exodo dos alumnos. Varios paes vieram em auto de Santos e de outros lugares do interior para buscar os filhos.

"Todas as familias mostraram-se satisfeitas com as medidas tomadas pela Directoria do Lyceu para pôr em salvo os alumnos.

"A alimentação continúa a ser distribuida sem medida, servindo-se todos á vontade.

"Hoje não pudemos celebrar por falta de hostias. Hontem foi impossivel chegar a qualquer das duas egrejas, Moóca ou Braz, devido ao tiroteio.

"Os alumnos, antes do café, recitaram as orações; depois, nos recreios, continuaram a discussão das noticias que traziam os jornaes do dia.

"Até ás 16 horas não houve nada de anormal. A essa hora iniciou-se a nossa *noite de terror e apprehensões*...

"É um dos episodios mais dignos de nota desses tristes dias. Felizmente resolveu-se tudo num somno placido e tranquillo, em que os nossos alumnos descansaram até pelas noites de insomnia anteriores.

"Como ficou dito acima, desde hontem estavam hospedados no edificio da Immigração, quatro officiaes á espera de tropas que deviam chegar de um momento para outro.

"O official aviador esta manhã sahiu de auto, indo bem armado até a Secretaria da Justiça, onde havia sido chamado. Disseram-me que iria a Santos buscar um aeroplano, que devia ter chegado a bordo do "Minas Geraes".

"Os outros tres, por medida de prudencia, trataram de se disfarçar. Desde hontem á tarde notamos que



Tropa revolucionaria

o Coronel vestiu a roupa do dispenseiro da Imigração; o Tenente usava avental de enfermeiro, e o sargento, a roupa de um empregado da Imigração. Este, quando por ordem de seu superior sahia para fazer alguma perlustração, levava um cestinho com couves e outras verduras... para mais garantir o disfarce.

“Depois de termos passado um domingo relativamente calmo, pois que nos asseguraram que as tropas esperadas só chegariam á noite, veio a tarde sinistra e cheia de apprehensões...”

“Eu procurava acompanhar todo o movimento dos officiaes, para inteirar-me do que se passaria e prevenir todo e qualquer perigo que pudesse ameaçar os alumnos.

“Perto das quatro horas da tarde, enquanto na cozinha eu dava disposições para que fosse servido o jantar, vem ter commigo o Tenente, disfarçado em enfermeiro, e diz que o Coronel precisava urgentemente falar com o padre responsavel pelos meninos.

“Fui ao escriptorio. Elle fez-me signal para acompanhá-lo. Sahimos. Encaminhou-se para o refeitório. No trajecto perguntou-me si era eu o responsavel pelos alumnos. Respondi-lhe affirmativamente. Entramos no refeitório e elle, num tom mysterioso, disse-me em voz baixa :

— “Esta tarde aqui vae haver um grande combate... O Sr. esteja prompto para pôr em salvo essas creanças...” Depois pediu uma chicara de café e enquanto se servia continuou :

Um
gra-
ve
peri-
go

— Ás 6 horas chegarão diversas tropas, parte pela Central e parte de Santos, pela Ingleza (o edificio da Imigração está justamente entre as duas linhas : Central e Ingleza).

— Chegarão 600 homens e tomaremos a Estação do Norte pelos fundos, pelo que o campo de acção será justamente a Imigração.

“Dizia-me isto com certa agitação, mas muito em segredo, para que os copeiros não ouvissem, bebendo aos goles uma chicara de café.

“Diante dessas informações e tremendas perspectivas, só poud responder :

— Nós, Sr. Coronel, estamos em suas mãos. Bem sabe quão grande é a nossa responsabilidade perante as familias desses meninos. Portanto, diga-nos o que é preciso que façamos. Tudo faremos para evitar tão grande perigo.

“Levantamo-nos. Mostrando-me um pateo, que fica atraz da cozinha, disse-me que esse seria lugar seguro para abrigar-nos.

“Observei-lhe que, não sendo o lugar coberto, as balas cahiriam fatalmente ahi...

— E' verdade. O Sr. procure um lugar seguro. Ou então, melhor seria fugir com os alumnos...

— Fugir?! mas para onde e por onde?

— Venha ver aqui no fundo do pateo um portãozinho. Por ali poderão sair. Depois pulam o muro da chacara e estão na rua...

“Acompanhou-me para mostrar esses lugares e descreveu-me a manobra a fazer.

“Voltando da chacara, passamos ao lado da enfermaria, que é um pequeno pavilhão encostado quasi ao muro, que limita o pateo. Vendo essa casa, veio-me a idéa que na parte baixa poderíamos estar seguros.

“Expuz aos officiaes essa idéa, que acharam magnifica, e garantiram-me que ahi os meninos estariam a salvo de qualquer perigo. Os alumnos, completamente alheios ao que se preparava, foram jantar com relativa calma. Nós, porém, os salesianos, com essas apreensões e terríveis expectativas, havíamos perdido completamente o appetite.

“Por cumulo de tudo, estava ausente o Major Ferraz, Director da Imigração, com quem nos poderíamos aconselhar naquella emergencia. Fôra ver a familia e ficou impossibilitado de voltar. Nós, trepidantes e isolados, esperavamos os acontecimentos.

“Pelas 5 horas, os tres officiaes appareceram fardados no refeitório. Começára o jantar. Depois de ter

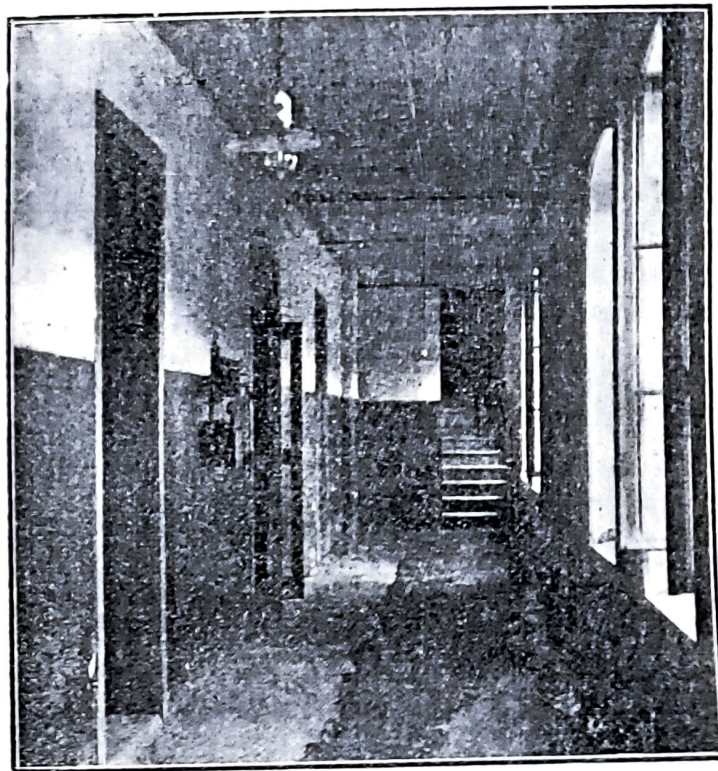
tomado a sopa, o Coronel levantou-se e disse ao copeiro :

— Garçon, o resto do jantar depois da batalha.

“E retirou-se apressadamente do refeitório. O copeiro, o Lourenço, um miudo espanholinho esperto e loquaz, levou tamanho susto, que arregalou os olhos e abriu a bocca, sem poder proferir palavra.

“Tratamos logo de recolher os alumnos.

“Primeiro dêmos ordem que se approximassem todos da enfermaria e, á medida que se avizinhava a hora fatal, começaram a entrar num porãozinho que,



O famoso corredor da Imigração.

no maximo, teria 3 metros de largura por 10 de comprimento. Ahí se comprimiram mais de 200 alumnos. E lá ficaram asphyxiados, nervosos, horas e horas, numa ansiosa expectativa...

"Eu, para ter certeza dos acontecimentos, acompanhava os officiaes.

"Faltavam cinco minutos para as 6 horas da tarde e o Coronel me disse :

— Talvez o combate seja ás 6,10.

"Mandou a ordenança dar uma volta pelos arredores, para ver si havia signal da approximação das tropas. A ordenança voltou sem trazer novidade.

"Subiram ao primeiro andar e de lá com binoculos espreitavam ao longe, para ver si chegavam. Tudo em vão.

"Foram ao telephone para pedir informações. Responderam que esperassem, que ao escurecer deveriam chegar.

"Entretanto, já havia hora e meia que os alumnos agglomerados naquelle corredor, como sardinhas em latas, esperavam pelo combate.

"A certa altura, resolvemos ver si era possivel accommodar os alumnos para dormirem lá mesmo. Encostando-se uns aos outros, sentados no cimento frio do porão, procuraram descansar. Mas era inutil. A má posição, o frio, o ar irrespiravel daquelle ambiente confinado não os deixavam descansar.

"Pelas nove horas impuzemos silencio ; alguns pequenos começaram a dormir.

"Entretanto eu acompanhava os officiaes que continuavam de promptidão á espera das forças, que, de facto, já tardavam um pouco.

"Ás 10 horas sahiram para ir ao encontro das tropas.

"Nós esperamos mais um pouco e vendo que o combate não começava mesmo, tratamos de dar melhor accommodation aos alumnos. Procuramos um dormitorio ao rez do chão. Achamos um que tinha apenas 48 camas; os alumnos eram mais de 200. Pol-os no primeiro andar era muito arriscado. Então resolvemos estender no chão 170 colchões, para que todos ficassem no mesmo dormitorio. Ás dez e meia, mais ou menos, tratamos de mudar de local.

"Para se fazer tudo com a maxima promptidão e sem desordens, dissemos que aquelle lugar era perigoso e que todos fugissem, o mais depressa e em silencio, para o dormitorio indicado. O expediente valeu, porque todos, num abrir e fechar de olhos, estavam accommodados, sem que houvesse um só que desse um pio.

"Assim, tendo cada um o seu colchão, embora a maioria não tivesse cama, puderam descansar muito bem.

"Depois de tantas apreensões foi essa, afinal, a noite mais tranquillá que passamos na Immigração.

"Por estarmos ao rez do chão, não ouvimos o tiroteio da cidade e pelas vizinhanças não houve sequer um tiro.

"Alta noute, os officiaes sahiram novamente.

"Voltaram pela madrugada, dizendo que o combate seria pela manhã. O dia clareou e o combate não se realizou. Felizmente!"

8 de Julho.

Ba-
las e
tiros

No Lyceu, logo de manhã, o *sport* predilecto era a procura das balas. No pateo sempre havia muitas. Foram encontradas diversas na Séde dos Ex-alumnos, mas era perigosos recolhel-as, pois o fogo continuava a vir daquelle lado.

O P. B. C., de chapéo, capote ao hombro e guarda-chuva aberto — o seu vestuario preferido, si bem fizesse um sol de rachar e ninguem pensasse em sair á rua — solemne e compenetrado, perlustrava o pateo em todas as direcções, á cata de projectis.

De repente, *puumm!* um tiro de peça. A gente em sobresalto olhava de cá e de lá e indagava onde teria sido.

O P. B. C. interrompeu o seu philosophico passeio e disse sem pestanejar, aos poucos ouvintes admirados:

— Calibre 7 $\frac{1}{2}$, quatro kilometros de distancia.

Pouco mais tarde, ouviu-se o som cavo de uma porta que batia: *puumm!*

— E este?

— 105, uma legua de distancia, angulo de 45.º, re-natava elle imperturbavel.

Muitas balas de fuzil tinham entrado na sala de visitas, duas na aula de canto, diversas nos dormitorios. Uma attingiu o nosso posto de observação, o patamar da escada entre o 1.º e o 2.º andar da ala direita.

Depois desse incidente, diminuiu ahi o numero de curiosos e observadores da trincheira.

Nesse dia, 8 de Julho, a lucta recrudesceu na frente do collegio. As casas do largo foram occupadas, ora

pelos revoltosos, ora pelos legalistas, e ficaram literalmente crivadas de balas. Os telhados, as janellas das aguas furtadas eram o alvo predilecto do tiroteio.

Viam-se soldados no sótão fazendo um fogo cerrado. Por sua vez, das trincheiras sahia gente destemida, avançando de pé pelo largo e desalojando os adversarios.

Logo de manhã um official lembrou-se de visitar o Lyceu, e o fez um pouco sem cerimonia, entrando sem mais pela janella. Escolheu justamente uma janella do meu escriptorio. E zás! arrancou a meia veneziana do lado da rua; com um socco quebrou a vidraça da janella, saltou para dentro da sala, quebrou igualmente o vidro opaco da porta e a sacudiu valentemente para arrombal-a. Foram abrir logo a porta... aberta. Acompanhava o official um soldado de carabina apontada...

Era a velha historia: desconfiavam da torre. E mais uma vez ficou provado que na torre não havia ninguem.

Pobre torre! Como é triste ser grande em tempo de revolução...

Nesse dia augmentou o tiroteio contra a nossa imperterrita e estoica torre. De vez em quando uma bala attingia o sino grande, que reboava soturno, num abafado gemido comminativo.

Além dos taes *tiros moleques* (balas explosivas), de vez em quando tambem uma metralhadora punha-se a alvejar a innocente calumniada, a grande torre silenciosa e deserta.

Pouco depois do meio dia, duas granadas passaram roncando perto da mesma torre e foram arreben-tar ahi logo adiante. Pareciam vir dos lados de Pirituba.

Sem-
pre a
tor-
re...

Este facto poz em sobressalto os poucos habitantes do Lyceu.

Teriam sido dirigidas mesmo contra a torre? Não sei. Mas uma das taes granadas attingiu a Serraria Forster, a uns 200 metros do Lyceu...

Mais tarde o tiroteio diminuiu até cessar por completo.

Pelas duas horas a calma era absoluta. Fui á janella da sala branca, bem no canto da trincheira, para tentar mandar um recado á Immigração.

Capitão Rodolpho dos Santos, que promptamente veio receber o meu pedido.

— Sr. Padre, agora é absolutamente impossivel. Já não temos nenhum meio de communicação. Completamente isolados! Até dos pombos correios se apoderaram os revoltosos.

Disse-me o sympathico capitão que diversas vezes tinham pensado em occupar o Lyceu, ou pelo menos a torre, mas sempre haviam desistido para não prejudicar uma obra tão benemerita e que tanto bem fazia á mocidade.

Agradei sinceramente penhorado. Mais uma vez o Lyceu escapava do grande perigo de ser occupado militarmente.

Calma E o Palacio? Subi para o ultimo andar. Seriam 2 hs. da tarde. A bandeira lá está tremulando ao vento. Bem no alto do telhado havia gente de atalaia. Deitado sobre um colchão, ou coisa parecida, alguém, com um oculo de alcance, perscrutava os arredores.

Entre aquella calma apparente, algo de importante se passava no Palacio dos Campos Elyseos...



Trincheira revolucionaria — Rua João Theodoro

Aproveitemos a calma para contar a historia dos nossos doentes.

Estavamos com 11 convalescentes na enfermaria, quasi todos de caxumba, e mais um doente num quarto 2.º andar. Tencionavamos mandar tambem os convalescentes para a Immigração. Mas, não tendo sido possivel arranjar uma conducção para elles, pois não poderiam ir a pé, lá ficaram connosco no Lyceu, embaldados pelo ruido infernal daquelle combate travado ao redor do collegio, e que durou quatro dias e quatro noites.

No segundo dia, passaram para o porão — um magnifico porão, alto, ladrilhado e decorado, o que serve de refeitório aos semi-internos — como lugar mais

Os doentes

defendido e seguro. Lá divertiam-se á grande com os brinquedos que lhes levava o P. Meiners e com as historias tão bem contadas por diversos *diseurs* improvisados.

Nas horas de calma, arriscavam uns passeios e corridas pelos pateos. Mas quando apertava a fuzilaria, ouvia-se a palavra de ordem: «Caxumbentos para o porão!» e lá corriam elles para a sua tóca.

João de Deus Vianna Um caso interessante, o doente do 2.º andar. Chamava-se João de Deus Vianna, do Araxá. Ninguém se lembrara de informal-o dos *ultimos acontecimentos*, como dizem os jornaes, e elle absolutamente não os adivinhava. Não sabia capacitar-se do silencio do collegio e do barulho da rua.

— Fogos de S. Pedro? indagava do enfermeiro João Lamosa. E os alumnos, porque estão sempre em silencio?

— Estão do outro lado; logo mais falarão.

No 2.º dia, por segurança, foi transportado para o 1.º andar. Mas, apertando o tiroteio, o enfermeiro carregou-o para o porão das canastras. E lá se quedou o João de Deus, numa cama armada entre duas enormes pilhas de malas, com um castiçal ao lado, á luz do qual ia lendo socegradamente o «Almanack do Tico-Tico».

— Quando é que os alumnos saem para o recreio?

— Ha de ser logo...

— E porque meu irmão, da divisão dos Sub-medios, não me vem visitar?

Por esta não esperava o Lamosa, que, para disfarçar o embaraço, atalhou:

— Olhe: quer que eu conte uma historia?

— Quero.

— Era uma vez ..

A nossa trincheira, que já era um solido corredor de pedra, ficou coberta de taboas, portas e folhas de zinco. Agora era um tunnel, que partindo do angulo do sala branca do Lyceu ia até a porta da Pharmacia, com uma derivação para a casa da esquina, que servia de corpo de guarda.

De tarde, uma bala, entrando por uma veneziana, veio furar o deposito de agua filtrada do 2.º andar da ala esquerda. O liquido jorrou abundante pelas escadas abaixo, indo encharcar a bibliotheca.

Na Immigração, de accordo com o *Relatorio*, “o assumpto do dia foi o porão, a fuga para o dormitorio e, mais que tudo, o enorme susto pela imminencia do combate.

Na
Im-
mi-
gra-
ção

“Tambem hoje sahiram alguns alumnos, entre elles o Antonio Ravani, dos Menores. A mãe desse alumno, residente em Sant’Anna, ouvira os muitos boatos que corriam acerca do collegio. Entre outras cousas diziam-lhe que havia morrido o seu filho. A pobre senhora tentou passar pela Ponte Grande, mas foi impossivel. Levada então pelo amor materno, como ella declarou, fez uma grande volta para chegar ao Braz: sahio de Sant’Anna, passou por Tucuruvy, Guapira, Villa Galvão, Guarulhos e chegou até a Penha, onde pousou. Pela manhã, um senhor lhe mostrou o jornal, que dizia não ter morrido menino algum no Lyceu e dava o nome do alumno ferido, pelo que ella, mais

tranquilla, encaminhou-se para a Imigração, onde encontrou o filho, que não acabava de abraçar e beijar.

“Hoje continuou intenso o tiroteio. Pela manhã os revolucionarios, que guardavam a linha Central, abriram os vagões em que estavam encerradas varias centenas de bois. Os animaes espantados fugiam pelas ruas e quasi todos foram mortos á bala. Dois delles, feridos, vieram cahir mesmo na frente do portão da Imigração. Nesse dia o fornecedor de carne nos havia dito que, dahi em diante, não lhe era possivel fornecer mais.

“Essa circumstancia coincidiu com a morte dos bois bem em frente á nossa residencia. Fui então ter com um cabo dos revoltosos, que estava de guarda sobre o muro das officinas da Central e pedi-lhe os bois, para que os meninos tivessem carne. Cedeu-os prazenteiramente. Em retribuição, mandei-lhe um garrafão de vinho, que acceitou de muito bom grado.

“Mandamos arrastar os bois para dentro e já no jantar desse dia os aproveitamos. Foi assim que não nos faltou carne nos dias que ainda estivemos na Imigração.

“A noute correu placida, embora continuasse o tiroteio. Tendo diminuido consideravelmente o numero dos alumnos, alojamos os menores num dormitorio ao rez do chão, occupando só as camas de baixo e assim, mais tranquillizados, dormiram placidamente toda a noute. Os medios e os maiores occuparam os dormitorios do primeiro andar.

“Alguns, para maior segurança, armaram *trincheiras* ao redor de suas camas, usando para isso os tra-

vesseiros e colchões das camas de cima, que estavam desoccupadas. Os que dormiam proximo ás janellas que dão para rua, puzeram em pé, em frente á propria cama, alguns colchões e travesseiros. Aquella carreira tinha o aspecto de um tunnel.

“Houve um vice-assistente que formou uma triplice trincheira, pondo tres colchões de cada lado da cama. Isso, porém, segundo explicou depois, era só para evitar a luz. Só si fosse a luz da lua, porque desde hontem estamos sem luz electrica...

“Esse transtorno não é tão grande como seria a falta do gaz, pois aqui todas as cosinhas são a gaz. Esperamos, porém, que o precioso combustivel não nos venha a faltar”.

No Lyceu, pelas 6 horas, os estalidos seccos dos *tiros moleques* começaram a ser ouvidos mais de perto. Alvejavam os fundos do Santuario, no interior do Lyceu... O fogo parecia vir da “Germania”. Um serie seguida de tiros, talvez de metralhadora, attingiu a cornija do alto da sacristia.

Nessa noite, alguns padres, que já se tinham alojado na sacristia, acharam prudente ir dormir na crypta...

De facto, o fogo dessa noite, até alta madrugada, foi medonho. As balas que batiam nas folhas de zinco da trincheira, faziam um ruido infernal.

Depois da meia noite, o combate foi amainando aos poucos, até cessar completamente, como por encanto.

Ca-
mas
en-
trin-
chei-
ra-
das...

CAPITULO III Os Revolucionarios!

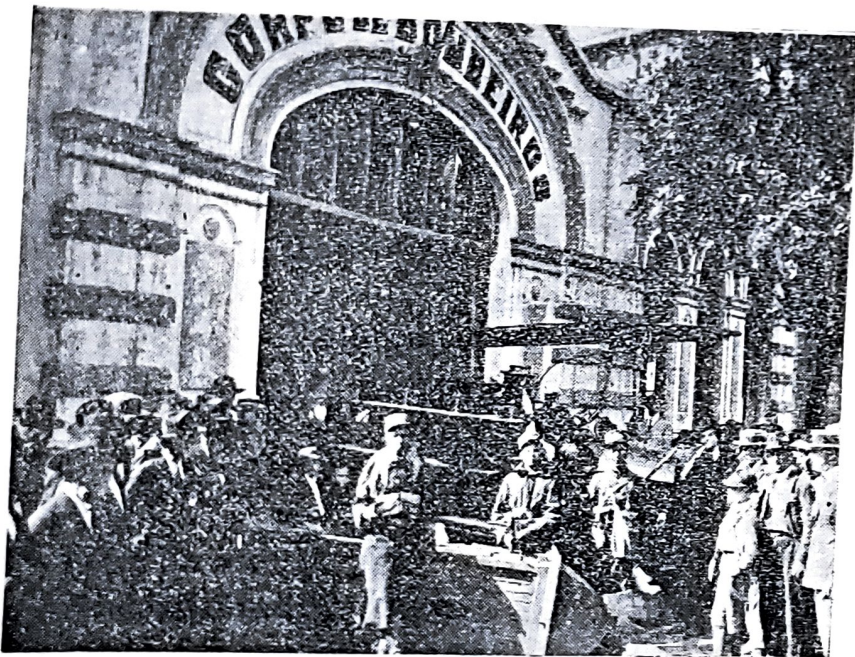
9 de Julho.

Madrugada silenciosa. Como são reconfortantes estas poucas horas de somno placido, sem ruidos de fuzil ou de canhão!

Às 7 horas da manhã, ao clarear do dia, vamos á janella do patamar para ver a nossa trincheira.

Está completamente deserta. Que aconteceu?

— Deve ser a victoria das forças legaes. Não ouviu o ataque infernal desta noite? Os revoltosos devem estar encurralados na Luz ou em Sant'Anna, si é que não fugiram.



O quartel do Corpo de Bombeiros occupado pelos revolucionarios — Alameda B. de Piracicaba.

— Mas é que...

— Qual mas, qual nada! A trincheira não foi tomada. Aliás era inexpugnável.

— De facto ; mas nem uma sentinella nas esquinas?... Como se explica isto ?...

Aos poucos o povo principiou a invadir a trincheira. O povo, invisível durante quatro dias, então appareceu, espreitando, calado e curioso. Depois começou a sahir de todos os buracos, a enxamear, a falar, a carregar tudo o que encontrava... Vinha á tona o mau instincto do populacho.

Já havia começado um pequeno saque na casa da esquina, que servia de corpo de guarda. Caras suspeitas, gente de todas as côres e de todas as idades, irrompendo dos quintaes proximos, iam-se servindo, sem-cerimoniosamente, do pouco que os soldados haviam ahi deixado. Um mulatinho esgalgado carregava uma réstea de cebolas; uma negra reforçada levava toda ufana um pedaço de toucinho; um matrona avantajada andava ás voltas com uns trens de cosinha. Provavelmente, quem sabe? os emprestára aos soldados; mais tarde será capaz de allegar esta benemerencia para exigir uma medalha...

O 1.^o
sa-
que

Às 8 horas appareceu cautelosamente no inicio da Al. Glette a primeira patrulha de revoltosos. Vinham avançando aos poucos, armas na mão, olhando com desconfiança para todos os lados, em evidente attitudede de estranheza.

Mau
quar-
to
d'ho-
ra

De repente me vieram dizer que os revoltosos estavam batendo no portão de ferro da frente. Fui ver

apressadamente. Um sargento de policia, preto, mal encarado, sacudia violentamente o portão.

— Em nome do *seu* Commandante, mande abrir, que tenho ordem de occupar.

— Ordem de quem?

— Do Commandante Geral.

— E quem é elle?

— O *seu* Tenente, o Coronel, sei lá! Depressa!

— A chave está com o porteiro e já o foram chamar.

O negro era feio a conta inteira. Cara sulcada de rugas, no queixo umas moitas de barbicha enroscada, sem dentes. Quando falava, appareciam as gengivas muito vermelhas. Tinha uns olhinhos injectados de sangue, que faiscavam de raiva.

E o porteiro demorava!

— Este é um reducto terrivel dos soldados do Governo.

— Está enganado.

— Sim! Muito tiro recebemos nós dahi da sua torre.

— Quanto a isto, alto lá: do Lyceu não foi disparado um unico tiro. Póde examinar.

— E' o que vamos ver. O official examinará.

— Pois sim: faço questão.

Abriram. O sargento acalmou-se e postou dois soldados no portão. Percebi que dava ordem de não deixar sahir nem entrar ninguem. Carreguei o sobrolho e retirei-me *com dignidade*.

Pouco depois, no adro do Santuario, onde se passára esta scena, appareceu um Padre, que ignorava

a mudança da situação e em cuja cabeça não podia passar a ideia do abandono da trincheira legalista.

Todo affavel e sorridente, poz-se a falar com os soldados, com um arzinho de camaradagem:

— Então, esta noite vocês descansaram um pouco, não é?

Nenhuma resposta.

— Mas para onde foram de madrugada, para onde mudaram a trincheira? indaga sollicito, dando-lhe uma pancadinha no hombro.

O soldado fita o padre com cara de poucos amigos e grita á queima roupa:

— Nós somos revolucionarios!

O Padre, fulminado, ganhou apressadamente o collegio, pallido, anniquilado, murmurando com um fio de voz: — Os revolucionarios!

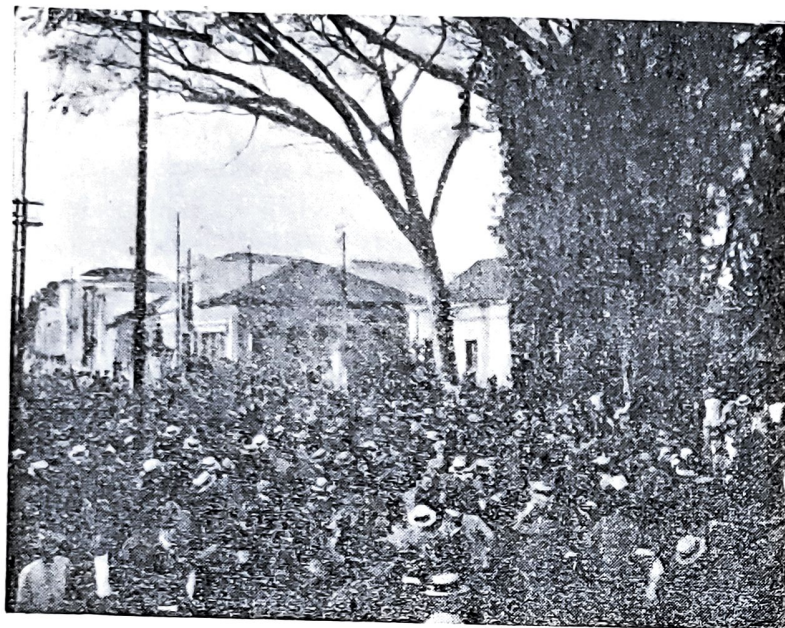
Ouvia-se uma gritaria desordenada no Palacio dos Campos Elyseos. Revoltosos e povo coalhavam o parque do Palacio e a rua fronteira. O marulhar sorturno da multidão, applausos, palmas, berros. De repente, dominando aquella confusão, o clangor das cornetas militares tocando a alvorada...

Mais tarde, voltei ao vestibulo para ver e ouvir. Pelo largo era um vai-vem continuo de gente. Muitos amigos, diversos paes de alumnos appareciam pedindo noticias. Mas conversavamos atravez do gradil de ferro...

Muita gente olhava para a torre e se alegrava por encontral-a ainda de pé, pois os boatos já a tinham arrazado diversas vezes.

Nós
so-
mos
revo-
u-
cio-
na-
rios

Alvo-
ra-
da!



A curiosidade do povo em frente ao Palácio dos Campos Elíseos por ocasião da entrada das forças revolucionárias.

— Ora bolas! Lá está a imagem, a cabeça, os braços... , diziam.

Convem ouvir a conversa dos *guardas do portão*, agora rodeados de povo, que os interroga :

“Tu-
do
isso
é
nos-
so” 400 réis, dizia outro.
— Contra quem é a revolução?
— Contra o Governo.
— Mas o que querem vocês?
— Pôr outro presidente, dizia um. — O feijão a
— E quem é o chefe da revolução?
— E’ o seu Major.

— Não, é o General.
— Que general?
— Que sei eu! e nem você tem que saber, seu pai-sano.

Até o sargento estava agora mais manso e alegre. Gritava:

— Tudo isso é nosso! Viva o Brasil! *Eta nois!* e trauteava: “Nós somos da patria a guarda, fieis soldados” . . . — São quatro dias que *nois não dorme*. Viva o Brasil!

E arreganhava os beijos mostrando as gengivas côr de sangue, num riso alvar e desdentado.

Approximei-me. Pedi para apressar a vistoria da Torre.

— Uma vez que ha desconfiança, faço empenho em que a visita se realize quanto antes: não vão pensar que nós temos tempo de occultar qualquer coisa.

— Sim, mais tarde...

— Insisto.

— O Sr. *esteje* descansado. O Tenente, depois... Não será nada. Póde ficar *removida*, isto é, *compene-trada* a innocencia do Sr. Vigario.

O sargento queria falar difficil.

Em casa alguns ignoravam a nossa situação. Outros, embargados quando tentavam sahir pela portaria, muito philosophicamente voltavam para traz e sahiam pelas Officinas ou pelo Externato, cujas portas os revolucionarios se esqueceram de guardar...

Mas o P. C. F. não socegava.

Pri-
sio-
nei-
ros!

— E' preciso falar com o Tenente, é preciso que façam a tal visita á torre e depois nos deixem sahir á vontade.

— E'.

— E qual é a nossa situação legal?

— *Legal*?! Pois si tudo isto é illegalidade, como quer procurar situação legal?

— Mas é preciso fazer alguma cousa, procurar alguma auctoridade.

— O Governo retirou-se da cidade; ninguem sabe onde está. E com esses outros, quanto menos se fala, melhor será. Quando apparecer algum official, veremos. Com os subalternos não convem discutir.

— E nós aqui?



Forças revolucionarias em frente ao Palacio dos Campos Elyseos.

— Nós aqui estamos presos.

— Presos?! Que horror!

— Esta é a verdade.

Era preciso mesmo tentar algum passo para sahirmos dessa situação intoleravel. *Prisioneiros*! mas de quem e porque?

Diziam que no Palacio dos Campos Elysios estava o commandante. Insisti com os da guarda.

— O Snr. Padre não póde sahir.

— Mas eu preciso falar com algum official.

— O Sr. escreva um officio; mandarei entregar.

— Um officio! a quem?

— Quem commanda o sector é o Cabanas.

— O nome inteiro, o posto?

— E' Cabanas só.

Pedindo informações a diversos soldados, consegui saber que a unica pessoa que podia relaxar o nosso *impedimento* se chamava Tenente João Cabanas.

Levei uma hora para escrever o tal officio, que por signal sahiu mal redigido. Nunca encontrei tanta difficuldade. Mas tambem era a primeira vez que me dirigia a *auctoridades revolucionarias*. Era um ensaio perigoso.

Um
offi-
cio

A maior difficuldade era o final. *Estima, veneração, criado attento*, etc, eram todas formulas que eu não acceitava.

— Achei: "Deus guarde a V. Excia." E' formula christã e resolve todas as dúvidas. Alem de que, lá está o "Excellencia", de grande effeito emolliente.

Eis o officio:

"S. Paulo, 9 de Julho de 1924.

Exmo. Sr. Tenente João Cabanas,

Respeitosos cumprimentos.

Informado de que é V. Excia. quem pôde attender aos meus pedidos, tomo a liberdade de dirigir-lhe estas linhas.

Este estabelecimento, alem de uns poucos alumnos que ainda estão aqui enfermos, tem actualmente mais de duzentos na Immigração (Braz) e uns quarenta na Chacara do Lyceu (Sant'Anna). Os do Braz estão apenas com a roupa do corpo desde sabbado.

Venho pedir a V. Excia. queria facilitar-nos o transito, as communicações e o abastecimento dos nossos alumnos.

Deus guarde a V. Excia."

A
ban-
dei-
ra
revo-
lu-
cio-
na-
ria

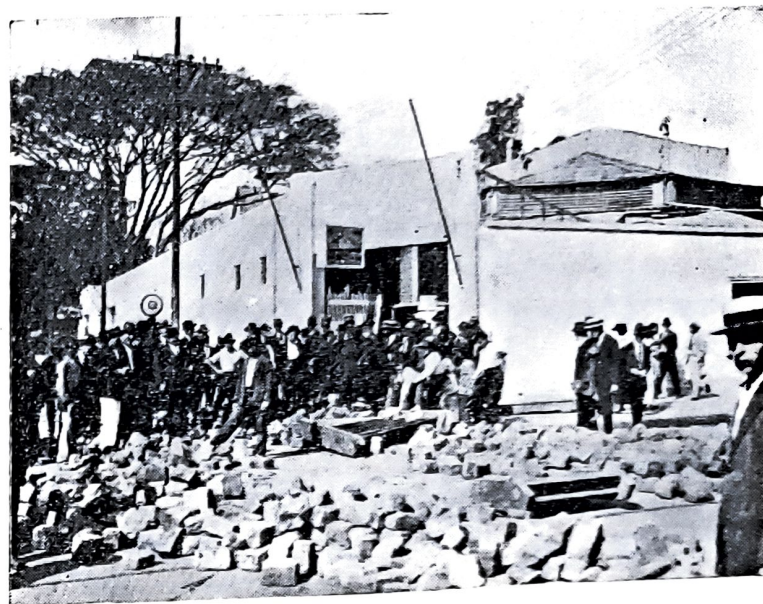
Pelos 11 horas trazem-me um recado dos guardas do portão:

— "De ordem não sei de quem, collocar bandeira nacional e branca na Torre."

— E porque?

— Dizem que é para evitar o bombardeio, porque hoje ao meio dia os canhões iam atirar contra a Torre!

Foi hasteada a bandeira brasileira accrescida de um rectangulo branco: um lençol. Na verdade, as côres e os pannos não casavam bem. A mesma bandeira parecia sentir isto, pois ficou logo quasi completamente enrolada no mastro: só dois palmos de verde e de branco tremularam durante alguns dias... e desapareceram.



Trincheira legalista depois da retirada. Alameda Barão do R. Branco, esquina da Al. Nothmann.

A bandeira foi descendo disfarçadamente pelo mastro — dizem que mãos inteligentes lhe afrouxaram os cordeis — até ficar murcha por dentro da balastrada do mirante.

Que havia acontecido na realidade em S. Paulo? Na vespera, o Dr. Carlos de Campos, acompanhado por todo o Governo, se tinha retirado do Palacio dos Campos Elyseos. De madrugada, as forças que defendiam o Palacio tiveram ordem de retirar, o que fizeram ás 3.30.

Muitos perguntavam: onde está o Governo? Os boatos variavam: em Campinas, em Santos, no Ypi-

Reti-
rada
do
Go-
ver-
no

ranga, a bordo do “Minas Geraes”. Por varios dias não se soube onde estava o Dr. Carlos de Campos.

O Prof. M. M. nos garantia ter assistido á retirada do Presidente:

— “Foi hontem, 8 de Julho, antes das 3 horas da tarde. O Dr. Carlos de Campos passou de auto pela Al. Ribeiro da Silva, acompanhado por diversos officaes e soldados armados. Iam em autos Ford. O Presidente levava alguns papeis na mão.”

Appareceram alguns alumnos: o primeiro foi o Maximo Nevoeiro; depois vieram Francisco de Campos Mello, Ulysses e Caio Paes de Barros e muitos outros.

Nesse dia pudemos tambem ter noticias dos alumnos que estavam na Immigração. Com que alegria soubemos que todos estavam bem!

Com effeito, appareceu o Sr. Calvi, todo activo e dedicado. Trazia boas noticias e vinha buscar as cousas mais necessarias na Immigração.

Tambem chegaram noticias dos alumnos que estavam na Chacara: tudo regular, inclusive as aulas. Nada lhes faltava.

Convem narrar aqui um episodio interessante. E' o caso de um recado urgente do commandante de uma bateria revoltosa, recado mysterioso, que em lugar de chegar ao Lyceu, foi parar... na cadeia!

Narremos os factos. Pelas 3 horas da tarde o porteiro entregava-me a seguinte carta:

Mys-
te-
rioso
reca-
do

“Meu caro P. Luiz,

Sciende do que o commando de Sant' Anna lhe mandou dizer, veio-me uma ideia, que lhe exponho.

Não seria o caso de o amigo intervir perante o mesmo Commandante, no sentido de ser auctorizada uma entrevista com os bravos officaes do 4.º, que apesar de cercados resistem valentemente, para que lhes seja concedido sahirem com as honras das armas? Seria uma justa recompensa para esses valorosos e evitar-se-ia o bombardeio do Quartel e dos arredores.

P. Dallavia”.

— Não entendo esta carta. Não recebi nenhum recado. Onde está o portador?

— Espera a resposta fóra do portão. Os soldados não o deixam entrar.

Lá estava o Sr. Uslenghi á minha espera.

Conservamos através o gradil do Santuario, disfarçadamente.

— Que historia é essa do Commandante de Sant' Anna?

— Não recebeu? Os revoltosos vão bombardear o quartel do 4.º Batalhão de Policia e avisam para mandar retirar as Irmãs do Convento da Luz. Foi visto um homem com um bilhete nesse sentido, dirigido ao Sr.

— Deve ser engano. O tal homem não chegou aqui. Aliás, só o Arcebispo poderia dar providencias para a remoção das Irmãs.

— Vae ver que o recado chega a qualquer hora.

— Diga ao Padre Dallavia que da melhor vontade faria qualquer tentativa no sentido que elle indica, mas ha de ser engano.

Entretanto era exacto. O portador do bilhete, porém, segundo soube no dia seguinte, tinha parado no caminho para observar (ou aproveitar?) um saque e tinha sido preso.

O rapaz esperneava e dizia que tinha um recado urgente para o Director do Lyceu, mas ninguem lhe deu credito e passou a noite na cadeia.

Resolveu-se mandar alguns dos nossos convalescentes, já restabelecidos, para a Immigração: no Lyceu, quanto menos gente, melhor será. Mas faltavam todos os meios de transporte. A Cruz Vermelha attendera ao nosso pedido. A's 5 horas nos mandaria dois autos.

Para a Im-
mi-
gra-
ção
Urgia mandar tambem um sacerdote para confessor dos alumnos. Combinamos um plano para forçar o cerco em que nos conservava a patrulha revolucionaria.

A' hora designada, 7 alumnos installaram-se nos carros e o padre — que ingenuo! — tambem tomou assento. Os guardas estavam olhando com extranheza. Faltava o sargento.

Mas de repente, o mais alto, o Vitalino, interveiu:

— Desculpe: as crianças sim, mas o padre não.

— Mas os alumnos não podem ir sozinhos. Ha tantos perigos por ahi.

— O Sr. comprehende: não está aqui o sargento. A ordem que temos é de não deixar sahir os padres...

— Está bem; P. Vallerie, o guarda diz que o Sr. não póde ir.

O Padre desceu do auto, todo confuso. Entrou no collegio resignado... e correu para a porta das Oficinas, (alguem o esperava de chave em mão) sahiu,

ganhou a esquina, onde já o esperava o auto dos alumnos. E lá seguiram socegradamente para a Immigração, onde foram acolhidos com festas.

Quem havia de dizer que não permaneceriam lá 24 horas?

Nesse dia 9 appareceram diversos paes de alumnos á procura dos filhos. Muitos vinham de longe, tendo feito varios dias de viagem de auto; vinham cobertos de pó, aterrorizados. Outros estavam ha dias em S. Paulo: mas só agora conseguiam chegar ao Lyceu, que estivera isolado quatro dias, como centro que foi do mais intenso combate.

Pobres paes! Como se dilatavam seus corações opprimidos pela angustia e pela dúvida, quando se lhes dizia que os meninos estavam todos com saude, abrigados na Immigração!

Vinham atordoados de boatos aterradores a proposito do Lyceu. Indagavam do numero de mortos.

— Mas si não houve mortos! Apenas um ferido.

E então voltava eu a narrar, pela vigesima vez, os acontecimentos do dia 5 e a maneira milagrosa por que N. Senhor nos salvou.

Lembro-me de um que indagava offegante:

— E o meu fiho?

— Bom e forte.

— Ora, graças a Deus! Sr. Padre, estou chegando com 2 dias de viagem. Mas na minha casa é uma desolação: desde sabbado ninguem come, ninguem dorme. Vim saber a verdade, fosse qual fosse. Graças a Deus!

Quanto soffrimento, quanta angustia dessas pobres familias!

Os
Paes
dos
a-
lum-
nos

De tarde, não podendo sahir do Lyceu, mandei visitar o Collegio Archidiocesano, o Seminario e outros collegios. O Sr. Danni voltou horas depois sem ter conseguido visitar ninguém. Tinha encontrado o Archidiocesano e o Seminario cheios de soldados.

Os
sa-
ques

Nesse dia começaram os saques. A cidade estava completamente despolicuada. Os mãos elementos puderam agir com toda liberdade. Atraz dos primeiros arrombadores mais atrevidos, avolumou-se a onda do povo, e a ladroeira foi geral. Uma vergonha.

O F. Marcondes tinha assistido ao saque do Mercado e contava coisas interessantes:

—“O povo antes rodeia as bancas e depósitos, a farejar os comestíveis. Approxima-se cada vez mais em ar ameaçador. Quando a onda popular avulta e o numero centuplica a coragem e aguça o atrevimento, vem o primeiro ataque e o primeiro avanço e logo o povo invade tudo, derrubando portas, revirando moveis, espalhando generos, arrancando, despedaçando, numa furia selvagem. Cada um se apressa, com receio de ficar por ultimo. Empurram, pisam, gritam. E' mais o que estragam do que carregam. Não se limitam aos generos alimenticios. Roubam moveis balanças, ganchos, tudo o que pôdem carregar.

“De repente um mulherão arranca de um tamanco e bate num ferro. O povo pensa ser a policia que vae atirar e foge desordenadamente, aos magotes, empurrando, derrubando. Quando dá pelo engano, sob as gargalhadas e vaias dos assistentes, o povo volta ao ataque com renovado furor vandalico.

“Mas ouve-se o estalo de um tiro de verdade e o povo se espanta e foge de novo. Nessa occasião, um



Saque aos depósitos da Companhia Inglesi.

moço que tinha roubado um cacho de bananas e as devorava soffregamente, acabava de descascar uma. Á voz de *foge!*, atira para longe a banana e come apressadamente a casca! Uma pandega!»

— Bravo, Munhózinho! Amanhã venha contar mais novidades.

— Pois não; amanhã tem mais.

Vejamos como passaram o dia os alumnos na Imigração:

Na
Im-
mi-
gra-
ção

“Hoje, depois de rezadas as orações, enquanto tomavamos o café, ouvimos boatos de que terminára a revolução. Poucos minutos depois entraram varios revolucionarios, todos satisfeitos, dizendo estar tudo terminado. Em signal de regozijo vinham tomar café conosco e distribuiam balas de fuzil como lembrança da revolução terminada.

“Foi um momento de allivio. Não se ouviam mais tiros. O transito pelas ruas adjacentes á Imigração intensificou-se. Parecia um dia de festa. Todos corriam á rua para saber o que se passára. Parecia que desaparecêra aquella atmospherá de tristeza que pesára sobre a cidade nos quatro dias precedentes.

“Aproveitando a tregua, algumas familias mandaram buscar os filhos.

“Vieram algumas pessoas em autos guardados por revolucionarios, que traziam flores nas armas.

“Entre as pessoas que chegaram para retirar alumnos é digna de menção a mãe do José Locatelli, dos Medios. Essa senhora, cheia de coragem, veio sozinha em uma aranha, de Atibaia a S. Paulo, para retirar

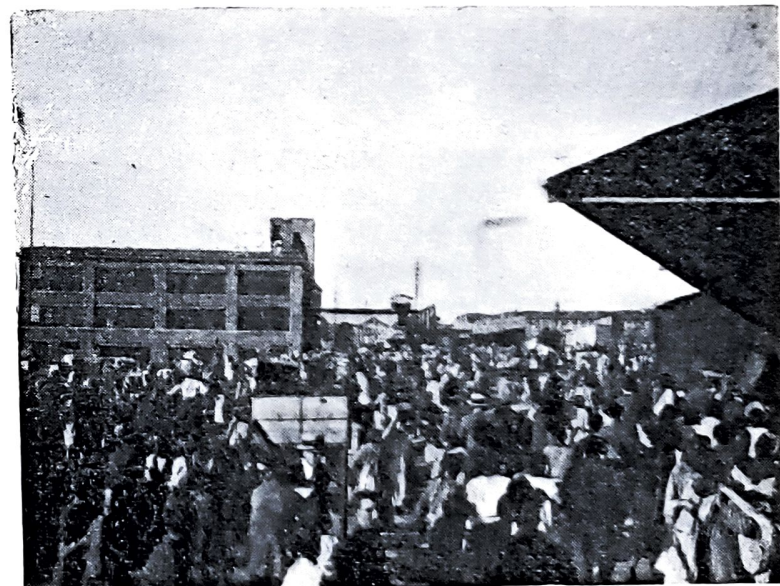
seu filho. Só em Sant'Anna ella encontrou um camarada, que veio guiando o vehiculo até a Imigração.

“Nesse dia também pôde chegar á Imigração o Major Luiz Ferraz, director, que hontem conseguira um salvo-conducto da Cruz Vermelha.

“Durante o dia, o Sr. Calvi pôde chegar até o Lyceu e, illudindo a vigilancia da patrulha da guarda, entrou, podendo conversar com o P. Director, que mandou as suas ordens por escripto e manifestou o seu prazer por conseguir finalmente nossas noticias.

“O Sr. Calvi, de volta, tranquillizou-nos dizendo nada haver acontecido de grave no Lyceu.

“A' tarde alguns empregados foram novamente ao Lyceu para buscar umas cousas mais urgentes. Trouxeram também o necessario para celebrar.



A vergonha dos saques: homens, mulheres e... crianças!

“Depois do meio dia, mais ou menos, assistimos ao espantoso espectáculo dos saques nos grandes depósitos sítos ao longo da via ferrea, que limita os edificios da Immigração. Foi uma vista que nos impressionou profundamente, embora houvesse também episódios muito lepidos.

“Durante o jantar haviam chegado do Lyceu, conduzidos por dois autos da Cruz Vermelha, um confessor, o P. Vallerie, e sete alumnos. Estes haviam ficado no Lyceu por estarem doentes. Agora, restabelecidos, juntavam-se aos collegas.

“A noite foi terrificante, por causa dos enormes incendios ateados aos vizinhos armazens. Tão proximos como estavam, o fogo constituia um verdadeiro perigo. As labaredas elevavam-se assustadoras. Para que os alumnos não se impressionassem, mandamos que se recolhessem bem cedo. Pelas oito horas, porém, ficaram todos alarmados pelas pavorosas detonações e consequentes enormes labaredas produzidas pelo grande numero de latas de materiaes explosivos que lá estavam armazenados. Só altas horas da noite é que o fogo diminuiu, podendo nós então estar mais tranquillos.”

(Do Relatorio do P. Catechista.)

10 de Julho.

Desde pela manhã, na frente do Lyceu acotovelava-se grande multidão de povo. A trincheira da esquina continuava a atrahir a attenção dos curiosos.

Passava o Tenente Cabanas, commandante do sector dos Campos Elyseos, montado em soberbo cavallo.



Da esquerda para a direita: Tenente Cabanas, Tenente Olympio (á paisana).

— E' o *seu* Tenente, diz-me o guarda.

Fui ter com elle, que já estava sendo catechizado pelo P. Mainini. Abordei o assumpto da vistoria da torre e do nosso *impedimento*.

— Não, não é preciso ver; naturalmente os padres não seriam culpados. Podem sahir á vontade e tratar dos seus alumnos e dos seus negocios.

— Obrigado!

— Quizera fazer um pedido: que os Snrs. fornecessem comida a estes soldados que ficam guardando o collegio.

— Não ha duvida. Nestes dias passados fornecemos comida a diversos soldados, nas esquinas do edi-

ficio. Podemos fazer a mesma coisa agora, sem compromisso de ordem política.

— Perfeitamente. Os Snrs. podem ter as ideias que quizerem. Nós não obrigamos ninguém a sympathizar com a revolução. Basta que não pratiquem actos de hostilidade.

— As refeições dos guardas ficarão por nossa conta.

— Outro pedido: ahi na esquina, perto da Pharmacia, morreu uma senhora. Os padres podiam ir consolar a familia.

E disse isto em tom compugido e untuoso, erguendo para os céos os olhos azues...

Cumprimentou e deu de rédeas.

Seriam 9 horas quando, effectivamente, me chegou ás mãos o famoso bilhete de que falamos acima. O tal empregado, que fôra preso, o mandava agora, da cadeia, por um amigo. Era um papelucho ordinario, todo amarrotado, com os seguintes dizeres:

Coração de Jesus

O famoso bilhete

Providenciar para tirar as mulheres irmãs do Convento da Luz, para agirmos, devido inimigos que de lá aquartelados atiram no nosso povo. E me avisar quando vae tirar.

. . . P. Santos

2.º T. Com. 133.^{um} (?)

(A assignatura é difficil de decifrar.)

— O negocio é serio. Haverá tempo ainda?

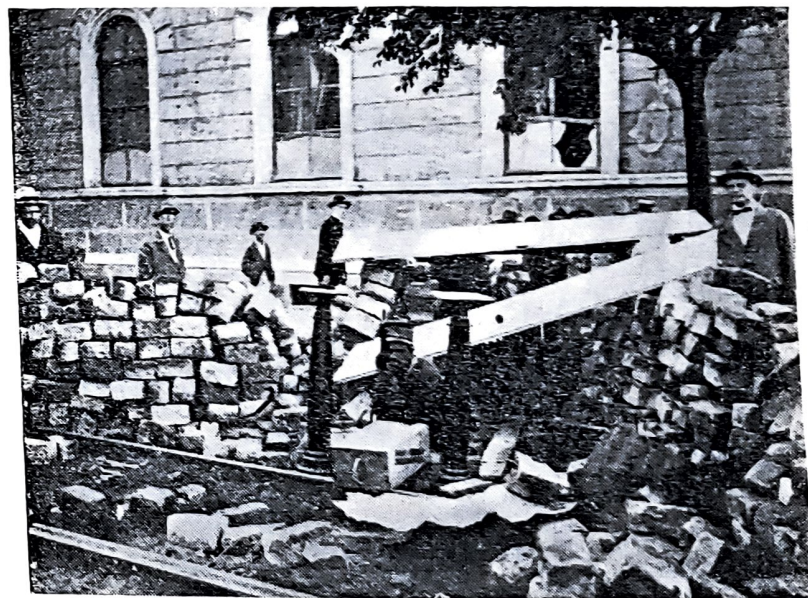
Fui perguntar a um graduado que por ahi passava o que havia sobre o bombardeio do quartel do 4.º Batalhão.

— Já não é necessario. O Quarto cessou a resistencia.

Finalmente posso dar uma volta pela frente do Lyceu. Muito povo pelo largo, indo e vindo continuamente, olhando os signaes das balas, arregalando os olhos. Olham, andam, falam pouco.

Muita gente se agglomera aos lados do Lyceu para ver as grandes trincheiras das esquinas, especialmente a da Al. Glette e Barão de Piracicaba.

Na frente do Lyceu



Um trecho da formidavel trincheira legalista no angulo direito do Lyceu. A gravura mostra os restos de uma derivação que ia até á janella do escriptorio do Director.

Vamos tambem ver os vestigios deixados pelas balas. Muitos buracos, sulcos e raspões, especialmente nos angulos. Muitos vidros partidos. A torre, na face que olha para a Luz, está toda picotada de balas. O mostrador do relógio ostenta a chaga negra de um grande rombo... Outro ponto preferido pelas balas é a Séde dos Ex-Alumnos, na porta e no torreão.

Os postes do Largo estão cheios de orificios de balas. Os dos combustores de gaz, perfurados, lascados, mal se aprumam de pé. Os de cimento armado estão muito damnificados, com a armação de ferro á mostra.

Um facto notavel se dá com o gradil de ferro, que se estende por toda a frente do Santuario. Tem signaes de umas cincoenta balas. Muitas ficaram encastoadas nas grossas barras de ferro; outras vararam fortes chapas. Mas — coisa extraordinaria — todas bateram nos varões de ferro e inutilmente se procuram vestigios de balas no vestibulo e nas portas do Santuario. Casualidade?

Pro-
cu-
ran-
do
in-
for-
ma-
ções
Depois do almoço sahi á cata de informações seguras. Precisava saber com certeza si havia algum perigo imminente para os nossos collegios e para os nossos alumnos, na Immigração e na Chacara.

Fui aos Campos Elyseos. "O Tenente não estava; fossemos ao Palacio da Cidade".

Fomos eu e o P. F. F. No Largo do Palacio havia um tenente moço e gordo, de barba crescida e loura, rodeado de curiosos. Perguntei quem estava attendendo no Palacio.

— Sou eu e é aqui mesmo.

Mas eu queria falar em particular. O tenente afastou-se uns passos da multidão para me attender. O povo, porém, o rodeou novamente, curioso. Perdeu a paciencia e apostrophou:

— Não estão vendo que quero ficar só? Que gente!

Afastou-se mais uns metros. Expuz ao que vinha. Elle não podia informar. Estava ali ha um dia apenas; nem tivera tempo de fazer a barba... Era preciso ir ao Quartel General.

Fui ao Quartel General do Exercito; mas lá não havia tenentes. Soldados e sargentos na esquina. Trincheiras de fardos de alfafa. O quartel, ao qual devia ir, era o do Commando Revolucionario, na Luz. Vamos á Luz.

— Que deseja?

— O Comamndo Geral.

Apresentaram-me a um Capitão. Ouvido o que queria, disse: — O seu caso é tão grave, que o levo ao Estado Maior.

Attendeu-me o Cap. Joaquim Tayora.

— Sr. Padre, tire quante antes os alumnos da Immigração. Hoje á tarde lá vai haver um encontro.

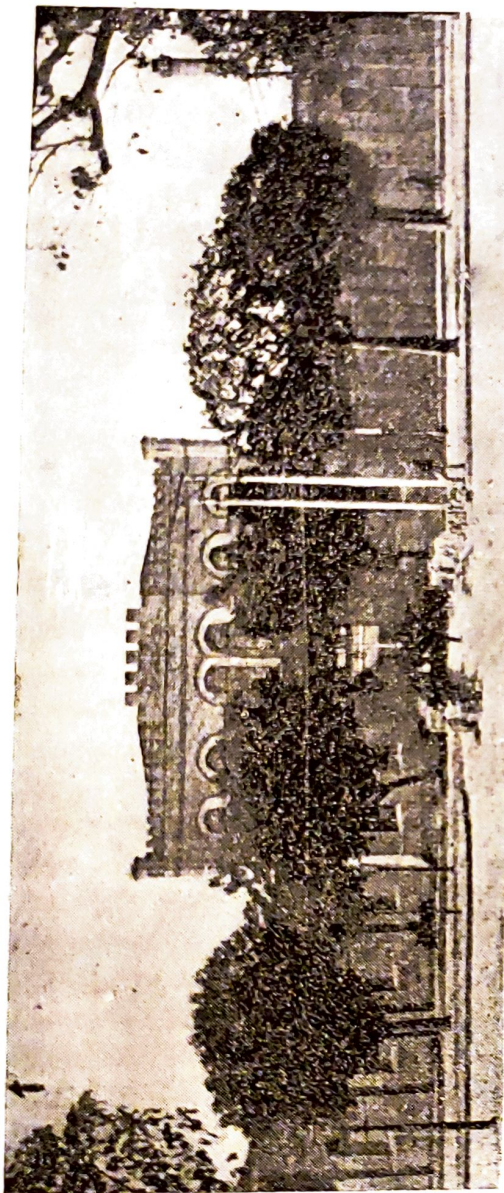
Fiquei frio! Arrangei um salvo-conducto. Toquei o auto depressa para a Moóca (por minha grande sorte havia arranjado um auto.) Trincheiras e sentinellas por todo o lado embargavam o passo.

Em vão eu mostrava o meu salvo-conducto.

— Não é questão de licença. E' que deste lado não se póde mesmo passar. Arrisca-se a levar um tiro.

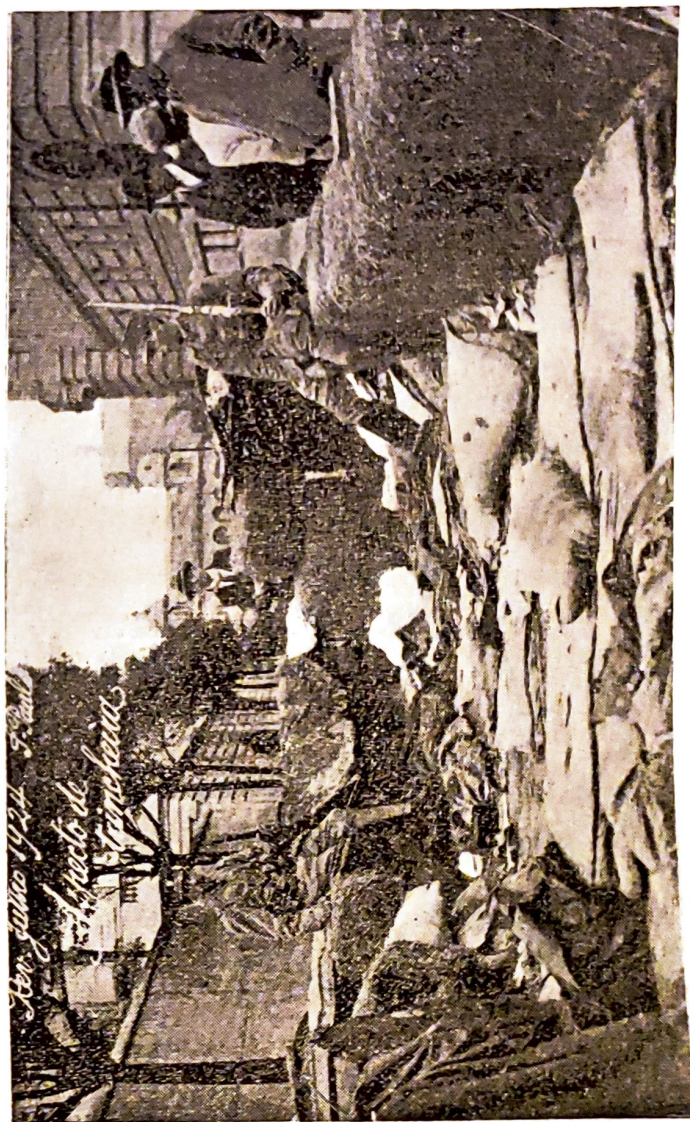
O unico caminho aberto foi pelo centro da cidade e pela Varzea do Carmo.

Tire
os a-
lum-
nos
da
Im-
mi-
gra-
ção!



O Quartel do 1.º Batalhão da Força Pública, transformado em Quartel General dos revolucionários.

Na Imigração os alumnos receberam-me com demonstrações de alegria.



Interior de uma trincheira revolucionária.

- Estão com saudades do Lyceu?
- Muitas.
- Querem voltar para lá?
- Queremos!
- Então, é já; apromptem-se.

Não tinham embrulhos para carregar. Cinco minutos depois seguiram, em quatro turmas. Cumprimentamos o Major Ferraz e os demais funcionarios, que tão bondosos se mostraram para os nossos meninos. Os alumnos, ao sahir, erguiam vivas ao Director da Immigração.

— Com mais vagar voltaremos para agradecer, Sr. Major. São coisas que não se esquecem.

Havia lá muitos espanhoes. Os adultos perguntavam tristes: “Se van?!”. As creanças pediam “una medallita”. Outros commentavam: “O Coração de Jesus era o nosso para-raio; agora, que nos irá acontecer?”.

E tinham razão. Meia hora mais tarde, o edificio da Immigração começou a ser attingido pelas granadas das forças legalistas, que avançavam pela Penha.

A
volta
para
o Ly-
ceu

Eu ia na frente, de auto, experimentando o caminho. Estavam commigo tres convallescentes de caxumba; um tinha um lenço no rosto e um chumaço de algodão no queixo. E o povo commentava: Aquelles são os feridos, coitadinhos!

Os alumnos tardavam em chegar á Ladeira do Carmo. De cima observei que alguns cavallarianos detinham um dos grupos de alumnos. Voltei para traz ligeiro e apprehensivo. Não era nada: tinham ido dizer que podiam seguir socegados, que tudo ia bem...

Bem?! Nem tanto. Na Immigração já tinham co-

meçado a cahir balas; mais tarde vieram as granadas. Nós havíamos sahido na ultima meia hora de calma.

A's 2 horas todos os alumnos já estavam no Lyceu. Que allivio!



A volta da Immigração para o Lyceu, no dia 10 de Julho

A's 4 horas chegou o P. Catechista, que se atrazára na Immigração. Ouçamos o que diz a ultima parte do seu famoso *Relatorio*.

“Pela manhã pudemos rezar missa, na qual houve uma fervorosa communhão geral.

“A noticia de que os combates haviam recommençado, veiu dissipar as esperanças de tranquillidade. Corriam incessantes boatos de que os encontros seriam nos bairros adjacentes á Moóca. Isto nos causava as mais sérias apprehensões. Por toda a parte viam-se preparativos de combate...

“Durante o almoço, appareceu um medico da Cruz Vermelha. Expuz-lhe o embaraço em que nos achava-

mos e elle concordou que deviamos tratar de remover os alumnos.

“Como tambem corriam vozes que os trens de Jundiahy em diante funcionavam regularmente, pensamos em arranjar um auto-caminhão para transportar até essa cidade os alumnos residentes no percurso das linhas Paulista e Mogyana, que eram a maioria dos que ainda restavam.

“Entendi-me com o encarregado da Cruz Vermelha do Braz e Moóca e em seu auto fui procurar, na Companhia da Juta, um dos caminhões escolares, que sabia possuir aquella Fabrica. No escriptorio não estava o gerente. Fomos procural-o na sua residencia, no Largo da Concordia. Estava ausente, pelo que a Cruz Vermelha requisitou o caminhão por sua conta.

“Esperei cerca de uma hora. Afinal voltaram da garage dizendo terem desaparecido todos os *chauffeurs*.

“Meia hora mais tarde, chegou o auto da Cruz Vermelha; ao Dr. expuz o caso. Elle disse-me que iria á Séde da Cruz Vermelha buscar o *chauffeur*. Esperei. Como estava em frente á casa do Prof. Larrabure, este convidou-me a entrar.

“Pouco depois, lá chegou um aviso: abandonassem a casa, porque essa zona ia ser bombardeada... A familia sahiu ás pressas e foi refugiar-se nos porões da Fabrica da Juta.

“A Avenida Celso Garcia estava deserta e eu lá fiquei no meio da rua á espera de quem viesse guiar o caminhão.

“Vendo, porém, que o perigo era cada vez maior

e que o auto da Cruz Vermelha não apparecia, fui eu mesmo em busca de *chauffeur*.

“Procurei inutilmente no posto militar, em garages e na Juta. Por felicidade, no porão dessa fabrica, topei com um empregado que conhecia o tal caminhão Fiat e com o seu auxilio pudemos fazer sahir o carro.

“Entramos na Avenida Celso Garcia, que estava deserta. Já haviam cahido pela redondeza diversas granadas. As trincheiras abriam-se em todas as esquinas, o que nos obrigou a dar innumeradas voltas. Para evitar perigos, ia eu no alto do carro agitando um lenço branco.

“E os alumnos? Que lhes estaria acontecendo naquella hora?



Trincheira revoltosa ao lado da Estação da Sorocabana.

“Por fim conseguimos chegar á Immigração.

“Os alumnos, porém, já haviam sahido. O P. Director, sabedor do perigo em que se achava aquella zona, fôra buscal-os e sem demora os conduziu ao Lyceu.

“Fiquei ainda algum tempo na Immigração e tive occasião de ver de quantos perigos tinham escapado os meninos.

“Durante esse pouco tempo, trouxeram para a Immigração tres feridos recolhidos nas immediações. Um empregado, que morava perto, trouxe um enorme estilhaço de granada, que havia cahido em seu quintal. No pateo proximo á estação da Immigração cahiram tambem diversas balas. Mais algumas horas que lá ficassemos, estariam seriamente expostas as vidas dos alumnos.

“Impossibilitado de obter qualquer meio de transporte, voltei ao Lyceu a pé, onde cheguei ás 16 horas, sendo festivamente recebido.”

Depois do jantar fez-se uma reunião capitular, passeando no pateo. Ficou resolvido :

Facilitar o escoamento dos alumnos para suas casas, mandando turmas acompanhadas de um salesiano, para as varias cidades, conforme houvesse trens; — concentrar os alumnos em duas divisões e dois dormitórios, no 1.º andar; — conceder uns 15 dias de férias, prazo prorogavel; — racionar a alimentação (esta medida não chegou a ser posta em pratica).

Nesse dia os saques augmentaram. O povo, tomado de um feroz instinto barbaro e contagioso, rou-

bou, destruiu, incendiou. O Mercado Velho, os Moirinhos Gamba, Puglisi, Belli, armazens, depositos, vagões de estrada de ferro, tudo foi saqueado. Um espectáculo barbaro e deprimente. Não era a fome ou a necessidade: era a explosão, dos mais baixos instintos de pilhagem e de vandalismo.

Mais
sa-
ques



Voltando do saque.

Era uma horda selvagem excitada pela ansia de roubar e destruir. Na soffreguidão da investida, no aperto daquella desordem brutal muitas pessoas perderam a vida! Ficaram comprimidas, esmagadas pela onda tumultuante.

Homens, mulheres — e até crianças! — todos carregando o que podiam roubar. Alguns, sem cerimonia, iam ao saque com carrinhos de mão, carroças e

caminhões, fazendo viagens successivas para transformar suas casas em bem sortidos depósitos.

No chão dos armazens, nos arredores e pelas ruas, espalhavam-se os generos : farinha, arroz, feijão, café, assucar. Os cereaes ás vezes chegavam a fazer uma grossa camada sob os pés dos que roubavam. Os carreiros brancos de farinha e assucar, pelas ruas, indicavam a direcção seguida pelos saqueadores.

Aquelle povo em confusão parecia um bando de saúvas depois do assalto a voltarem sobrecarregadas para o formigueiro: cada um ia curvado sob um peso excessivo, accelerando os passos em zig-zag para



Depois do saque. A saúva negra, embaraçada coça a cabeça.

equilibrar o corpo, parando para descansar, arrastando-se penosamente.

Quando carregavam mantimentos, a gente estava tentada a pensar que era para matar a fome. Mas quando iam levando barricas de cimento, rolos de arame farpado, motores, machinas de costura e de escrever fios electricos, livros de contabilidade, pneumáticos?!

Muitas vezes, depois do saque vinha o incendio acabar a obra de destruição. Que perversidade!

Ha dois dias que a cidade assiste a estes espectaculos deprimentes. Não haverá ninguém capaz de pôr cobro a esta vergonha? Não haverá mais nenhuma autoridade para zelar a ordem e defender a população de S. Paulo?

Foi com uma verdadeira sensação de allivio que a gente leu um boletim do Prefeito Municipal assim redigido :

“O prefeito de S. Paulo diante da situação de facto, de ter sido a cidade tomada por forças revolucionarias, foi pessoalmente á presença do seu chefe responsabilizal-o pelo serviço de policiamento e abastecimento desta capital.

Tendo o chefe dos revolucionarios declarado que não embaraçaria a acção da autoridade municipal, o prefeito continuará em seu posto a tomar as providencias que se tornarem necessarias, até o momento em que sua acção seja cerceada”.

A noite foi terrivel: fuzilaria, canhão, metralha. Diversas vezes fui visitar os dormitorios durante as longas horas daquela noite: os alumnos dormiam regaladamente.

CAPITULO IV

Angustias e sobresaltos

11 de Julho.

O bombardeio prolongou-se pela manhã a dentro. Os bairros mais atingidos foram o Braz e o Bom Retiro.

Os que, illudidos pela calma apparente dos dias anteriores, pensavam que “tudo estava acabado”, tiveram nesse dia um triste despertar.

Em-
bar-
ques

Havia noticias de ter sido restabelecido o trafego da Ingleza. Diversos alumnos tentaram embarcar para suas casas, mas foi impossivel. Na estação a affluencia de povo era enorme. Mas as portas estavam fechadas. Os soldados só deixavam entrar mulheres e crianças.

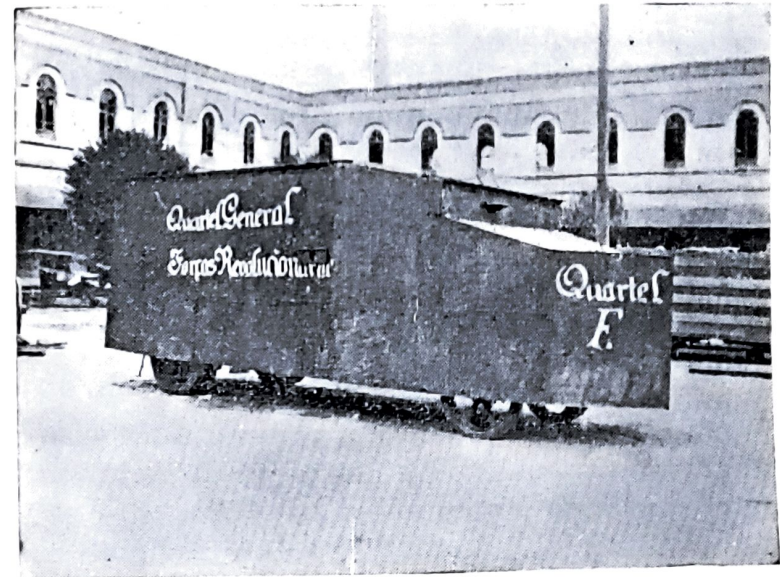
A separação dos membros da mesma familia, naquellas angustiosas circumstancias, dava lugar a scenas dolorosas.

Os nossos alumnos se deixaram ficar por lá, na esperanza de que chegaria a vez dos marmanjos entrarem tambem, quando cahiu uma granada perto da estação. Foi um instante de panico; toda a gente debandou. Mais tarde, os nossos, aos poucos, foram chegando ao Lyceu, vindo de direcções diversas. O primeiro a chegar foi o Sr. Remigio... Declarou logo que desistia da viagem.

No trem da tarde diversos alumnos conseguiram embarcar para o interior, inclusive o Sr. Remigio, que havia mudado de parecer.

A' vista da tremenda fuzilaria e bombardeio da noite e da manhã, tivemos a impressão de que o ataque decisivo das forças legaes ahi vinha de uma hora para a outra.

No Lyceu ainda estavam uns 150 alumnos. Era preciso saber o que havia de positivo, para evitar qualquer perigo para os alumnos.



Carro de assalto, revolucionario.

Fomos, eu e o P. Ç. F., ao palacio dos Campos Elyseos: recebeu-nos no jardim um tenente á paisana — chamava-se Tenente Olympio, parece-me — de chapéo na mão. Parecia não estar muito enfronhado nos assumptos da noite passada; mostrava certo abatimento. Disse-nos, porém, que no caso de um ataque, não defenderiam o Palacio dos Campos Elyseos, que agora

era apenas uma casa vazia; de preferencia se retirariam para a Luz.

A' Cruz Vermelha

Fomos á cidade a pé para offerecemos os nossos prestimos e o edificio do Lyceu á Cruz Vermelha e ao Prefeito Municipal, que continuava no seu cargo, conforme noticiavam os jornaes. Ia conosco o Polycarpo, soldado do exercito que tambem fazia guarda ao nosso portão. Levava um lenço branco na carabina, abria caminho, discutia com as sentinellas, documentava a nossa identidade e socegava os nervos do meu collega. Um serviço.

Na Cruz Vermelha ia uma azáfama grande.

A' representante da Directoria fiz o offerecimento do nosso Lyceu para um hospital de sangue. Poderiamos preparar já 200 leitos, sendo que brevemente, com a retirada dos alumnos, esse numero poderia ser elevado a 700.

Na volta — naturalmente iamos a pé, como toda a gente — reparava que muitos nos fixavam com desconfiança e alguns com pena. Dois padres na frente e um soldado atraz, de carabina na mão... com certeza haviam de pensar que iamos presos. E nessa hora havia muita gente na Rua Libero Badaró, na Av. S. João, no Largo Paysandú.

Polycarpo

— Polycarpo, venha para a frente, no meio de nós. Agora é você que parece nosso prisioneiro...

O Polycarpo era de boa paz. Estava na revolução não sabia porque. Era sorteado. Mandaram para cá, mandaram para lá; elle foi sempre obedecendo.

— Quando puder, volto para a minha terra e não appareço mais por aqui. Não quero saber dessa joça...

— Diga, Polycarpo: você matou muita gente?

— Dei muito tiro, isso sim, nos primeiros dias; mas acho que não matei ninguém, graças a Deus. Quando podia, atirava para o ar.

— Cuidado, hein?

— Não ha perigo; de certo não me mandam mais para a trincheira. Fico no Collegio e passo um vidão.

Estavamos ainda na Rua Visconde do Rio Branco, pelas 4 horas da tarde, quando roncou o canhão e as granadas cahiram alli por perto: duas no Largo Paysandú, uma no viaducto S. Ephigenia, outra no largo de S. Bento. Esta ultima, disseram-me, produziu oito mortes!

Acceleramos um pouco o passo...

Depois das granadas da manhã, a Presidente da Cruz Vermelha, tinha tentado obter a cessação do bombardeio. Nesse intuito, pelas 13 horas, apresentou-se ao Commando das forças legaes, na Penha. O pedido da nobre senhora não poudo ser attendido. Foi informada que o bombardeio ia ser reiniciado ao cabo de tres horas. Justamente nessa hora, 4 da tarde, havia expirado o prazo.

Tambem os consules estrangeiros tentaram qualquer iniciativa no sentido de suspender o bombardeio de S. Paulo. Reuniram-se sob a presidencia do Consul Italiano, Com. J. B. Dolfini, e nessa mesma sexta-feira, 11 de Julho, foram se entender com o chefe dos revolucionarios para fazer no dia seguinte uma proposta ao Commando dos Legalistas.

O
éxo-
do

Na cidade começou então o triste espectáculo do êxodo da população. As famílias fugiam em massa, apressadamente, dos lugares atingidos pelas granadas. Fugiam sem saber para onde, carregando os objectos mais necessários ou os que encontravam á mão na hora da fuga.



O êxodo da população acossada pelo bombardeio.

Pessoas edosas, arrastando as pernas trôpegas, mães de família carregando crianças, cestos e embrulhos, pobres paes sobraçando fardos pesados e segurando pela mão os filhos cançados e estarrecidos, todos fugiam em confusão, ao Deus dará. Fugiam do Braz, da Moóca, do Ypiranga e até do centro da cidade. Iam para casas de parentes, de amigos, de sim-

ples conhecidos. Iam para os bairros afastados, para os mattos, na illusão de fugir do perigo.

Foi este um dos aspectos mais desoladores dos tenebrosos dias da revolta.

Felizmente, em todos os bairros até então livres de bombardeio, foi uma santa porfia de generosidade. Todas as casas se abriam para acolher os pobres fugitivos, todos os corações se alargavam para proteger e consolar essas familias tão provadas.

A' noite, chegaram ao Lyceu, vindos de auto, da cidade de Olympia, diversos senhores á procura de seus filhos. Não tendo encontrado logar em pensões ou hoteis, hospedaram-se no Lyceu. Com elles viera tambem um rico typo, que se tinha aggregado a uma familia, offerecendo seus prestimos e... aproveitando a conducção. Era gordo, muito gordo, alto, falador, corajoso.

Explicaram-nos, reservadamente, a origem da basofia do homem: desde Olympia, parára em todas as vendas que encontrava, para rebater o pó da estrada.. Mas, si os vapores das libações lhe toldavam o medo, não chegaram a abalar a rijeza atletica do seu corpanzil de Hercules.

Depois de ter, no Santuario, aparteado sonoramente a minha *boa-noite* aos alumnos, metteu-se na cabeça dever sahir para visitar um irmão, que morava perto da Avenida. E ninguem conseguiu demovel-o do absurdo intento. Eram 8 horas da noite, a cidade estava ás escuras e deserta; era temeridade.

Mas o gorducho não tinha medo: queria sahir. O mesmo Vitalino, o mais alto guarda do portão, garantiu que seria baleado na primeira esquina. Intervim:



Sentinellas revolucionarias nos telhados do 1.º Batalhão.

— A estas horas ninguém sae. Hontem morreram diversos civis imprudentes. Deixe isto para amanhã.

— Preciso ver meu irmão.

— E com o Sr. o caso é mais simples: por mais bisonho que seja o atirador, não póde errar alvo tamanho...

— Hein? Não faz mal; tenho que ir e é já.

— Pelo menos deixe-me o endereço para avisar a viuva...

— Que viuva?

— A sua mulher, pobrezinha!

— Ora!... Mas eu preciso sahir e vou mesmo.

— O Sr. vae, mas é para o Araçá. Olhe: póde ir, com uma condição.

— Qual é?

— Deposite já em minhas mãos o dinheiro para o enterro!

O gorducho não acceitou a condição. Mudou repentinamente de idéa: foi deitar e resonou valentemente até ás 8 da manhã.

12 de Julho.

Numeroso grupo de alumnos conseguiu embarcar hoje para Campinas; de lá, pela Paulista e pela Mogyana, tomaram o rumo de suas casas. Chefiaram as turmas o Sr. Assis, o Cl.^o Francisco Colturato e o Sr. Abilio.

De madrugada troou fortemente o canhão.

Os jornaes do dia trazem a seguinte declaração a respeito do Lyceu:

Lyceu Coração de Jesus

Tendo corrido os mais desencontrados e alarman-tes boatos com relação ao Lyceu Salesiano, o director desse estabelecimento pede-nos que tranquillizemos as familias dos alumnos, sendo certo que o Lyceu conti-núa sem maiores novidades. Todos os alumnos e pro-fessores estão vivos e com saúde.

Desde sabbado passado, 5 do corrente, os alu-mnos que não puderam ser entregues aos paes ou aos seus correspondentes, foram transferidos para a Hos-pedaria dos Immigrantes, no Braz, onde tiveram ca-rinhoso tratamento. Hontem voltaram para o Lyceu, onde permanecem seguros e confiantes.

Devido ás actuaes circumstancias, o estabelecimento resolveu conceder uns quinze dias de ferias extraordinarias. Dest'arte poderão os alumnos do interior ir para suas casas e tranquillizar suas familias sobre-saltadas.

Nesse dia, ás 9.30 da manhã, o Consul e o Vice-Consul da Italia e o Consul de Portugal transpõem a linha de fogo e vão propor ao General Socrates a suppressão do canhão como arma de combate, condição que seria igualmente respeitada pelos revoltosos. Mas a iniciativa dos consules não poudé conseguir nada.

Para o mesmo fim realizou-se, ás 10 horas, uma reunião das classes conservadoras e das pessoas mais gradas que se encontravam então em S. Paulo. Foi nomeada uma commissão para fazer uma tentativa



Tropa revolucionaria.

perante o Presidente da Republica. A S. Excia. foi enviada uma mensagem telephonica.

A commissão era assim constituída: Prefeito Municipal; Arcebispo Metropolitano, representando o clero; Dr. José Carlos Macedo Soares, representando o commercio; Dr. Julio Mesquita, representando a imprensa; Dr. Frederico Vergueiro Steidel, representando a Liga Nacionalista.

A resposta veio no dia seguinte e só foi publicada pelos jornaes de segunda feira, 14 de Julho. Trazia a assignatura do Ministro da Guerra e era tambem negativa.

Eis as duas mensagens:

Pedimos a V. Excia. a sua interveção caridosa para fazer cessar o bombardeio contra a inerme cidade de S. Paulo, uma vez que as forças revolucionarias se compromettam a não usar seus canhões em prejuizo da cidade. A commissão não tem intuito algum politico, mas exclusivamente a compaixão pela população paulista.

Mensagem ao Presidente

(aa.) Firmiano Pinto, Prefeito Municipal.

D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo Metropolitano.

Julio Mesquita.

José Macedo Soares, Presidente da Associação Commercial.

F. Vergueiro Steidel, Presidente da Liga Nacionalista.

"GABINETE DO MINISTRO DA GUERRA"

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1925.

Exmo. Sr. Firmiano Pinto,

Prefeito de S. Paulo.

A
res-
pos-
ta

Cabendo-me devidamente auctorizado pelo Exmo. Sr. Presidente da Republica, responder ao telephone-ma no qual V. Ex. e demais illustres signatarios pedem não seja, pelas razões que expõem, bombardeada a cidade de S. Paulo, devo declarar com verdadeiro pesar que não é possível assumir nenhum compromisso nesse sentido. Não podemos fazer a guerra tolhidos do dever de não nos servirmos da artilharia contra o inimigo que se aproveitaria dessa circumstancia para prolongar sua resistencia, causando-nos prejuizos incomparavelmente mais graves do que os damnos do bombardeio.

Os damnos materiaes dum bombardeio podem ser facilmente reparados, mormente quando se trata de uma cidade servida pela fecunda actividade de um povo laborioso. Mas prejuizos moraes, esses não são susceptiveis de reparação. Ao envez do appello feito ao Governo da União para não bombardear a cidade que o inimigo occupa seria de melhor aviso fazer um appello á sua bravura, convidando-o a não sacrificar a população e evacuar a cidade, indo acceitar combate em campo aberto.

Posso entretanto asseverar a V. Ex. e demais concidadãos que as nossas tropas não causarão damnos materiaes inuteis á bella e florescente cidade de

S. Paulo, senão que usarão de artilharia na medida estricta das necessidades militares.

(a) *Marechal Setembrino, Ministro da Guerra.*

O Lyceu, finalmente, conseguiu um meio de transporte: o auto-caminhão 3734 veio *prehencher uma lacuna*, como dizem os prefacios. Havia necessidade urgente de um auto ou caminhão ou carroça: qualquer coisa que transportasse gente e mercadorias.

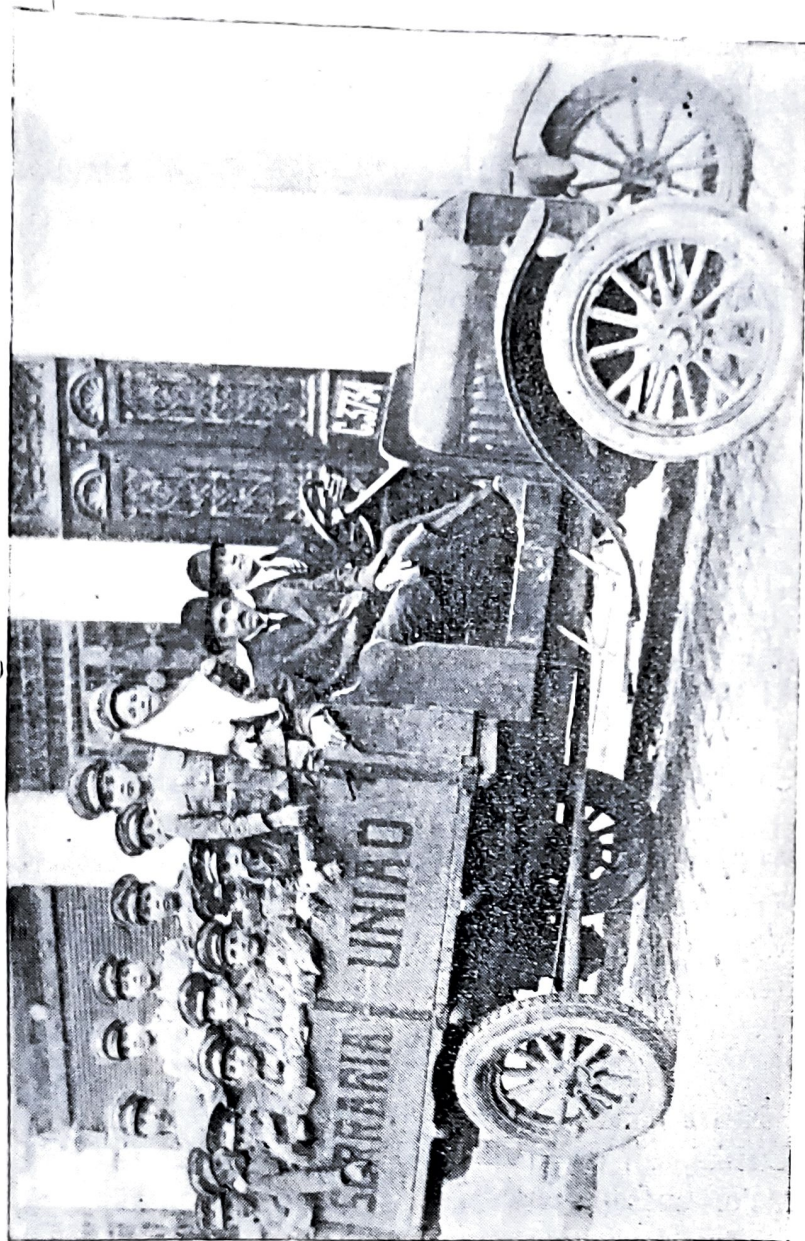
O
ca-
mi-
nhão

Estava perigando o abastecimento do Lyceu e da Chacara, assim como a indispensavel rapidez de comunicações.

Os *chauffeurs* das duas garages que fazem ponto no Largo Coração de Jesus, haviam desaparecido desde os primeiros tiros, no dia 5. Delles ninguem sabia dar noticias. As demais garages seguiam o mesmo systema: receiavam as requisições. Os nossos amigos que dispunham de autos, tinham seguido quasi todos para o interior.

Valeu-nos o nosso vizinho, Sr. João Willöf, proprietario da Serraria União. Alugou-nos o seu auto-caminhão e cedeu-nos o valente e destemido Augusto Wendt, o *chauffeur* ideal. O 3734 prestou-nos os mais revelantes serviços; bem merecia um capitulo á parte.

Nesse dia fui visitar o Consul Italiano, Com. J. B. Dolfini, em companhia do P. L. V. Quanto ao bombardeio, suas palavras não eram muito tranquillizadoras. Não falava bem claro, mas aconselhava-nos insistentemente que dormissemos todos nos porões...



O caminhão. Na frente, o Sr. José Calvi e o chauffeur Augusto Wendt.

Offerecemos-lhe o Lyceu, para o caso que quizesse nel e instalar qualquer obra em favor das muitas familias italianas fugitivas.

Mais tarde, em companhia do J. T., fui visitar o nosso ferido, o Arnaldo Barreto, no Sanatorio Santa Catharina. Nos dias anteriores fôra impossivel ir vello. Encontramol-o de pé, em companhia do pae e de outros parentes. Com prazer constatamos que o pequeno já estava restabelecido! Só esperava licença do medico para seguir para sua casa. O pae estava satisfeito com as medidas tomadas pelo Lyceu no doloroso caso. Recebêra o telegramma — talvez o ultimo que sahiu de S. Paulo depois de estalar a revolução — tendo vindo logo ver o filho, que fôra visitado diariamente, a pedido do collegio, pelo Dr. Ga.na Rodrigues.

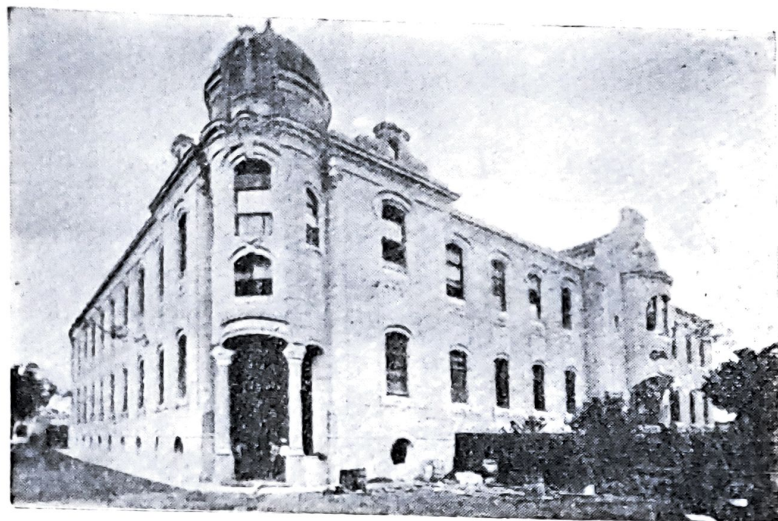
Fui tambem visitar o Collegio S. Ignez, das “Filhas de Maria Auxiliadora”. Tudo ia bem, relativamente. Ellas só acreditaram que havia mesmo revolução em S. Paulo, 24 horas após ter ella estalado, ahi pertinho do collegio...

Collegio S. Ignez

Este reputado estabelecimento deu as mais precias provas de abnegação e caridade christã durante os tenebrosos dias de u ho.

Apesar de estar collocado num ponto bastante perigoso, tendo tido até na sua frente, durante alguns dias, o quartel general dos revolucionarios, como veremos mais adiante, o “Collegio Santa Ignez” nunca fechou as suas portas, nunca deixou de prestar aos necessitados todos os seus servços e assistencia.

As Irmãs Salesianas, dotadas na verdade de uma



O Collegio S. Ignez.

coragem varonil, ou melhor, alentadas pela caridade de N. S. J. Christo, não trepidaram em expor as suas vidas para alliviar os inauditos soffrimentos da população.

Os magnificos porões do Collegio foram, desde os primeiros dias, o abrigo preferido por diversas familias das vizinhanças.

Lá funcionou um bem installado *Posto de Soccorro*, que forneceu alimentação a centenas de pessoas. As mesmas Irmãs preparavam e serviam as refeições, que eram distribuidas duas vezes por dia. (1)

(1) O Posto foi aberto no dia 10 de Julho e fechou-se no dia 30. Foram servidas 6.334 refeições no Collegio, além de 780 refeições avulsas, que foram levadas a domicilio.

No dia 16 de Julho seguiram para o Collegio N. S. Auxiliadora, de Araras, 18 alumnas, 7 Irmãs e 21 postulantes. Assim, as Irmãs que ficaram, e eram mais de 20, puderam entregar-se completamente á assistência do proximo.

Quando se tratou de installar um hospital no Lyceu Coração de Jesus, as Irmãs do Collegio S. Ignez offereceram logo os seus prestimos para tomar conta de todo o serviço do hospital. Este generoso offerecimento foi logo communicado á Cruz Vermelha, que o acceitou e agradeceu.

Obra de verdadeiro apostolado desenvolveram naquelles dias as dignas Filhas de D. Bosco. Foram umas heroínas do bem.

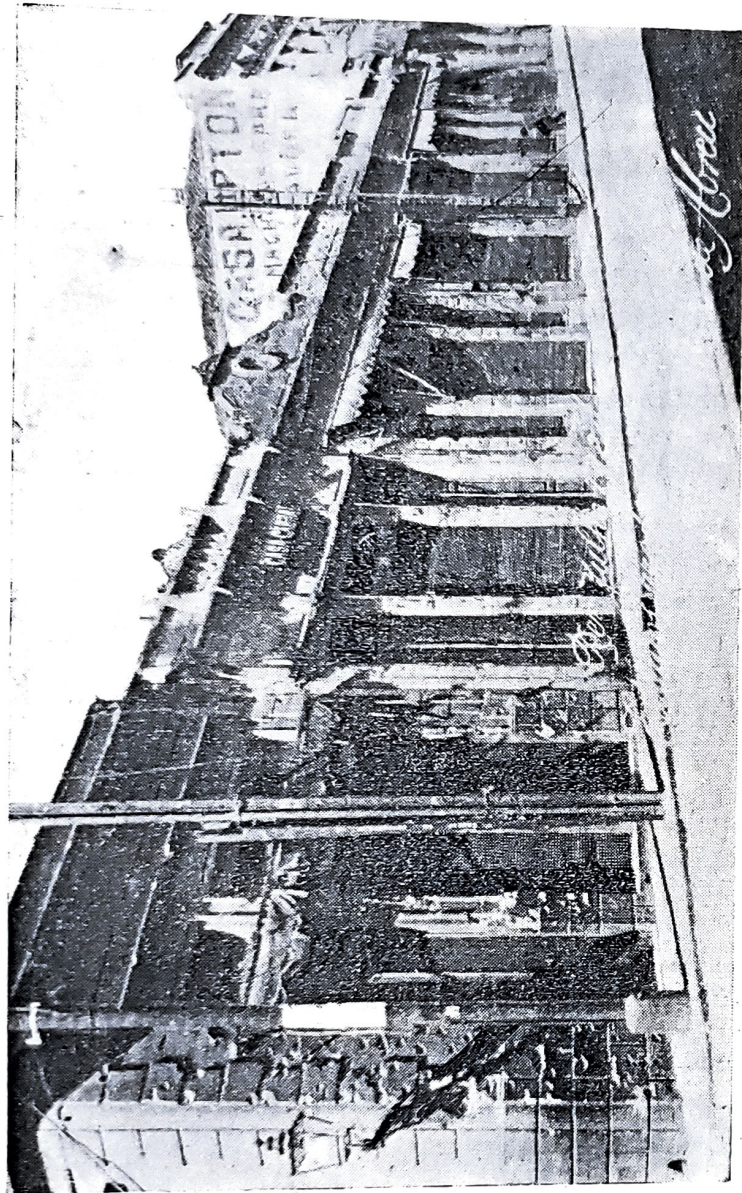
De noite, uma luminosa novidade: a luz electrica! Faltava desde o dia 6. Isto veio alentar os animos e dar uma feição mais alegre ao Lyceu.

Nessa noite os alumnos passaram a dormir nos porões. Prudencia! Installaram-se com relativo conforto e commodidade. Havia lugar para todos.

Mais uma vez ficou provado que o edificio do Lyceu é... essencialmente elastico.

Durante a noite desencadeou-se uma tremenda tempestade de fogo; era o crepitar ininterrupto e sacudido das metralhadoras, era a fuzilaria continua e impertinente como chuva miuda, era o troar soturno e incessante da artilharia de todos os calibres.

De certo foi aquella a noite de mais intenso bombardeio até então. Que diluvio de fogo, que medonho estrupido, que desperdicio de munições!



R. Florencio de Abreu — Efeito da fuzilaria.

Aquelle inferno durou 12 horas : das 7 da noite ás 7 da manhã.

13 de Julho.

Depois da tempestade da noite, um dia de calma quasi absoluta. Como se explica isto?

— Naturalmente, estão cansados.

— Acabaram as munições.

— Não; é que veio ordem do Rio para não bombardear mais a cidade.

Esta ultima era a versão que todos preferiam aceitar. Quanta gente abençoou então o nome de Arthur Bernardes!

O povo commentava: “O Presidente é bom; tem mulher e filhos como nós. Elle não sabia que estavam bombardeando a cidade e que morria tanta gente, mulheres e crianças. Quando soube, pela mensagem que lhe enviaram hontem, mandou suspender o bombardeio. Viva Arthur Bernardes!”

Neste domingo o nosso Santuario esteve quasi deserto. A ultima missa foi ás 9 horas; não havia, mais de 100 pessoas.

Fomos visitar o nosso collegio infantil, no Chora Menino, onde ainda havia bastantes alumnos. Levamos para lá seis pequenos para acompanharem as aulas. Sim, porque lá estavam em pleno anno lectivo, alumnos e professores todos a postos.

Coisa inacreditavel: quando todos os collegios de S. Paulo se haviam fechado apressadamente, e os alumnos andavam fugindo de um lado para outro

A'
Cha-
cara

buscando um refugio, a Chacara do Lyceu apresentava o aspecto unico de um collegio ordenado e activo em pleno funcionamento escolar!

As aulas só foram suspensas no dia 25 de Julho, por falta de... gasolina, como explicaremos mais adiante.

Fomos pela Casa Verde. Que contraste! As ruas da cidade quasi desertas e por aqui tanta gente. Os



Aspectos do êxodo. "Estará ainda longe a Casa Verde?".

caminhos, as casas, o campo, tudo cheio de povo que fugia da cidade. Muitos, já cansados, debaixo do sol causticante, depositavam os pesados fardos á beira da estrada e lá se deixavam ficar, desanimados. Outros encostavam-se a um muro, a uma cerca, ou procuravam a sombra de uma moita. Famílias arrumavam suas roupas no matto e lá se aboletavam. Pobre gente!

Felizmente faz um tempo magnifico; ha muito que não chove.

Cada um, naturalmente, levava as coisas que mais estimava. Em geral, as senhoras levavam roupas, cobertores. Os homens, trens de cozinha, mantimentos, até animaes domesticos.

Mas havia tambem gente de gostos extravagantes. Um moço carregava um cabide ao hombro e um bandolim a tiracollo. Um gorducho esperneava na bicycleta, bufando para subir o morro, equilibrando no dedo um papagaio! Outro sobraçava enorme pão e levava com difficuldade na cabeça... um gramophone! Devia ser uma alma profundamente lyrica!...

No Lyceu havia um alumno doente, o João Baptista Folloni, atacado de rheumatismo. Era melhor interna-lo num hospital. O P. Catechista e o Cl.^o Edgard sahiram, naturalmente a pé, para ver si encontravam lugar no Sanatorio de S. Catharina, na Avenida Paulista. Voltaram depois de algumas horas. Havia lugar.

O menino para lá foi transportado no dia seguinte.

O P. Miotti contava as peripecias da excursão:

« Quando iamos nas alturas do Coração de Maria, encontramos um guarda civil, que entendeu fazer

uma pequena exhibição, para dar-nos uma prova de sua actividade...

Havia no meio da rua um menino jogando com a bola. O zeloso mantenedor da ordem carregou o sobrecenho, avançou seguro e zás, *requisitou* a bola, gritando ao menino, mas voltando-se para nós:

— Agora não é o governo que manda: é o povo. Não aturo desordens no meio da rua. Cada um fique em sua casa. Moleque no meio da rua não é commigo.

O pobre menino olhava perplexo para nós e para o guarda, e por fim implorou em tom choroso:

— O Senhor me dá a bola, que eu vou brincar no porão.

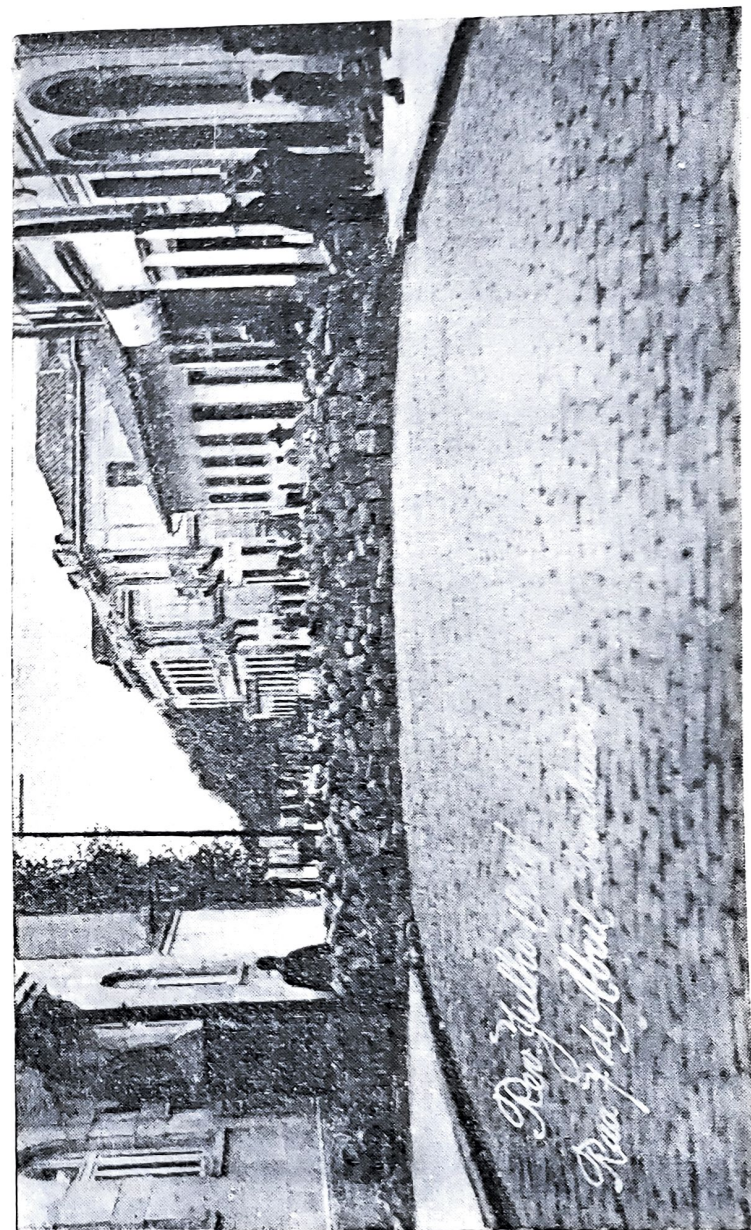
Mas o fiteiro mantenedor da ordem revolucionaria foi inflexivel: manteve o despacho anterior!

A'
Ave-
nida

Ao entrarmos na Avenida passou ao nosso lado um grande caminhão com o letreiro: « Imprensa Methodistista ». Parou pouco adiante de nós e um dos que o conduziam convidou-nos gentilmente a subirmos. Aceitamos logo. Vimos em seguida quem era o amavel interlocutor: tratava-se do ministro protestante G. S., nosso velho conhecido...

Dest'arte, os muitos retirantes e fugitivos, que da Villa Marianna se dirigiam para Pinheiros, puderam ver dois padres fazendo o curso na Avenida no caminhão da « Imprensa Methodistista »...

Obtido o lugar no Sanatorio, voltamos e como não apparecesse nem Imprensa Methodistista, nem outro meio qualquer de transporte, tivemos que voltar "*pedibus calcantibus*".



Rua 7 de Abril — Trincheira de parallelipipedos.

Um problema sério era a falta de gasolina. Não se podia comprar por preço nenhum. Assoalhavam que todo o *stock* estava em poder dos revolucionarios.

Pedimos informações ao Ten^{te}. Olympio, no palacio dos Campos Elyseos. Disse-nos que a unica pessoa que poderia ceder-nos alguma quantidade era o Major Miguel Costa, no Quartel General da Luz.

Para lá foi o J. C. com um officio meu e, depois de muitas formalidades e longa espera, sempre conseguiu um pouco do precioso combustivel.

Mais tarde, a distribuição de gasolina ficou a exclusivo cargo da Commissão de Abastecimento, que a fornecia com parcimonia e mediante auctorizações cada vez mais difficeis de se obterem.

A' tarde sahimos no nosso *auto de luxo*, eu e o P. F. F. Corriam boatos de uma tregoa; outros asseveravam que seria eliminado o uso do canhão. Preci-savamos saber o que havia ao certo.

No Consulado Italiano — que, por estar perto do Lyceu, era o ponto preferido para colher informações — soubemos do fracasso definitivo da tentativa que visava a eliminação do canhão.

Fomos ao Sr. Arcebispo. Informamos S. Excia. das nossas coisas. Por sua vez communicou-nos que a resposta do Governo já havia chegado: delicada, mas negativa!

E assim falharam as ultimas esperanças de tregoa.

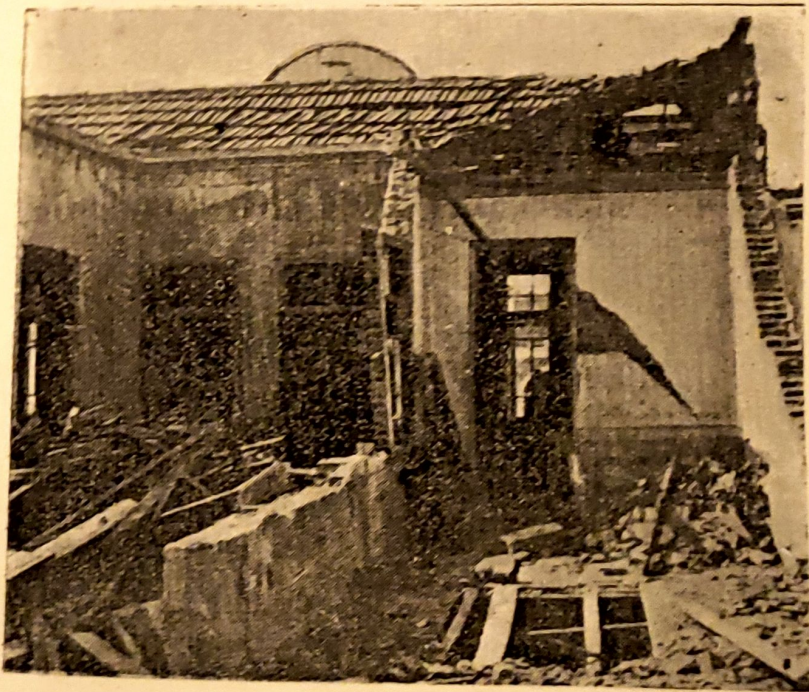
De volta ao Lyceu, numa rapida reunião capitular, ficou resolvido, á vista das informações e das pre-

visões pouco tranquillizadoras, transferir os alumnos e os salesianos para o nosso collegio de Campinas.

O P. Vicente Priante, Director do "Lyceu N. S. Auxiliadora", já por diversas vezes nos convidára a irmos para lá: o collegio estava vazio, pois os alumnos haviam sido enviados para suas casas; 100 camas estavam preparadas á nossa espera. Decidiu-se que iriamos no dia seguinte.

Na boa-noite foi dada a noticia aos alumnos e as instrucções para o embarque.

Hoje, dia 13, devia ser a festa dedicada ao Inspector, P. Pedro Rota. Não tendo comparecido o home-



Rua Almeida Lima.

nageado, evidentemente não pôde haver festa... Mas onde estará agora, pensavamos nós, o nosso querido Superior? Quanto deve ter soffrido com as primeiras más noticias e, posteriormente, com a falta absoluta de noticias! De certo elle vai tentar transpor o circulo de fogo que nos isola do resto do mundo e algum dia apparece por ahi.

De facto, nessa mesma hora elle estava de viagem para S. Paulo, mas somente no dia 19 conseguiu chegar ao Lyceu!

14 de Julho.

Para
Campinas

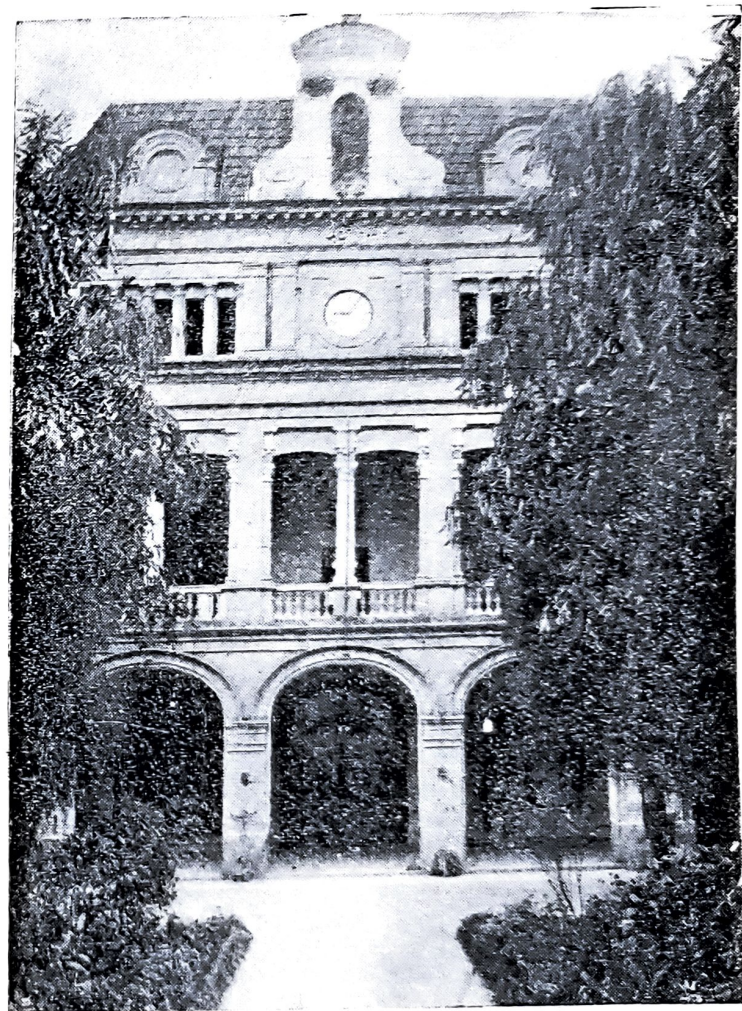
A manhã do dia 14 foi de relativa calma. Cahiram algumas granadas por volta das 11.30, mas assim mesmo, dando algumas voltas, os alumnos foram á estação da Luz, sobraçando embrulhos e saccos de roupa. Uma verdadeira emigração.

Felizmente foi possível obter um carro reservado. D'outra fôrma seria difficil embarcar, devido ao grande numero de passageiros que se comprimiam na estação, tomando de assalto todos os trens, que naquelles dias partiam para o interior.

Os trens da Ingleza succediam-se numerosos e enormes. Mas a turba dos retirantes era cada vez maior. Enchiam literalmente os carros e as plataformas, entravam pelas janellas, invadiam o carro do correio, o tén-der, dependuravam-se nos estribos; em todas as portas ia gente em verdadeiras pencas humanas.

Muitos iam em carros de carga, em gondolas de lenha, em gaiolas de animaes, apertados, como sardinhas em lata.

Os nossos alumnos, os assistentes e alguns sacerdotes seguiram no trem das 12.20, bem accommodados.



Entrada do Lyceu N. S. Auxiliadora, de Campinas.

No Lyceu N. S. Auxiliadora de Campinas, foram acolhidos fraternalmente e tratados com carinho e fidalga generosidade. Um sincero agradecimento aos bons irmãos daquela casa e especialmente ao seu optimo Director, o P. Vicente Priante.

Campinas em breve se encheu de retirantes de S. Paulo. Foi a cidade preferida pelos que fugiam dos perigos da revolução. Calculavam em 50.000 as pessoas que procuravam abrigo na linda e generosa Princesa d'Oeste.

As duas casas salesianas dessa cidade prestaram grandes serviços á população necessitada. O Lyceu, além de hospedar os alumnos e salesianos de S. Paulo, offereceu seus locaes á « Commissão de Soccorro », abrigou muitos moços e cavalheiros e forneceu comida a muitas familias. O Externato, sob a direcção do P. Francisco Lanna, foi convertido totalmente em abrigo e hospital, tendo acolhido e alimentado para mais de 400 pessoas.

Lá, nesse ambiente de collegio e de familia, os nossos alumnos gozaram, durante 18 dias, daquelle socego e segurança que já não se podiam esperar em S. Paulo.

Extraímos do relatorio do P. Catechista, chefe da expedição:

« A viagem correu sem incidentes, a não ser o atrazo, coisa muito natural nesse tempo. Em Campinas a estação estava repleta e os nossos alumnos foram logo reconhecidos. Muitos lastimavam os pequenos. Embarcamos num bonde e chegamos ao Lyceu. Ahi estavam á nossa espera o P. Priante e outros

padres, entre elles o P. Sebastião, que nos fez uma recepção barulhenta como nunca.

«O socego, o bom trato e a cordialidade dos irmãos de Campinas incutiram as melhores disposições em todos. Essa noite, para compensar as precedentes, que foram noites de porão, dormimos em um dormitório situado no terceiro andar. Já não se ouvia aquella musica que nos *embalava* o somno nas noites precedentes... Extranhamos o silencio.»

Cá em S. Paulo, tambem á tarde desse dia fez-se ouvir a voz do canhão. Os tiros vinham do lado do Ypiranga, acompanhados de fuzilaria, que á noite se tornou mais intensa.

De dia, durante algumas horas appareceram uns poucos bondes. Com que alegria os recebeu o povo! O popular vehiculo era recebido com palmas, como um triumphador. A' sua passagem as crianças pulavam e gritavam. As physionomias e as almas se abriam num sorriso de satisfação. Teria acabado tudo?

Mas de repente ouviu-se troar a artilharia. Os bondes recolheram-se aos depositos e os transeuntes estugaram o passo para entrar em casa.

Houve bondes, que, á queda de alguma granada nas vizinhanças, desandaram numa fuga desabalada e barulhenta, como gente tomada de panico!

Os *tres guardas do portão* estão juntos, na portaria, conversando.

O Polycarpo já é conhecido pelos leitores. Tama-
nho regular, branco, do Exercito, sorteado, magro, dois
dentes de ouro, sempre de káki, reservado, sempre de

Nos-
sos
guardas



Casas bombardeadas por aeroplanos — (R. Tabatinguera)

dedo amarrado e de Mauser na mão, sempre prompto para sahir de caminhão.

O Vitalino, da Policia, preto, muito alto e magro, expansivo, sempre de uniforme azul. Quando os revolucionarios entraram na cidade, arrancou depressa o numero da gola da tunica e... ficou revolucionario tambem. Quando entraram os legalistas, repoz o numero no seu lugar e... ficou incumbido de guardar os revolucionarios presos na Immigração.

A manobra do Vitalino salvou muita gente da cadeia e até da morte. Por exemplo: por ocasião da entrada dos revoltosos, no dia 9, quasi que mataram um soldado de policia bem na frente do Santuario. O pobre coitado, quando viu que lhe apontavam as

bayonetas, gritava convencido: Que estão fazendo, camaradas? Pois si tambem eu sou revoltoso!

— Olhe o numero da gola!

— Foi esquecimento, replicava elle, tremulo, arrancando ás pressas o numero fatal.

E tudo acabou em paz.

Eu, que tinha assistido á extranha scena, indaguei intrigado:

— Que historia é essa de querer matar gente por causa de um numero?

— Não, Sr. Vigario: pessoal da Policia que anda de numero na gola, é legalista. Nós não usamos. Bombeiros são todos legalistas. Ha muito trahidor no meio de nós. Quiz mostrar a esse tranca que aqui tem homem pela frente!

E batia no peito, com força.

E o 3.º guarda? E' um mysterio! Não dá confiança, não fala com ninguem. E' baixo, negro retinto, olhar desconfiado; veste uniforme apertado, verde oliva. Com difficuldade conseguiu-se saber, ha dias, que se chama José.

Está examinando as photographias expostas ao redor da galeria da entrada. De repente, o José se agita, sorri e fala!

Depressa, vamos ouvil-o.

Enthusiasmado, apontava para um grupo de alumnos uniformizados.

— Oh! Oh! Que bonito! Eu sou patriota!

— Que ha? gosta, hein?

— Quando vejo esta photographia... não sei: eu sou muito patriota!

— Já viu os alumnos marchando na rua?

— Não. Eu sou mineiro, não sou d'aqui. Eu sou patriota!

Depois, moita! Ninguém lhe arrancou mais uma palavra.

Nos ultimos dias da revolução, mysteriosamente desapareceu. Para onde foi? Para a trincheira? para Minas? Ninguém soube informar.



Efeito de um obuz — (R. Assumpção).

Foi substituído por um homenzinho minúsculo, rissonho e palrador, todo remexido que caminhava descompassadamente, com o fusil sempre a tiracollo.

Não largava do Vitalino, que era alto como um poste, e quando lá iam os dois muito camaradas e descomparados, pareciam mesmo... *l'articolo "il"*.

CAPITULO V

Dias de terror

15 de Julho.

Continuava intenso o êxodo da população. Fugia da parte baixa da cidade, procurando alcançar os bairros altos, na illusão de que lá estaria mais segura.

Pela manhã fui ver a passagem dos fugitivos na Alam. Nothmann. Aos grupos, aos magotes vinham subindo da Rua Silva Pinto, ininterruptamente. Já estavam cansados de tanto andar: vinham da Moóca, do Belemzinho, me disseram. Iam para a Villa Marianna, para a Avenida. Uns nem sabiam para onde iriam; fugiam, nada mais. Outros perguntavam si estava perto a Lapa...

Vi passar uma senhora edosa, com o corpo a-curvado pelos annos e pela molestia. Arrastava os pés doridos. Parou offegante para descançar e olhou em derredor, com os olhos estatelados, como a pedir conforto e coragem. A voz carinhosa de uma moça insistiu:

— Vamos, mãe; ainda um esforço...

— Sim, vamos!

Passaram pobres crianças maltrapilhas, descalças, chorando, agarradas aos paes que, por sua vez, iam carregando pesados embrulhos.

Quantas pupillas dilatadas pelo terror!

Uma senhora de meia idade ia entre dois rapazes, que lhe seguravam fortemente os braços, em continua agitação. Desvairada, roupa em desalinho, cabel-

O
êxo-
do

lo revolto, falava em balas, em tiros, em fugir. Tinha enlouquecido pelo terror...

Quanto soffrimento, quanta miseria!

Foi nessa hora, ao ver aquelle doloroso espectáculo na Al. Nothmann, que resolvi fazer funcção logo um abrigo no Lyceu.

Mandei preparar o Theatro, o Externato e parte da Séde dos Ex-Alumnos.

No Collegio já não havia alumnos. Podíamos agora tratar de soccorrer a população necessitada.

Nesse dia houve alguma animação na cidade. O correio se reabriu, assim como algumas casas commerciaes. Trafegaram alguns bondes. Mas ás 11 horas foi reiniciado o bombardeio, cahindo até varias



Rua Caelano Pinto

granadas no centro da cidade. Foi um instante: o correio fechou, os bondes desapareceram, o movimento cessou por completo.

Voltei á Cruz Vermelha para insistir no offerecimento do Lyceu e para ver si seria occupado logo. D'outra fórma, poderíamos utilizar tambem os nossos vastos dormitorios para abrigo do povo. As ruas estavam completamente desertas e silenciosas.

A Presidente disse que o offerecimento do Lyceu tinha sido acceito do melhor grado e que a qualquer hora a Cruz Vermelha iria occupar o estabelecimento. Contava com elle. Não cedessemos a outrem.

— Para hospital de sangue, como tínhamos falado, accrescentei, talvez fique um pouco incommodo. Mas, bem se poderia lá instalar, por exemplo, um hospital para crianças...

— Optima ideia, interveiu outra senhora da Directoria. Já tiramos da S. Casa os homens e as mulheres. Tirando agora as crianças, poderia a S. Casa comportar maior numero de feridos e ficar destinada exclusivamente para hospital de sangue.

Lembrei o offerecimento das Irmãs do Collegio S. Ignez, que se tinham promptificado a tomar a seu cargo todo o serviço do hospital a ser installado no Lyceu; só estavam esperando ordens.

A Presidente incumbiu-me de levar a proposta ao Dr. Diogo de Faria, Director da S. Casa, e dizer-lhe que a Cruz Vermelha approvava muito a ideia.

Fui á S. Casa. O Dr. Diogo e o Comm. Alberto da Silva e Sousa, Mordomo, concordaram para o fu-

turo; por enquanto, ainda havia lugar lá mesmo. Quando faltasse espaço, seria installado o hospital de creanças no Lyceu.

O bombardeio começou antes do meio dia, attingindo alguns bairros; á tarde fez muitos estragos; á noite intensificou-se ainda mais.

A população ia fugindo em massa. Muitos embarcaram nos trens da Ingleza e Sorocabana.

O
Abri-
go Nesse dia começou a funcionar o Abrigo do Lyceu, installado no Theatro.

A's 5 $\frac{1}{2}$ da tarde, acoissadas pelo bombardeio, entraram as primeiras familias. Vinham espantadas, chorosas. Tinha havido mortos e feridos.

Quantos? Ninguém sabia ao certo. Tinham fugido como estavam, sem jantar, com a pouca roupa que vestiam.

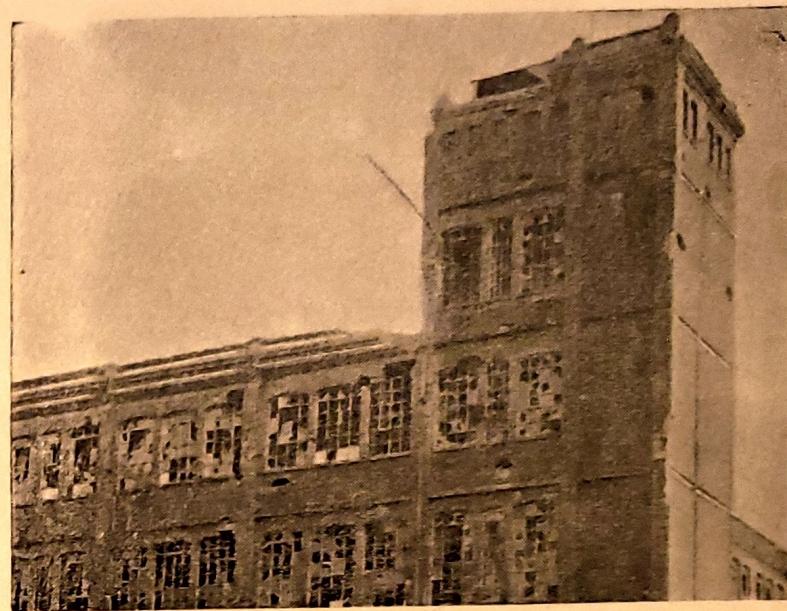
Procuramos consolar aquella pobre gente; arranjamos alguma cousa para comer e lhes preparamos colchões e cobertores. Garanti-lhes que ahi podiam estar tranquillos; nada soffreriam.

Assim começou o Abrigo do Lyceu.

Em Campinas tudo ia bem. Recortamos do *Relatorio* do P. Catechista:

«A's 10 horas do dia 15 de Julho embarcaram os alumnos para S. Manoel. Deverão desembarcar em Campos Salles e seguir de auto até o destino. No mesmo trem seguiram varios de Collina, Tibiriçá e Piracicaba.

«A' noute, depois de varios entendimentos com pessoas bem informadas e com os chefes do trafego da Paulista e da Mogyana, resolvemos embarcar 16 alum-



Fabrica Crespi.

nos com destino a Paraná e Santa Catharina. Acompanhou-os o Clerigo Edgard Rocha.

«Com a sahida desses alumnos, ficaram connosco apenas 23 meninos.

«Nos demais dias nada houve digno de nota.

«Os alumnos divertiam-se á larga e passavam bem, como em tempo de férias bem folgadas.»

16 de Julho.

A desolação da cidade é cada vez maior. Augmenta a retirada das familias dos bairros mais expostos ao bombardeio e augmenta o êxodo para o interior do Estado.

O canhoneio durante o dia foi espaçado; cahiram granadas na rua Sta. Ephigenia, fazendo poucas victimas.

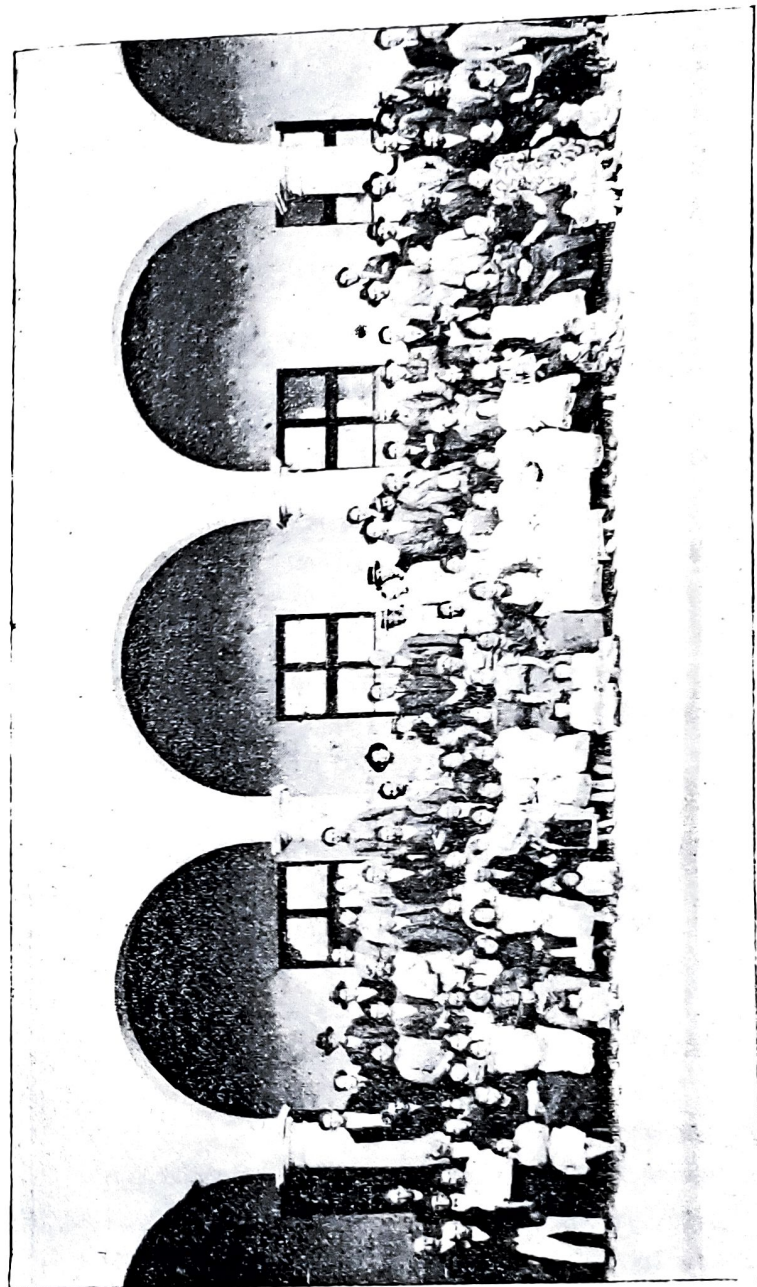
Nesse dia o Dr. Macedo Soares se dirigiu ao General Abilio de Noronha, prisioneiro dos revoltosos, sollicitando a sua intervenção para a terminação da lucta.

Grana-
das
A' tarde desse dia, pelas 5 $\frac{1}{2}$, deu-se uma scena impressionante. Passava sobre o Lyceu um aeroplano, quando foi alvejado por diversos tiros de artilharia! As granadas explodiram nas proximidades do Collegio, sendo que alguns pequenos estilhaços vieram cahir nos nossos pateos. Foi um momento de alarme: muitos correram (e era de ver com que rapidez!) e se refugiaram nos porões.

Simultaneamente, diversas familias das vizinhanças, aterrorizadas, vieram abrigar-se nos nossos porões, onde passaram a noite.

Uma dessas granadas, tendo cahido ahi perto, na Alam. dos Andradas, ferira tres homens, que foram trazidos ao Lyceu para receberem os primeiros soccorros. Foi uma hora triste: sangue, gritos, pedidos de auxilio. Um delles, Heinz Richard Buchmann, tinha um ferimento na coxa, interessando a arteria femural. A hemorragia era abundante: onde punha o pé, ficava uma poça de sangue. Penso que a esse nós salvamos a vida, pois o nosso enfermeiro, o Sr. Lamosa, poude estancar em pouco tempo a forte hemorragia.

Outro ferido apresentava fractura exposta do braço e diversos ferimentos pelo corpo. O terceiro tinha



«Abrigo para Famílias» — grupo parcial dos abrigados», sen as crianças da Escola.

uma ferida ligeira na perna. Todos receberam curativos. Foi chamada a Cruz Vermelha, que os transportou para o Hospital.

O nosso Theatro estava quasi repleto de pobres familias apavoradas.

Fa-
milia
De
Giani
ni
Uma infeliz familia italiana da Rua Aymorés, no Bom Retiro, tinha sido a mais provada. O pai, Antonio De Giani, viera trazendo tres filhinhos espavoridos: contava, entre lagrimas, que uma granada acabava de explodir na frente de sua casa, onde estavam brincando as crianças, e lhe matára ou ferira gravemente 4 filhos! A mãe perdera-se na confusão, carregando comsigo duas crianças gêmeas de tres mezes. Ninguem sabia dizer onde tinha ido parar aquella pobre mãe desoladissima. O Sr. De Giani deixou os filhos no abrigo e lá se foi, naquella noite escura e silenciosa, á procura da infeliz mãe!

Meu Deus, quanto soffrimento!

Para defender aquella pobre gente, foi collocado no Theatro um quadro de N. S. Auxiliadora. Mostrei aos abrigados o nicho do S. Coração, no portico do Externato, nicho que a começar daquella noite ficou sempre illuminado.

Garanti-lhes, com toda convicção, que no Lyceu nada teriam a receiar, nem das granadas, nem por falta do necessario. Enquanto os Salesianos tivessem alguma cousa para comer, haviam de repartir com elles.

Ficaram reanimados e cheios de confiança, apesar dos canhões postados na Luz, que durante aquella noite e as successivas, troavam com medonho estampido.

17 de Julho.

Pela manhã houve um feroz bombardeio no Braz, que causou grande numero de victimas. Foi especialmente attingida a Rua Caetano Pinto, na qual diversas casas ficaram literalmente destruidas.

Muitas familias dessa rua, na maioria espanholas, vieram abrigar-se no Lyceu.

No Theatro Olympia, convertido em abrigo, cahiu uma granada que fez grande mortandade. Caso na verdade doloroso! Aquella pobre gente, obedecendo á ordem de desoccupar, fugindo á metralha que varria a Moóca e o Belemzinho, nos dias precedentes tinha procurado refugio nesse Theatro. Depois de uma noite de sobresaltos, os adultos reanimavam-se aos poucos; as crianças brincavam descuidadas ao sol da manhã. Quando, de repente, foram colhidos em cheio pela fatalidade da guerra!

He-
ca-
tom-
be!

A granada explodira onde maior era a agglomeração. Pessoa que lá esteve logo após o desastre, asseverou-me que foram 29 os mortos e mais de 100 os feridos!

Foi uma scena barbara, dantesca.

Corpos estraçalhados, corpos decapitados, postas de carne humana atiradas pelo chão e pelas paredes, poças de sangue, visceras expostas e palpitantes... No meio d'aquelle horror e d'aquelle sangueira, os gemidos dos feridos, os gritos lancinantes das pobres mães juntando os membros esparsos das crianças, enchando-se de sangue ao erguerem nos braços a cabeça deformada dos seus filhinhos...

Ah! os que passaram em S. Paulo esses tragicos dias de tão dolorosa memoria, os que assistiram, hora por hora, á dilacerante agonia de um povo martyrizado, não podiam deixar de pedir a Deus e aos homens que tivessem piedade de nós, não podiam deixar de pedir a suppressão do horrivel bombardeio!



Rua 21 de Abril

Nos jornaes do dia appareceu esta informação, a proposito do offerecimento do Lyceu para ser convertido em hospital:

«Além desses, conta o Dr. Diogo de Faria com a offerta valiosissima de mais alguns estabelecimentos para a abertura, em caso de necessidade, de novos hospitaes, taes como a do Externato Santa Cecilia, á rua Vitalis e a do Coração de Jesus, no Largo do mesmo

nome, collegio este destinado á remoção de todas as creanças doentes da Santa Casa.»

E' publicado na imprensa o seguinte appello do Sr. Arcebispo Metropolitano:

Aos Catholicos em geral

Na situação angustiosa em que se encontra a população da Capital, obrigada a continuos e imprevisitos deslocamentos, são innumeradas as pessoas, sobretudo velhos, mulheres e crianças, que se acham desprovidas de abrigo e alimentação. Nessa dura emergencia, aconselhamos ao Rvmo. Clero, ás instituições religiosas e aos nossos carissimos diocesanos em geral a pratica da caridade para com os necessitados, sem distincção de especie alguma, consoante o exigirem e permittirem as circumstancias.

E' difficil traçar regras especiaes para cada um dos grupos dos operarios do Bem; pelo que estaremos á disposição de quantos precisarem do nosso ministerio, direcção ou conselho, recebendo a todos indistinctamente. Como quer que seja, parece conveniente que, desde já, se abram aos desabrigados os edificios mais vastos, quaesquer que sejam, inclusive as egrejas, se tanto for necessario. As pessoas bem intencionadas, com prudencia e criterio poderão evitar depredações sempre reprovaveis, bem como obstar que a população seja explorada e desfalcada no que respeita ao necessario para a vida.

Os Revmos. sacerdotes dirão na Missa a oração Pro-Pace, e poderão usar de todas as faculdades que lhes forem necessarias no exercicio do ministerio e da

caridade christã, com excepção apenas das que requerem jurisdição especial.

Confiados na misericórdia de Deus, intercedamos todos pelo breve e completo restabelecimento da paz entre irmãos, multiplicando as nossas preces e fervorosas orações.

São Paulo, 12 de Julho de 1924.

(a) Duarte, Arceb. Metrop.

No
Abri-
go

Façamos uma visita ao nosso Abrigo.

Outras famílias já tinham accorrido. O Sr. De Giani encontrou a senhora e a trouxe também para o Abrigo, junto com as duas criancinhas de peito.

A pobre mulher está abatidíssima: uma dor profunda, inconsolável. As lagrimas lhe rolam continuamente pela face macerada, enquanto vae embalando o pobre berço onde duas creaturinhas mirradas choramingam tristemente. De vez em quando dizia baixinho, como si falára para si:

— Chamava-se Lucia... Tinha doze annos a minha pobre Lucia. Coitadinha! Elles a mataram! Ficou toda picada! Só sangue e pedaços de carne espalhados pelo chão. Que crueldade! Era uma bella menina a minha pobre Lucia, era uma bella menina!

— Tenha paciencia, D. Maria. Deus não a abandonará.

— Outros tres ficaram muito feridos! Um homem da Cruz Vermelha, vestido de branco, os levou para a Santa Casa. O meu Victor de certo vae perder o pé...

— Mandaremos visitá-los: ha de ver que já agora estão melhor.

Mas um delles estava á morte, segundo informaram na Santa Casa. De facto falleceu dias depois. Ao Victor, uma creancinha, foi preciso amputar-lhe o pé. O maior estava muito ferido. Uma desolação.

Havia no abrigo um moço doente, Antonio Ortega Filho, acompanhado pela velha mãe. Tinham passado muitas noites no matto, ao relento, naquelle estado! Arranjou-se um quarto para elles. O medico declarou tratar-se de pneumonia. Falamos em removê-lo para o hospital. Mas a pobre mãe não se conformava em separar-se do filho. «Deixassemos ficar ahi mesmo: sararia logo».

Tinham chegado muitas famílias do Braz; diversas pessoas, na pressa da fuga, traziam apenas a «roupa do corpo». Contavam horrores.

Muitos suppunham-se alvo de uma perseguição. Custei a tirar-lhes da cabeça uma ideia tão absurda.

— Nós somos gente pobre, mas não fazemos mal a ninguém. Só queremos trabalhar e ganhar a nossa vida. Porque é que nos perseguem?

— Não, meu bom homem, ninguém os persegue. E' que as granadas não acertam todas no alvo e então fazem estragos nos arredores.

— Ha 25 annos que estou no Brasil, dizia uma senhora de idade. Nunca nos fizeram mal. E agora...

— Nem agora, acreditem em mim. As granadas não são atiradas de proposito contra vocês. Atiram uns contra os outros.

— Mas não são todos brasileiros?

— E' verdade.

— Então, porque se fazem guerra assim?

«Porque
nos
perse-
guem?»

— Tem razão. A revolução é uma grande desgraça.

— Si são todos irmãos, por que motivo se matam deste jeito?

— Por uma *obnubilação dos espiritos*, arrisquei eu...

— Ah!

E assim, como não entenderam, ficaram satisfeitos...

Mais adiante, um espanhol reforçado, moço e falador, gesticulando nervosamente, prendia a atenção de uma grande roda de ouvintes e concluía:

— “Que manden unos, o que manden otros,” já se sabe, nós ficamos sempre por baixo. O povo «tiene siempre que pagar». Briguem em campo aberto, mais para longe. «Que se peleen ellos, caramba!»



O que ficou depois do incendio...

Nesse dia tentei ir ao Ypiranga. Preoccupava-me a falta de noticias da casa de noviciado das Irmãs. O capellão, P. J. Solari, apparecêra no dia 5 e depois ninguem mais soube delle. Igualmente no Collegio S. Ignez, sem noticias nenhuma, estavam impressionadas pelo isolamento em que se encontravam as do Ypiranga.

Pelo bombardeio intenso que de lá vinha, pelos boatos e pelas poucas noticias dos jornaes, sabia-se que no Ypiranga devia haver grande concentração de forças.

Tentei chegar até lá de caminhão, recommendando esperteza e prudencia ao *chauffeur*... porque diziam que no Cambucy *a coisa era feia mesmo*.

Foi impossivel passar alem do Largo de S. Paulo : de todos os cantos gritavam que parassemos.

O Theatro S. Paulo estava transformado em alojamento de revoltosos. Lá havia um posto de commando. Fui pedir licença para proseguir a viagem.

Attenderam-me dois officiaes magros, pequenos, de evidente máu humor.

Olhos inquisidores, cara de poucos amigos. Positivamente as coisas não lhes corriam bem.

— Ao Ypiranga? Eu sei! Hontem houve lá um combate e os Snrs. deram signaes ao inimigo por meio dos sinos.

— Não é possivel, arrisquei.

— Como não é possivel! Si não fosse o sino, teriamos ganho. Os Snrs. nos prejudicaram muito e... agora vamos ver.

— Eu não sou de lá; moro na cidade. Quero apenas ir visitar um collegio.

- Si não foi o Sr., foram os seus collegas.
 - Nem isso : o collegio para onde vou é de se-
nhoras e não tem sinos.
 - Seja como for, o Snr. não póde ir.
 - Mas...
 - E' inutil : ninguem se arrisca a transpor ago-
ra o Cambucy.
- Voltei para casa desanimado.

CAPITULO VI

Esperanças, desillusões

18 de Julho.

Os jornaes publicam as «condições» apresentadas pelos revoltosos, em consequencia das cartas trocadas entre o Dr. Macedo Soares e o General Abilio de Noronha. Toda a gente se interessava e discutia essas tentativas de paz ; mas no fundo todos presentiam o fracasso. Alternativas de esperanças e desillusões. Com effeito, as propostas nem poderam ser transmittidas ao Rio.

O dia correu relativamente calmo. Durante a noite, como de costume, troaram os canhões.

O numero dos abrigados augmentava cada vez mais. Muitos moços e homens válidos, sem familia, vinham tambem á procura de lugar. A seguirem assim as coisas, ia faltar logo accommodação para as pobres familias, que naturalmente deviam ter a preferencia,

Resolveu-se transformar o «Abrigo» em «Abrigo para Familias». Os homens isolados poderiam receber

comida no portão ou serem encaminhados para algum posto de soccorro.

Foi logo affixado o seguinte aviso :

Este «Abrigo» particular é exclusivamente para familias necessitadas.

Os homens sem familia e os moços solteiros não pódem ser recebidos aqui. Devem procurar outras obras de assistencia, que funcçionam em diversos lugares. O «Abrigo» poderá facilitar-lhes a viagem para fóra da cidade.

O Lyceu ajudou muitos moços a sahir de S. Paulo. Aos que se apresentavam era entregue uma passagem até Jundiahy e, no minimo, 5\$000 em dinheiro.

A quantos o Lyceu encaminhou para fóra de S. Paulo? Não sei. Lembrou-me, porém, que d'uma só



Officina Duprat.

vez, foram compradas 30 passagens para tal distribuição.

A todos inculcavamos este principio: «Os que pódem sahir de S. Paulo, devem sahir».

No Abrigo ha sempre grande movimento e actividade. As mulheres lavam roupa, tratam da limpeza e da ordem. E' só fornecer-lhes sabão e vassouras.

Os homens vão colher informações na rua e voltam commentando e prophetizando.

Ouçõ a ultima informação:

— O chefe da revolução chama-se General José Caneta.

— Nunca ouvi esse nome.

— E' José Caneta, não ha dúvida. Já chegou a S. Paulo e... acho que eu já vi.

Queria dizer: Zeca Netto.

Um espanhol quer mostrar-me a sua filhinha.

— E' minha filha, Sr. Padre; *sangre espanhõla*.

— Como se chama?

— Anesia, por causa de Anesia Pinheiro Machado. Eu sou muito patriota, Sr. Padre.

— Mas que tem que ver o patriotismo dum subdito de Affonso XIII com o nome da aviadora brasileira?

— Não sei, Padre; mas eu sou muito patriota. Por isso, quiz que se chamasse Anesia. *No es verdad, Anesia?*

E a pequenita affirmava e batia as mãos.

As poucas noticias dos jornaes, verdadeiras ou falsas, eram lidas com avidez e commentadas com vivacidade.

Todos eram concordes eu abençoar os nomes do Sr. Arcebispo, do Prefeito Municipal e do Dr. Macedo Soares.

— Estes sim é que são amigos do povo. Cada dia é uma nova tentativa para melhorar a nossa sorte.

— Tirando estes tres, quem mais se lembra de nós? perguntava outro. Todos fugiram!

— Não fale assim, ponderava outro. Estes são de certo os que mais trabalham. Mas em S. Paulo ha ainda muita gente boa, que não se esquece dos pobres.

De tarde, uma surpresa: o Vigario de S. Caetano, P. João B. Pelanda, depois de superar perigos e difficuldades de todo genero, chega ao Lyceu e comunica que o P. Inspector se acha em S. Caetano!

A inesperada noticia encheu a todos de alegria. Mas, agora, como poderia elle chegar ao Lyceu? Os jornaes da manhã annunciavam que nem á Cruz Vermelha seria mais permittido transpor as linhas de fogo...

Escrevi-lhe por intermedio do abnegado Vigario, dando noticias do Lyceu. Tudo ia bem; não tivesse pressa. Não se fosse expor a algum perigo...

Diminue, aos poucos, o numero de alumnos, que não puderam ainda ser entregues ás suas familias, e assim vae diminuindo nossa responsabilidade. Hoje são apenas 47, dos quaes 31 em Campinas e 16 em S. Paulo.

Si alguém quizer saber os seus nomes, leia a seguinte relação, que foi publicada nos jornaes de 18 de Julho; si não lhe interessar, salte para a pagina seguinte.

Os alumnos do Lyceu em 17-VII-924

«Os alumnos ainda a cargo do estabelecimento connuam sem novidade e se acham nos seguintes lugares:

No "*Lyceu de N. S. Auxiliadora*", Campinas :

Alcides Martins Machado, *da cidade de S. Carlos* ; Ameno Villela Carvalho, *Uberabinha* (Minas); Antonio Cecilia Filho, *Capital*; Antonio Mendes, *Tres Lagoas*; Benedicto Ramos Junior, *S. José dos Campos*; Calixto Anconi Bonazar, *Campo Grande* (M. Grosso); Carlos Quadri, *Itapetininga*; Egydio Enei, *Bocayuva*; Ezelico Brambilla, *Poá*; Geraldo Savio Freire, *Barão Homem de Mello*; Guilherme M. Brandi, *Sacramento*; Henrique de Souza, *Rio de Janeiro*; Humberto Brandi, *Sacramento*; Isidoro Jacobson, *Rio das Garças* (M. Grosso); João Nunes Dias, *Cuiabá* (M. Grosso); Jorge Alves de Souza, *Aquidauana* (M. Grosso); José Cesar de Souza, *S. José dos Campos*; José Gabriel Rocha Mina, *Capital*; Josino Carneiro, *Cananéa*; Manoel P. de Carvalho, *Santos*; Manoel Vieira Palma, *Cajurú*; Miguel Marcenowicz, *Turvo* (Minas); Nestor Santos Lemos, *Rio de Janeiro*; Paulo Moretzson Brandi, *Sacramento*; Procopio Ponciano, *Catalão* (Goyaz); Raphael Locatelli, *S. José dos Campos*; Regnier Bismara, *Conchas*; Ricardo Pasin, *Apparecida do Norte*; Venerando Freitas Borges, *Goiabeiras* (Goyaz); Edison Ribeiro, *Itapetininga*; Darcy Flores Pinto, *Passa Cinco*.

Na *Chacara do Lyceu* (Chora Menino):

Alexandre de Souza, *Capital*; Alvaro Barra, *Capital*; Augusto Pereira de Andrade, *Capital*; Emilio Ghilardi, *Capital*; Francisco Crissiuma, *Capital*; Fuad Gabriel, *Capital*; José Paglia, *Capital*; Nevio China Barbosa, *Capital*; Orlando Alves Ferreira, *Capital*; Paulo Catão Bastos, *Capital*; Waldemar Panadés, *Capital*; Wencesláu Gomes Ferraz, *Capital*.

Um no Sanatorio de S. Catharina, quarto, 79: João Baptista Foloni (*Bariry*), com rheumatismo. Um na enfermaria do Lyceu: Xenofonte Strabão de Castro, (*Itapetininga*), convalescente.

Os alumnos pôdem ser procurados nos lugares onde estão ou no Lyceu».

Antes de recolher, vamos observar o que ha no Largo. Tudo escuro, tudo silencio. Cá e lá os vultos confusos e ameaçadores das sentinellas, encostadas pelas esquinas. Passa um soldado: a cada sentinella que topa transmite um aviso qualquer. Fala baixinho e segue apressadamente ..

Approximo-me para indagar de qualquer noticia mais grave.



O General Potyguara e o seu Estado Maior.

— Novidades para esta noite?

— Nada, nada. E' general inimigo nas nossas linhas.

— Como?

— Atravessou as trincheiras enganando as sentinelas; agora anda de auto correndo pela cidade.

— Quem é o general?

— Parece que é o *Pitaguara*. Temos ordem de atirar contra o automovel n.º... sem aviso previo.

— E esta agora! (pensei commigo). Si algum soldado esquece o numero ou lê errado... Alem do mais, muitos são analphabetos...

No dia seguinte corriam os boatos mais absurdos: que o General Potyguara fôra visto na cidade, pelos lados do Braz, disfarçado de padre; que tinha entrado na cidade num caixão de defuncto; que diversos civis (entre os quaes o Dr. Cyrillo Jr. e o Sr. Rodovalho) haviam sido executados summariamente no largo da Sé, etc., etc.

19 de Julho.

Os jornaes trazem esta declaração do Gen. Abilio: Não podia, general legalista, trasmitir ao Governo aquellas propostas dos revoltosos, que exigiam a renuncia do Presidente da Republica.

Eu vinha sendo assediado por uma idéa: fazer uma tentativa perante o mesmo General Isidoro Lopes, no sentido de minorar os soffrimento da população e salvar a salvaguardar os nossos abrigados.

Pensava assim:

O bombardeio do dia 16 contra o aeroplano revolucionario, ás 18 horas, foi obra dos canhões da Luz. Os aeroplanos fatalmente voltam; si a artilharia repete a façanha, estamos perdidos. Quantas mortes!

Mais: a situação interna da cidade de S. Paulo não era conhecida integralmente no Rio. E isto era natural, pois as unicas informações iam das tropas legalistas, as quaes não podiam conhecer a situação do povo da cidade, completamente isolado dellas por uma intransponivel linha de fogo. Os revolucionarios tiravam todo o partido do bombardeio da cidade, explorando-o em seu beneficio. Fazer chegar ao Rio e ao Governo uma informação exacta do que se passava em S. Paulo, seria um serviço real á população e á cidade.

Outra razão: começava-se a receitar pelos nossos alumnos da Chacara, pois constava ter já havido encontros de patrulhas de cavallaria em Guarulhos. Notava-se muito movimento de soldados nos arredores da Chacara.

Mais um motivo: o P. Inspector provavelmente tentaria a passagem para a cidade e poderia ser detido pelos revoltosos.

Esta ultima nova razão decidiu-me a dar logo o passo.

Um amigo, a quem expuz o plano, tentou dissuadir-me.

— E' um passo perigoso. Além disso, o quartel está sempre exposto ao bombardeio. Não vá lá.

— Que remedio sinão ir lá mesmo, uma vez que está lá o General Isidoro?

— Mas tem coragem de falar dessas coisas ao chefe dos revolucionarios? Elle vai prendel-o.

— Provavelmente não. Acho que para diminuir os sofrimentos desta longa tragedia, deve-se tentar tudo, embora dahi venham perigos ou alguma coisa mais.



General Isidoro Dias Lopes.

Com
o
Ge-
ne-
ral
Isi-
doro

Fui ás 11 horas. Cinco minutos de ante-sala onde ficou José Calvi, que me acompanhava, e, fui logo introduzido. Era uma sala do 1.º andar, onde estavam dois officiaes almoçando. O General recebeu-me numa mesinha, num canto da sala, onde nossa conversa não podia ser ouvida pelos outros. Offereceu-me uma cadeira e elle sentou-se num tamborete.

Expuz o caso do Padre Inspector.

— Não sendo conhecido pelas nossas tropas, pôde ser detido e assim será trazido á minha presença. Mas, nesse caso, o mandarei logo para o Lyceu.

Dei nome, indicações, signaes caracteristicos.

Prometteu avisar-me quando houvesse perigo para os nossos collegios: Lyceu, Collegio Santa Ignez, Instituto D. Bosco, Chacara. Tomou nota da localização da Chacara.

— Este papel vai ficar no Estado Maior. Quando houver operações millitares nas immediações, V. Revma. será avisado, para retirar de lá os alumnos.

Abordei o ponto mais delicado: o bombardeio contra o aeroplano. Contei o desastre do dia 16.

Atalhou dizendo que tinham sido canhões governistas.

Não me dei por entendido:

— Naturalmente, não são ordens do Sr. General. Algum commandante de bateria, nervosismo de algum artilheiro...

— Não ha perigo; foram disparos de longe.

— Mas o arrebetamento da granada era logo após o tiro da peça. O canhão devia estar perto...

— A's vezes parece. Mas o aeroplano do dia 16 era nosso. Não iriamos atirar contra elle.

Falei da mensagem ao Rio.

— Escreva o que quer mandar dizer, para eu pôr o visto, e depois pôde transmittir.

— Mas poderei ter liberdade de dizer cousas, que desagradem aos Srs. ?

— Comtanto que seja verdade, pôde dizer o que entender, embora seja desfavoravel a nós.

— Quizera dizer, por exemplo, que os Srs. exploram o bombardeio e concitam o povo a se unir aos revoltosos....

— Póde dizer. Não esqueça de pôr no principio da mensagem:

“Com auctorização do chefe das forças revolucionarias”.

— Onde encontrarei o Sr. General para mostrar-lhe a mensagem ?

— Aqui, sempre!

Voltei ao Lyceu; escrevi nervosamente a mensagem endereçada a eminente personagem do Rio de Janeiro.

O Sr. Calvi levou ao General, que poz o «visto» sem alterar nada. Estava assim redigida:

“Com auctorização do chefe das forças revolucionarias.

«Valho-me generosa amizade V. Excia. me dispensa, para pedir sua delicada intervenção perante Presidente Republica, no sentido ser suspenso ou attenuado bombardeio nossa desolada cidade.

Granadas têm causado innumeras victimas população civil, especialmente crianças. Povo, tomado de panico, não sabe onde buscar asylo.

Ante-hontem granadas attingiram tambem abrigo que funciona Theatro Olympia, Braz, fazendo grande chacina. Nosso abrigo (Theatro Lyceu) está familia De Giani, á qual granada tirou quatro filhos: dois mortos e dois gravemente feridos.

Exodo continúa impressionante. Ha miseria e fome. Um espectaculo desolador! Povo soffre muito, soffre demais.

Forças revolucionarias tiram partido bombardeio cidade, para concitar povo adherir causa delles.

Revolução foi exclusivamente militar. População tem-se conservado alheia. Soffre horivelmente, mas ainda resignada. Póde vir o desespero, o saque, a epidemia.

Não alcançando suspensão terrivel bombardeio, queria tentar tregoa, para facilitar fuga população civil.

V. Excia., em sua inexgottavel caridade christã, faça tudo que puder para salvar este pobre povo, inerte e tão provado.

Aguardo com ansiedade qualquer resposta V. Excia.

P. Luiz Marcigaglia

S. Paulo, 19 - VII - 924.»

Corri á Companhia Telephonica. O recado não podia ser transmittido.

— Mas olhe que tenho ordem do General. Não opponha embaraços.

O Gerente explicou que as linhas acabavam de ser cortadas além da Penha. Era mesmo impossivel. Que decepção!

Fui ao Telegrapho Nacional, á Western, á All America Cables: tudo fechado. Não havia nenhum meio de communicacão com o Rio! (1)

(1) — A mensagem foi remettida ao Rio pelo correio. Uma copia foi posta no correio de Campinas, endereçada a Caxambu e de lá redespachada ao Rio. Outra copia foi collocada numa cidade do Paraná, endereçada ao Rio por via maritima. O destinatario recebeu uma só copia, 15 dias depois de terminada a revolução...

Rua Direita, Rua Quinze, Rua S. Bento tudo deserto e silencioso. Um ar de mysterio e de desasossegado em toda parte. Cá e lá algum raro transeunte desconfiado, rente com as paredes, estugando o passo.

Quem poderia reconhecer agora o famoso *Triângulo*, tão rumoroso e agitado, formigando de gente a toda hora?



Fabrica Crespi.

Mais tarde fui á Cruz Vermelha. Ha muito tempo não se tinham noticias do Noviciado do Ypiranga. Ninguém conseguia transpor o Cambucy, onde os combates eram intensos e continuos. Tambem pelo caminho da Villa Marianna era impossivel passar, por identicos motivos.

As Superiores do Collegio de Santa Ignez muito se empenhavam para ter noticias do Ypiranga e para remover as Irmãs de lá, pelos perigos a que deviam estar expostas. Pedi a intervenção da Cruz Vermelha.

A Presidente, D. Antonia de Souza Queiroz, prometteu providenciar naquelle mesmo dia, si bem se tratasse de empreza difficil. Pediu-me 50 colchões para o abrigo de S. Bento, que cedi da melhor vontade.

O nosso caminhão levava uma bandeirinha do Lyceu, por via das dúvidas. Na Praça Antonio Prado, um soldado, de revólver em punho, fez parar o carro e mandou tirar a bandeira. O Polycarpo informou, o Calvi explicou. Mas o homem, entre baforadas alcoolicas, insistia :

— *Tire êto. Ni bandera blanca, ni cru roja.*

— Mas não é branca, nem da Cruz Vermelha.

— *Tire, tire êto le digo.*

A bandeira estava bem amarrada com arame: por mais que o Calvi forcejasse, não sahia. E o soldado sempre com aquelle maldicto revólver apontado...

Foi preciso quebrar a haste da bandeira: prompto! O soldado abaixou o revólver. Podiamos seguir.

— E' fita, rosnava o Polycarpo, já ao longe.

Na altura do Largo Paysandú, outro soldado, negro retinto, de carabina ao hombro e enorme revólver na mão, mandou parar e mandou seguir, gesticulando com o revólver...

— Podia fazer signal com a mão, não com o revólver, resmungou o Polycarpo, a alguns metros de distancia.

O P.
Ins-
pe-
ctor

A's 7 horas da noite, quando o Lyceu se ia enchendo de familias alojadas nos porões e se ia reanimando com as palestras que commentavam os acontecimentos do dia e davam palpites para a noite, de repente appareceu entre nós o P. Pedro Rota, o nosso muito amado Inspector. Bemvindo seja!

E como conseguiu vir até cá? De S. Caetano, numa machina da Ingleza, fôra á estação do Ypiranga e de lá chegára de surpresa ao Noviciado das Irmãs. Aproveitando, pouco mais tarde, o carro enviado pela Cruz Vermelha, a pedido do Lyceu, para remover as Irmãs, (que não quizeram sahir de lá) depois de 4 horas de viagem accidentada e perigosa, conseguiu alcançar o Lyceu.

Levamos o P. Rota ao refeitório e tratamos de improvisar um jantar. Lá, na intimidade daquella mesa, ouvimos a narração das suas longas e sensacionais peripecias.

"Sahi do Rio de Janeiro no dia 12 de Julho, a bordo do "Duca d' Aosta". Trazia cartas de recommendação para o Almirante Penido, commandante da praça de Santos. Esperava poder assim chegar depressa a S. Paulo.

Era difficil falar com o Almirante. Absorvido completamente com os assumptos do seu cargo e algo adoentado, permanecia a bordo do Capitanea, o "Benjamin Constant", invisivel para nós civis.

Por intermedio do amavel Capitão dos Portos, Cap. de Fragata Manoel José Nogueira da Gama, consegui, no dia 14, uma breve entrevista com o Almirante.

Apresentei as cartas — eram da familia — cujo effeito esperava fosse extra-rapido.

"Era impossivel ir a S. Paulo. Nenhum civil viajava na estrada de ferro. Era tudo serviço de tropa. Ordens severissimas. Impossivel abrir uma excepção".

Depois de diversas tentativas inuteis, conclui:

— Perfeitamente, Sr. Almirante; eu tambem sou homem de disciplina e sei o que são estas coisas. Si de todo é impossivel, paciencia.

— Vamos ver... Póde ser... Em todo o caso, V. Revma. esteja de promptidão, que, si apparecer alguma possibilidade, avisarei.

Tres vezes por dia telpehonava pedindo noticias da saude do Sr. Almirante. Não fosse elle se esquecer de mim...

Finalmente, ao terceiro dia, recebi recado telephónico para estar na estação ás 20 horas (eram 19.40!). Lá receberia o salvo-conducto e poderia viajar num trem de tropas.

Fui. Não havia carro de passageiros. Para mim arranjaram o carro do Chefe de trem. As tropas estavam no alto da Serra. Até lá, além dos machinistas, era eu a unica pessoa que ia no trem. Levamos tres horas para chegar ao alto.

Na descida da serra um official indagou:

— V. Revma. para onde vae?

— Meu destino é S. Paulo; tenho salvo-conducto do Almirante Penido. Irei até onde o trem me levar.

— O trem vae até S. Caetano.

— Está bem; ficarei em S. Caetano.

Nas proximidades de S. Bernardo — era quasi meia noite — pensei: S. Caetano é logar onde nunca es-



Egreja da Gloria.

tive. Não ha padre, que me conste. E' melhor ficar em S. Bernardo; assim, amanhã poderei celebrar missa e depois proseguirei a minha viagem.

Em S. Bernardo saltei.

— Mas o Sr. não disse que ia a S. Caetano? indagou o official.

Expliquei porque mudára de opinião.

— O Sr. não pôde ficar aqui na estação. Ou continúa a viagem ou vae para a rua

E essa agora! Era noite escura e choviscava.

Emfim, consegui que me deixassem ficar no carro que servia de dormitorio a alguns empregados da estrada. Lá cochilei algumas horas até clarear o dia.

De manhã, depois de celebrar, aproveitei um auto que ia a S. Caetano e que gentilmente me levou até

lá. Saltei e ia me dirigindo socegradamente para a povoação, quando um soldado me deteve: o Commandante me chamava.

— E' justo, pensei: quererá ver o meu salvo-conducto.

E para lá fui promptamente.

— O Reverendo para onde vae? perguntou o Coronel, medindo-me de alto a baixo com um olhar inquisitorial.

— Vou para S. Paulo; vim agora de S. Bernardo e aqui espero um meio de proseguir a viagem.

— Sim, Sr. (e sorriu com um risinho amarello), V. Revma. hontem parou em S. Bernardo, quando havia declarado que viria até S. Caetano...

— E' verdade; mas, reflectindo melhor, julguei mais acertado ficar lá de preferencia a S. Caetano, onde não ha padre.

O Coronel, todo enroupado e friorento, enterrou ainda mais a cabeça na gola do capote e com accento de compaixão e de chacota, exclamou:

— *Santa ingenuidade!* Até na Europa conhecem S. Caetano!

Era preciso ver o geito com que disse taes palavras, a cara sarcastica do meu Coronel.

— Sim, respondi simplesmente, tambem eu sabia da sua existencia, mas ignorava que houvesse padre.

— Em tempo de guerra devemos desconfiar de todos. Olhe que um seu collega já foi preso...

Achei melhor não agradecer a animadora gentileza...

O Coronel proseguiu resolutio:

«San-
ta
inge-
nuí-
da-
de!»

— O Sr. não pôde seguir: ou fica, ou volta para Santos.

— Não posso discutir com o Sr. Coronel. Eu lhe disse a verdade. Diz V. Excia. que ha padres aqui. Posso ir ter com elles?

— Póde.

Para lá fui. Eram de facto os Padres Stigmatinos, que aqui estavam apenas desde a Paschoa, e eu o ignorava. Contei-lhes o meu caso. Riram-se a valer.

Mais tarde, o Vigario, o heroico e dedicado P. João B. Pelanda, foi ter com o suspeito Coronel e não consentiu absolutamente que eu o acompanhasse. De facto, não poderia eu estar presente, quando o P. João, segundo depois me contou, ia dizendo ao Coronel:

— Desconfiar do P. Pedro Rota! Um dos homens mais benemeritos do Brasil, um homem que viajou o paiz inteiro, conhecido que é e acatado no Uruguay, na Argentina, em toda a parte. E' o Inspector dos Salesianos, cujos collegios são exemplos de educação civica e de patriotismo. Coronel, seria fazer rir o Brasil inteiro...

— Nada eu sabia de tudo isto. Si é assim, pôde ir livremente para onde quizer.

Dest'arte o Coronel capitulou e eu pude chegar até a estação do Ypiranga, numa machina da Inglesa, apesar das reclamações do Tenente que tomava conta da estação, o qual me repetia que era tempo de guerra e que eu deveria escolher melhor occasião para viajar...

Da estação fui ao noviciado das Irmãs. Portas e janellas hermeticamente fechadas, apesar de bater a todas ellas e gritar que abrissem. Mais tarde alguém arris-

cou-se a entreabrir uma janella e a pôr o nariz para fóra: "O P. Rota!" *Tableau!*

Depois chegou providencialmente o auto enviado pela Cruz Vermelha. Era um carro do Collegio Baptista, que lá fôra para remover as Irmãs, as quaes afinal não quizeram sahir.

Este ultimo trecho de viagem foi o mais difficil. Experimentamos diversos caminhos: em toda parte esbarravamos com trincheiras e tinhamos que voltar para traz. No Cambucy fui interrogado por alguns officiaes, que com muita delicadeza e interesse indagavam o que havia no Ypiranga.

— Por lá tudo vai bem, obrigado. Só aquella anormalidade de estar tudo cheio de soldados.

— São muitos?

— Muitos; mas tudo em relativo socego e bem dispostos.

— Esses não são nossos, disse o official com tristeza.

Percebi então que estava falando com os revolucionarios... Cala-te, bocca.

— O Reverendo para onde vae?

— Para o Lyceu Coração de Jesus.

— Póde seguir.

E assim, dando voltas, fazendo e refazendo caminhos atravez das linhas de fogo, depois de 4 horas de peripecias e perigos, eis-me agora no Lyceu!

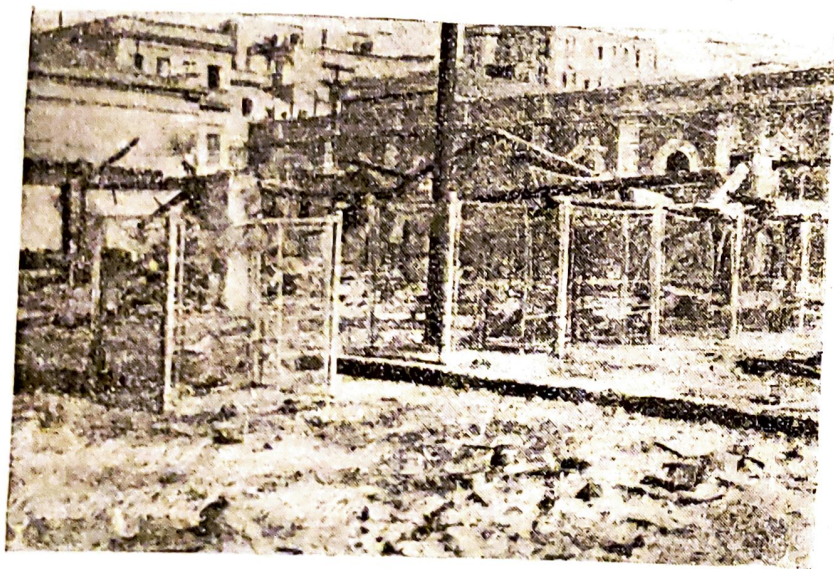
De noite desenvolveu-se pelos arredores da cidade encarniçado combate, a julgar pela fuzilaria e pelos continuos tiros de peça.

O bombardeio dessa noite foi violentissimo. A intervallos ouvia-se o ronco soturno de um canhão maior, não ouvido nos dias anteriores, que fazia estremecer as vidraças e... algo mais.

20 de Julho.

Domingo de certo movimento e actividade pelas ruas. Trafegam diversas linhas de bondes, passam automoveis, conservam-se abertas varias casas de negocio e o povo parece mais confiante.

O Abrigo augmenta cada dia mais. Hoje passam de 160 os abrigados. E' consideravel o numero de crianças. Ellas esquecem facilmente as tragedias recentes e organizam brinquedos e correrias pelo pateo, numa alegre algazarra.



O Mercado Central depois do incendio.

— Será preciso tratar de fazer algum bem a essas crianças, tão necessitadas de instrucção e de assistencia. E si organizassemos uma escola para ellas? Provavelmente a anormalidade continúa ainda por algumas semanas e estes pequenos perdem um tempo precioso. Tratemos da escola.

Os abrigados vão ao Santuario assistir á missa das nove. Ha algum povo, mas sobra muito espaço. Nos tempos normaes, nessa hora, não havia um só lugar disponivel no Santuario: ficava literalmente cheio de alumnos, que faziam vibrar as naves sagradas com suas devotas orações e seus lindos cantos coraes.

Onde estão elles agora, os nossos queridos alumnos? Dispersos pelo vendaval inclemente. Mas a tragica tempestade ha de passar; ha de vir a bonança. E virão tambem os alumnos, de todas as partes, procurando novamente a sombra do Santuario e o recinto amigo do Lyceu.

Acompanho o P. Inspector em sua visita ao Collegio Santa Ignez e ao Consulado Italiano. De volta, S. Revma. visita o Abrigo, tendo para todos uma palavra de conforto e de animação.

A Sra. Maria de Giani lá está em seu lugar, embalando o bercinho das duas gêmeas, chorando as suas lagrimas silenciosas e inconsolaveis. Já tinha sabido da morte do outro filho no Hospital. O pae não estava: tinha ido postar-se á porta do Araçá, á espera do enterro do filhinho...

Os cadaveres transportavam-n'os em grandes caminhões, que eram descarregados á porta do cemite-

rio. Eram pilhas de caixões de taboas nuas, mal repre-
gadas. Pelas enormes frestas viam-se os corpos, ge-
ralmente mutilados, alguns com o rosto deforme, irre-
cognoscível.

No caixão, o nome do defunto, que era soletra-
do pelos coveiros. Foi uma enorme desfilada macabra.

— Pedro De Giani!

— É meu filho!

O pobre pae, na aridez de uma grande dôr silen-
ciosa e sem lagrimas, assistiu á inhumação do pau-
perrimo ataude. Depois, com os olhos injectados, ru-
mou apressadamente para o Abrigo.

Sua mulher esperava-o inquieta, olhos fitos na por-
ta da entrada.

— Foi enterrado ás 3 horas!

A mãe desatou num choro mais copioso, mas sem
soluços, sem gritos.

— Meu Deus, meu Deus! O meu pobre Pedro!
A minha Lucia!

E a pobre mulher gemia falando para si:

— Tambem o Pedro, tambem o Pedro, coitadinho!
Ninguém pensava; tinha só um pequeno ferimento no
ventre. E o outro, o Victor, estropiado! Era uma bella
menina a minha pobre Lucia...

Nesse dia, organizou-se melhor o «Abrigo para
Famílias». Foi tambem inaugurada uma bibliotheca
circulante para os abrigados. Dispõe de 200 livros em
quatro linguas: portuguez, italiano, espanhol e allemão.

A' noite, silencio profundo. Nem o echo do ca-
nhão longinquo, nem as roucas rajadas das metralha-

doras, nem o estalido de um tiro isolado de fuzil. A
gente estranha tão grande silencio. Estaremos de facto
em guerra ou será tudo um sonho?

Não passa um auto, uma carroça, um bonde; não
se mexe uma folha. As ruas estão completamente de-
sertas, as luzes apagadas. O povo em suas casas, com
as portas e janellas bem fechadas. Não ha um grito,
uma risada, o apito de um trem, um cochicho, o lati-
do de um cão. A metropole do trabalho jaz silenciosa
e immovel como um tumulo.

Nunca a cidade esteve tão silenciosa como nesta
noite... provavelmente nem no tempo de Anchieta.
Deve ser este o *silencio sepulcral* de que falam os li-
vros, mas silencio de sepulcro velho, no qual haja ces-
sado todo o visguento reboiço dos vorazes *pyophilos*,
depois do desaparecimento do ultimo representante
da fauna cadaverica...

21 de Julho.

Começa a funcionar a «Escola do Abrigo». Logo
no primeiro dia comparecem mais de 40 crianças.
Cinco senhoras e senhoritas da vizinhança offerecem
gentilmente os seus prestimos para leccionarem. Cite-
mos reverentes os nomes das devotadas professoras:
Clara Augusta de Oliveira, Rosinha Tellini, Adelaide
Oliveira, Aida Tellini, Maria de Lourdes Oliveira.

Na sala de aula, alem das carteiras, mesa e qua-
dro negro, collocam-se os seguintes objectos: o Cru-
cifixo, o retrato de D. Bosco, o «Grito do Ypiranga»
e um mappa do Brasil. Ahi estão os elementos de
uma boa escola e de um optimo programma.

Es-
cola
do
Abri-
go



*As Professoras da Escola do Abrigo.
Da esquerda: Adelaide de Oliveira, Rosinha Tellini,
Clara Augusta de Oliveira, Aida Tellini,
Maria Lourdes de Oliveira.*

As aulas são dadas das 9 às 10.30 e das 15 às 16.30.

Um dos pontos basicos do programma era o asseio... Nos intervallos das aulas fazia-se largo uso de sabão, pente, tesoura, banhos. Foi installado ao ar livre um salão de barbeiro e cabelleiro gratuito. E o Lamosa, o infatigavel enfermeiro, distribuia com bellos rotulos, muitos vidros de loção *antiparasitária*...

Muitas daquellas crianças ignoravam que eram brasileiras e desconheciam o uso do sabonete. Aprenderam as duas cousas na Escola do Abrigo.

A' tarde acompanho o P. Inspector em visita ao Sr. Arcebispo. Diz-nos que foi aventada a idea de ir uma pessoa ao Rio para expor a situação ao Governo. Será, porem, bem acceito este passo? Virá d'ahi alguma vantagem?

Eu ponho o meu bedelho na conversa:

— Sim, que vá alguém ao Rio; lá ignoram o que é a agonia da população de S. Paulo.

— Não sei, dizia o Sr. Arcebispo, algo desanimado. Floriano, em circumstancias analogas...

— Não faz mal. Em todo caso, fica o desencargo de consciencia de haver tentado todos os meios para minorar este inaudito soffrimento...

A' noite, como de costume, vamos dar um pouco de prosa aos guardas escalados pela frente do Lyceu. Sempre é bom saber o que pensam as sentinellas...

Afinal, onde póde a gente obter informações seguras? Os jornaes da cidade, magrinhos, rachiticos, estão debaixo da censura revolucionaria. Os boatos, depois de tantos carapetões que impingiram, ficaram desmoralizados. Os communicados officiaes... são communicados officiaes.

No dia 19 tinhamos conseguido ler, numa folha carioca de 10 de Julho, longo e bem redigido communicado do Rio de Janeiro. Conclusão: as coisas vistas lá de longe são muito differentes do que nos parecem a nós cá por perto.

Por onde andarás a verdade? No fundo do poço, dizia Demócrito. Isto durante a paz. E em tempo de guerra? Vamos ouvir a opinião dos guardas.

Hoje estão mais agitados.

— Nós só temos dois inimigos, dizia um: mineiro e Pitaguara.

— Explique isto melhor, homem.

— A Polícia de Minas e o General da frente do Braz.

— Quer dizer "Potyguara".

— E' a mesma coisa. A esses não perdoamos.

— E... novidades?

— Nenhuma. E o Pitaguara diz que disse que vem passear pelas ruas de S. Paulo quando quizer! Ahi quero ver. Alerta, caboclo!

— Boa noite.

— Boa noite, sim, Sr.

CAPITULO VII

O martyrio da cidade

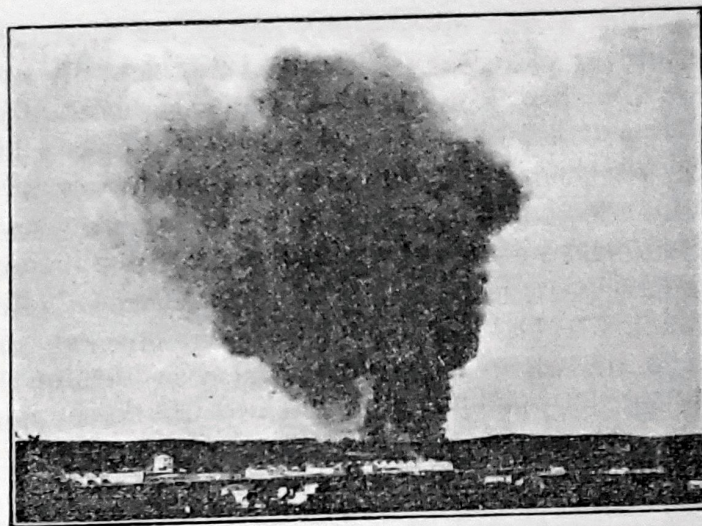
22 de Julho.

Começam os incendios, os colossaes incendios, que tantas riquezas destruíram, tanta ruinas accumularam. Outro caracteristico este, e dos mais dolorosos, dos tragicos dias de Julho.

O corpo de bombeiros estava completamente esphacelado. O incendio, uma vez declarado, proseguia inexoravelmente sua obra de destruição, sob os olhares consternados da multidão incapaz de combatel-o.

Hoje foi o incendio do Cotonificio Crespi, na Moóca. O fogo tomou logo enormes proporções e continuou por diversos dias.

O canhão fez-se ouvir durante todo o dia. De noite, augmentou sensivelmente.



Os colossaes incendios.

Depois do meio dia, o Revmo. P. Inspector em companhia de outros padres foi visitar a nossa Chacara. Encarapitados no nosso *auto de luxo*, com o infallivel Polycarpo, que não largava o salvo-conducto e a Mauser, lá fomos, e desta vez pela Avenida Tiradentes.

De vez em quando, alguns soldados, fazendo signaes com a mão ou com a arma... detinham o nosso caminhão. O Polycarpo fazia gesto de mostrar o salvo-conducto; mas elles não queriam ver papeis: queriam subir no auto. E assim, um depois de outro, subiram seis. O ultimo, que, por signal, falava um portuguez espanholado (ou melhor, um espanhol levemente apor-tuguezado...) já não cabia no caminhão. Ficou no estribo. E como estava alegre, de uma alegria francamente alcoolica, recommendei-lhe quẽ se equilibrasse bem.

A'
Cha-
ca-
ra

- *No hay peligro. Estou acostumbrado.*
- *Mas é que, si cahir, póde detonar a arma, e...*
- *No tienga miedo. No hay nada. Aquí estoy yo.*

De vez em quanto o carro parava. Volta e meia, o motor — inteligente? — fazia uma tentativa de greve: não queria pegar, talvez para cançar a paciência dos nossos hospedes não convidados, que aos poucos foram descendo...

Mas o que falava espanhol não se dava por achado. Numa das paradas, apanhou, leu e commentou alegremente um boletim revolucionario, que ia sendo espalhado na rua. A um official que o interrogou, garantiu que tinha licença para ir ver a familia no alto de Sant'Anna.

Chegando, porém, á altura da Matriz, esqueceu-se da familia e subiu num auto que vinha em direcção opposta. Antes de nos deixar, deu-me elle umas pancadinhas de camaradagem e animação nas costas, dizendo, num risinho avinhado:

— *Pueden seguir sem medo. No hay nada, no hay nada, le digo.*

— *Muchas gracias!*

Mas ahi mesmo ficou resolvido que, por via das dúvidas, a volta seria pela Casa Verde, e não pela rua Voluntarios.

Entremettes, fui lendo o manifesto revolucionario. Falava de victoria e de patriotismo.

Patriotismo! Que será mesmo o patriotismo? pensava com os meus botões. Para o José, um dos guardas do portão, é uma coisa que se inflamma ao ver a photographia dos alumnos uniformizados. Para

o espanhol do Abrigo consiste em dar á filhinha o nome de uma aviadora brasileira. Para os revolucionarios é derrubar o Governo. Para a artilharia governista é derrubar S. Paulo...

E em tempo de paz? Para uns é accender e dilatar o balão iridescente do nacionalismo, que sobe e avulta e tapa o horizonte visual. Para outros é falar mal das patrias alheias. Para um grande numero é xingar o actual governo com termos de baixo calão. Para outros, mais prudentes, é falar mal só dos governos anteriores...

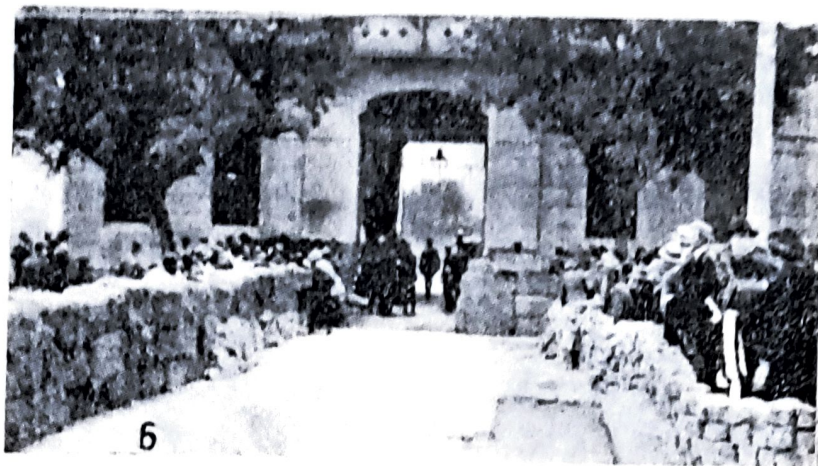
Que será mesmo o patriotismo?

Inutil esperar pela resposta, pois já tinhamos chegado á Chacara.

Lá tudo continuava em paz, em pleno funcionamento escolar. Contaram-nos as novidades. O êxodo das familias era feito em grande escala pelo leito da Cantareira, rumo a Mandaqui e a Tremembé. Muita gente, ha varios dias, vinha pedir comida no portão da Chacara: na media, 40 pessoas por dia.

Contaram-nos que soldados por vezes paravam na estrada da Cantareira para contemplar com demasiado interesse a nossa porcada. Não sei que planos engendrariam então aquelles cerebros inventivos a serviço de estomagos famintos. Mas é que para *requisitarem* de dia, era precisa a assignatura de não sei qual personagem muito occupada em outras coisas, e para *requisitar* de noite... lá havia uns cachorros respeitaveis.

Total: os porcos nada soffreram, salvo os que foram enviados ao Lyceu e o que ficou no Q. G. F. R.



Entrada do 1.º Batalhão, Quartel General dos Revolucionarios.

Mas também, que ideia a do Sr. Calvi de entrar no Quartel General das Forças Revolucionarias com dois porcos mortos no caminhão!

— Aqui está o salvo-conduto, mas esses porcos ficam para o jantar dos soldados.

— Mas... e os alumnos?

— Também precisam comer, acrescentou o Polycarpo, baixinho.

— Que alumnos, homem?

— Do Lyceu Coração de Jesus.

— Está bem; então levem um e fica o outro.

E assim ponde o Sr. Calvi salvar metade da preciosa carga.

— Não volto mais aqui, resmungava o Polycarpo, já fóra do portão.

Um espectáculo extraordinario para os moradores da Chacara era contemplar, do alto do morro, a ba-

talha nocturna. Ahi estava-se completamente fóra do perigo. O observador ficava a cavalleiro da cidade, abrangendo-a toda num unico lance d'olhos. Viam-se os bairros distantes, onde maior era a intensidade do combate: Ypiranga, Cambucy, Villa Mariana, Braz, Penha, Villa Guilherme. Era a grande guerra com todos os seus horrores, com toda a sua tragica grandiosidade.

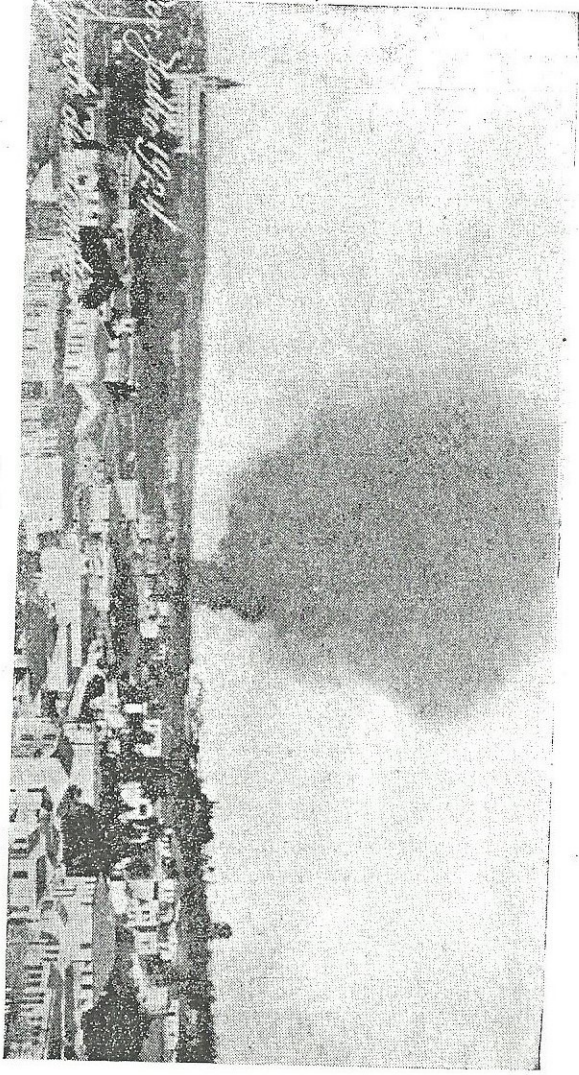
Ouvia-se perfeitamente toda a gamma daquelle ruido infernal. Milhares de tiros de fuzil, num fogo continuo, cerrado, por toda a extensão da vasta curva da linha de combate. Sobre esta base de sons confusos, que constituíam um fundo geral, ininterrupto, monotonno, destacavam-se os disparos mais fortes e seriados das metralhadoras pesadas e os estalidos seccos dos fuzis-metralhadoras. E, dominando tudo, echoava o som profundo e covo da artilharia. Eram canhões de diversos calibres, em disparos successivos, com pequenos intervallos.

Ninguém póde esquecer o horror daquelle visão dantesca. Era um diluvio de fogo despenhado sobre S. Paulo. A cidade ás escuras e o céu sem luar faziam resaltar ainda mais esse fogo de destruição e de morte.

As nuvens tomavam uma coloração avermelhada, sanguinea. Por sobre os limites da cidade, o céu parecia reflectir um enorme incendio, que se extendia, sinuoso, por toda a linha de batalha.

Os tiros de peça illuminavam a scena de modo phantastico. Via-se perfeitamente o fogacho do disparo e o clarão do arrebetamento da granada. Os *schrapp-nels* estouravam continuamente nos ares, isolados e

A
bata-
lha
no-
ctur-
na



Os incêndios

simultaneos, ás dezenas, produzindo um claro intenso, á guisa de colossaes explosões de magnésio. Aquella luz offuscava appareciam nítidos os contornos dos edificios attingidos.

Era um duello diabolico, sem treguas, da cidade para fóra e de fóra para dentro.

Quantos estragos não vae causando á nossa bella capital esta guerra destruidora, esta chuva de ferro e de fogo! Quantas victimas! E' verdade: S. Paulo, cidade forte e trabalhadora, curará as suas feridas, re-surgirá de suas ruinas. Mas as vidas? e a orphandade sem pão, e a viuvez sem amparo?

Ai de quem desencadeou sobre S. Paulo tão medonha tempestade!

Mas as crianças da Chacara faziam outros commentarios:

— Parece a noite de S. João com uma porção de enormes pistoloës, que nunca mais acabam...

— Parece uma grande fogueira e um tacho de te tamanho, fervendo...

— Sim, meninos, o tacho de Pedro Botelho!

23 de Julho.

O bombardeio da noite continuou pela manhã a dentro, forte e terrível. Contam-se diversas victimas. As granadas attingiram também as proximidades da Av. Luiz Antonio.

Algumas cahiram no bairro Hygienopolis, que até então ficára completamente livre do bombardeio. Foi também attingido o Hospital de Caridade do Braz, que foi evacuado e abandonado.

mais
ten-
tati-
vas

Sabe-se que hontem muitas pessoas de representação dirigiram um pedido ao S. Arcebispo e ao Prefeito Municipal, para que fizessem outra tentativa no sentido de sustar o bombardeio da cidade.

Extrahimos do "*Jornal do Commercio*":

«Em data de 22 do corrente foi entregue a D. Duarte Leopoldo e Silva e ao Sr. Dr. Firmiano Pinto, Prefeito desta Capital, o seguinte abaixo assignado:

«Os abaixo assignados, representando, tanto quanto possivel nesta afflictiva conjunctura, as diversas forças sociaes da capital do Estado de S. Paulo — hoje sem a assistencia da quasi totalidade dos seus habitantes mais eminentes — e tendo em vista a possibilidade de soffrimentos ainda mais fundos do que os actuaes — tantos e tamanhos estes que não ha palavras que delles possam dar uma pallida idéa — supplicam a S. Excia. o Sr. Arcebispo Metropolitano D. Duarte Leopoldo e Silva, e a S. Ex. o Prefeito, Firmiano Pinto, que tomem a iniciativa de qualquer providencia da qual seja licito esperar que terminem as dilacerantes angustias da nossa população. Os abaixo assignados são movidos, exclusivamente, pelos sentimentos de piedade christã, de condoida humanidade e de patriotismo sem mészcla de interesses subalternos neste momento de suprema attribuição, embora, de si mesmos, noutras circumstancias, respeitaveis e nobres.

(aa) Rapahel Archanjo Gurgel, Presidente da Camara Municipal.

Carlos de Paiva Meira, Vereador.

Adolpho Augusto Pinto.

Luiz G. de Azevedo.

D. Miguel Kruse, Abbade de S. Bento.

Costa Manso, Ministro do Tribunal de Justiça.

F. P. Ramos de Azevedo, director da Escola Polytechnica.

João Sampaio, Senador.

Joaquim Marra, Advogado.

Rodrigo Monteiro D. Junqueira, Lavrador.

Adolpho J. S. Mello, Juiz de Direito.

Paulo Americo Passalacqua, juiz de Direito.

Antonio Carlos Assumpção, proprietario.

Dr. Sylvio Maia, lente da Falculdade de Medicina.

Pio de Almeida Prado, lavrador.

Urbano Marcondes de Moura.

Dr. L. F. Baeta Neves, director do Instituto Paulista.

Edgard Emydio de Souza, lente cathedratico da E. Polytechnica.

Augusto Ribeiro de Mendonça, advogado.

Alfredo Pujol, advogado

Pilnio Barreto, Presidente em exercicio da Liga Nacionalista.

Horacio Rodrigues, industrial.

Joaquim Gonçalves Moreira, da firma J. Moreira & C.

Antonio de Moraes Barros, advogado.

Raphael de Aguiar, capitalista.

Conde Sylvio Penteado, industrial.

José Maria Whitaker, superitendente do Banco Commercial.

No dia seguinte, devidamente auctorisados pelo Commando, D. Duarte Leopoldo e Silva e o Sr. Pre-

feito da Capital partiram, em automovel com bandeira branca, para as linhas occupadas pelas forças governistas.

Em companhia de SS. Excias. seguiu o Sr. Henrique de Souza Queiroz.

Ao chegarem ás linhas governistas, SS. Exs. foram recebidos pelos Srs. Dr. Carlos de Campos e General Socrates. Coube a D. Duarte expor a situação da população de S. Paulo ante o desenrolar dos acontecimentos. Em resposta o Sr. Dr. Carlos de Campos declarou que ninguem mais do que elle lamentava a situação do povo paulista, accrescentando que nem elle nem o Sr. General Socrates tinham competencia para tomar qualquer decisão. S. Excia. concluiu dizendo que tal competencia pertence ao Sr. Dr. Arthur Bernardes, Presidente da Republica.

Findo isto, D. Duarte Leopoldo regressou a São Paulo, tendo o Sr. Firmiano Pinto partido para o Rio de Janeiro».

. Chegam ao Lyceu, vindos de Lorena, o P. Emilio Miotti, nosso Catechista, e o P. José de Alencar, Secretario do Arcebispo de Marianna.

O P. Catechista, sahindo de Campinas no dia 17, tinha conseguido chegar a Lorena, passando pela Sul Mineira, com o fim de levar nossas noticias ao P. Inspector, o qual, como vimos, já tinha chegado por Santos.

O Secretario de D. Helvecio vinha visitar-nos em nome do Arcebispo de Marianna, pondo á nossa disposição serviços e dinheiro. Obrigado!

A narração da viagem dos dois padres, cheia de peripecias e imprevistos, foi muito interessante.

24 de Julho.

O costumado bombardeio nocturno prolongou-se até as 7 horas da manhã. Continuou espaçado durante o dia para novamente se intensificar á noite. Muitas granadas attingiram a cidade e produziram elevado numero de victimas.

Pela tarde uma granada cahiu no «Instituto D. Bosco», no Bom Retiro. Fez um grande rombo nas officinas, na parede que dá para o pateo, mas não feriu ninguem, felizmente. Os estilhaços eram medonhos.

Poucos metros ao lado do lugar attingido, naquella hora se fazia distribuição de comida aos pobres, que debandaram com o fragor do estampido. Si a granada cahisse uns 10 metros mais á esquerda, que mortandade teria produzido!

Os Salesianos do Instituto D. Bosco prestaram os mais relevantes serviços á população durante os tristes dias da revolução. O Pe. Antonio Dalla Via, director do estabelecimento e parochio da Matriz de N. S. Auxiliadora, foi incançavel nas suas iniciativas e nas obras de assistencia e caridade.

A localização do Instituto era das mais perigosas, pela proximidade dos quarteis da Luz. A zona, e até as obras da Matriz, foram theatro de longos e encarniçados combates. Duas granadas attingiram o edificio das officinas: uma no dia 6 de Julho e não explodiu; outra de grande calibre, no dia 24.

Apezar de todos esses perigos, o P. Dalla Via não abandonou seu posto. Duplicou a sua já conhecida actividade, desdobrando-se em beneficio dos seus

Ins-
titu-
to
D.
Bos-
co

parochianos e inculcando seu zelo apostolico nos admiraveis auxiliares, que sempre trabalharam a seu lado.

O posto de soccorro organizado na Matriz do Bom Retiro foi dos mais activos e mais importantes. Funccionou até o fim de Julho. (1)

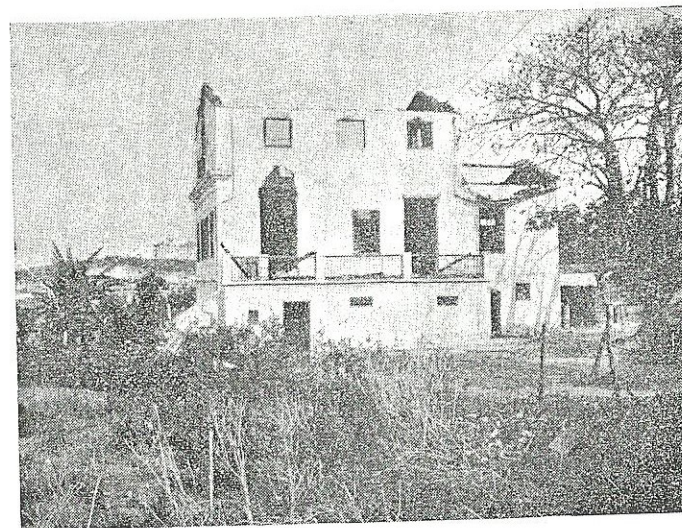
Os porões da nova matriz em construcção foram logo adaptados para dormitorios. Muitas famílias das redondezas lá passaram, confortadas pela palavra apostolica do zeloso vigario, as interminaveis noites do bombardeio.

Nesse mesmo dia seguiram para Campinas o P. Inspector, P. Falconi, P. Miotti e o Cl.º Orlando Chaves, que havia deixado então a assistencia da Chacara, sendo lá substituido pelo Cl.º Reynaldo de Britto. O P. Inspector ia visitar os Salesianos e os nossos alumnos, abrigados no Lyceu de Campinas, com idea de regressar logo. Entretanto, só poudé voltar no dia 30, depois da retirada dos revolucionarios.

A's 2 horas da tarde voou sobre a cidade, a grande altura, um aereoplano governista.

Por ser o dia 24 do mez, dia da costumada comemoração mensal de N. S. Auxiliadora, á noite houve benção do SS., precedida da Consagração a Nossa Senhora. Além dos *semi-internos nocturnos* (assim se chamavam os que iam ao Lyceu para dormir nos porões), que todas as noites costumavam rezar o terço no Santuario, compareceram tambem os do nosso Abrigo, dando realce á cerimonia.

(1) Soccorreu diariamente, na media, 600 pessoas, tendo distribuido um total de 4589 almoços e 3704 jantares.



Casa incendiada, Cambucy.

Hoje os abrigados são 324.

Uma novidade no Abrigo. Vieram dizer-me que lá estava uma velha paralytica. Tinham-na deixado ahi os parentes, garantindo que era por poucas horas. Iam procurar um lugar para ella e voltariam para buscá-a.

A' noite, não tendo encontrado lugar, os parentes voltaram para ficarem ahi tambem, na companhia da velha.

E o Casagrande estava incommodado com o caso: uma doente assim no Abrigo...

— Mas é mesmo paralytica?

— Paralytica, entrevada, Sr. Padre.

— Nesse caso, é preciso encaminhá-a para um hospital. Vamos vê-la.

Ma-
ria
Tor-
qua-
ta

Lá estava ella, sentada num canto do salão, na penumbra, meio desconfiada, comendo com appetite.

— Boa noite. Como é seu nome?

— Maria Torquata da Silva, uma sua criada, diz ella com voz clara e metálica.

A velhinha, muito encarquilhada, com o queixo bastante approximado do nariz, era uma cabocla rija e bem falante. Disse d'onde era e narrou o resumo da sua vida.

— Ha muito tempo que está doente?

— Só as mãos, meu sinhô; só as mãos: olhe.

Largou o prato mal seguro, levantou-se. Mostrou os dedos retorcidos, dobrados sobre a palma da mão.

E a velhinha, na faina de demonstrar que não estava paralytica, agitava as mãos, movia os braços, meneava a cabeça.

A scena era interessante. Os abrigados fizeram silencio e ajuntaram-se, em grande roda, ao redor da Maria Torquata, para ver o fim daquelle exame original.

— E sabe andar?

— Sei.

E deu uns passos bastante firmes.

— E sabe dansar? e cantar?

— Sei, sim senhor.

E começou a requebrar o corpo nuns movimentos desengonçados e trauteava com voz esganiçada:

— Tará lá lá, tará lá lá.

— Basta, basta. Depois de um exame tão brilhante, está approvada: pôde ficar no Abrigo.

Houve palmas da assistencia.

— Casagrande, meia duzia de colchões para a Maria Torquata e sua familia.

A velhinha, toda alegre, murmurava:

— Obrigado, meu sinhô; deixe beijar-lhe as mãos.

Lá ficou a Maria Torquata, por muitos dias, sempre de bom humor, sem se incommodar com o bombardeio.

Foi uma das ultimas pessoas que deixaram o Abrigo. Retirou-se no dia 9 de Agosto.

25 de Julho.

Os jornaes da manhã trazem uma noticia grave: a falta de gazolina. Isto determinou o fechamento da Chacara.

A nota dos jornaes é a seguinte:

Aviso

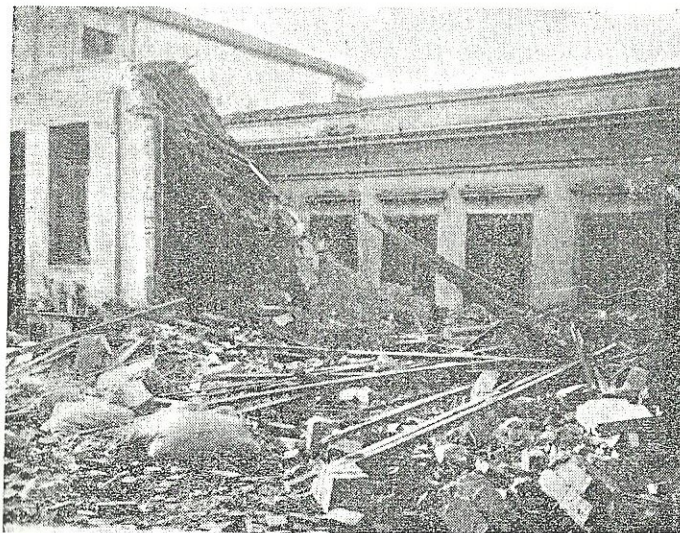
A Comissão de Abastecimento Publico communica que devido á escassez de gazolina só poderão ser attendidos os pedidos para Serviços Publicos, Cruz Vermelha, Hospitaes e Medicos devidamente comprovados.

A Comissão.

Para o funcionamento da Chacara era indispensavel estarem garantidas as communicações com o Lyceu. Sem um meio de communicação rapida, não seria possivel, num caso urgente, remover os alumnos de lá. A falta de gazolina vinha pôr em perigo a segurança dos nossos alumnos. Ficou, portanto, resolvido o immediato fechamento da Chacara.

Os alumnos seriam entregues ás suas familias; os que não pudessem, por terem ellas fugido de S. Pau-

lo, ou por morarem em zonas perigosas, iriam para Campinas, juntando-se aos demais. Assim se fez. Em poucas horas o auto-caminhão foi buscar os alunos e os entregou quasi todos ás respectivas familias. Restaram cinco. Esses não puderam attingir as suas casas por causa do tiroteio. No mesmo dia seguiram para Campinas.



*O bombardeio é cada vez mais intenso...
Rua Cuetano Pinto.*

Entretanto, alguma novidade acontecia no Collegio Santa Ignez. A Directora mandára-me chamar com urgencia. Que havia? O Quartel General dos revoltosos mudára-se, na calada da noite, para o edificio da Escola de Pharmacia, bem de frente do Collegio. Aquel-

la estranha visinhança causava ás Irmãs os mais justificados receios. Os aeroplanos legalistas, que naquella dia andavam em grande actividade, não tardariam em descobrir e bombardear o novo quartel...

Offereci ás Irmãs o Lyceu, onde poderiam estar mais seguras e tambem ajudar nos serviços do Abrigo, uma vez que demorava a abertura do projectado hospital. Tambem offereci-lhes a Chacara, onde já não havia alumnos.

No Collegio Santa Ignez funcionava um posto de soccorro dependente da Liga Nacionalista. As Irmãs davam refeição a um grande numero de pessoas. Durante o jantar da vespera havia cahido uma granada nas visinhanças, sendo que um estilhaço foi bater, de ricochete, no *modestino* de uma Irmã e cahiu no prato de um dos que estavam comendo. Muitos fugiram espavoridos, mas voltaram depois para terminar a refeição, tanta era a fome! Houve quem continuasse a comer, escondendo a cabeça debaixo da mesa...

Combinou-se que se poderia transferir este serviço para o Lyceu. Era preciso, porem, consultar antes a Liga Nacionalista, da qual dependia esse posto.

Fui á Escola de Pharmacia para saber, de boa fonte, do que se tratava e até que ponto haveria perigo para o Collegio S. Ignez.

O aspecto, lá dentro, era de desordem e desanimo. Muito equipamento atirado por ahi. Alguns feridos. Os officiaes calados e cabisbaixos.

Informaram-me «que não havia perigo, enquanto os aviões não os descobrissem... Ficariam ahi só um ou

dois dias (que significaria isto?). As Irmãs tomassem as providencias que reputassem mais prudentes.»

Voltei para S. Ignez. A' vista da informação, ficou resolvido que no mesmo dia algumas Irmãs iriam para o Lyceu. Outras deveriam ficar no Collegio para o funcionamento do posto de soccorro.

A's 2 horas da tarde, o nosso caminhão levou para o Lyceu dez Irmãs e quatro moças de servir. A essa hora já os aeroplanos haviam descoberto o novo Quartel dos revoltosos...

Pêlo meio dia os aeroplanos passam por sobre a cidade. São sempre acolhidos por cerrada fuzilaria, que não os attinge. Lançam bombas terriveis.

Os incendios continuam. Mãos criminosas atearam fogo ao Forum Criminal. Arderam os estabelecimentos Duprat, Gamba, Mercansul e muitos outros.

O fogo faz estragos enormes: não ha bombeiros para combatel-o. Surge imperiosa a ideia de reorganizar-los de qualquer modo. Nesse sentido fazem-se tentativas com algum resultado.

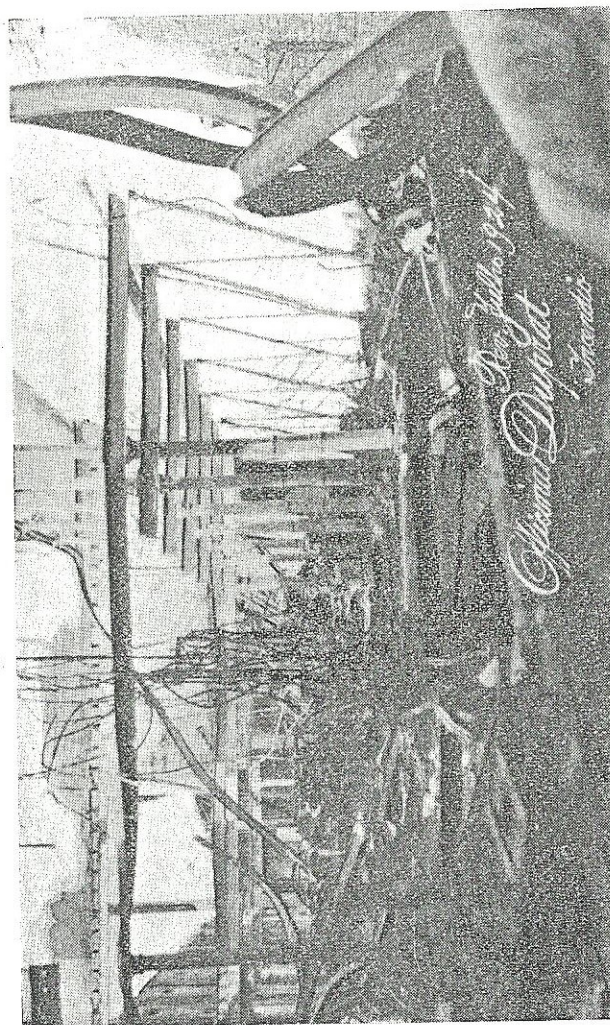
Ca-
nhões
pela
Al.
Noth-
mann

Pelas 7 horas da noite passaram alguns canhões pela Al. Nothmann. Vinham do Bom Retiro. Para onde iriam?

Na porta do Abrigo, que já contava 430 pessoas, havia muita gente palestrando. O nosso moço espanhol, falador e *bem informado*, declarou com segurança:

— Eu sei: estes canhões vão para a Lapa!

Um soldado ouviu e foi referir ao official, que voltou para traz e deteve o pobre homem.



- O Sr. disse que os canhões vão para a Lapa?
- Isto é, penso, é um modo de falar...
- Pois então, venha connosco.
- Mas eu....
- Quietos e siga-me.

Intervieram os amigos explicando, a mulher chorando. Tudo debalde.

Ainda bem que horas depois o nosso homem foi solto e poudo voltar para o Abrigo. Vinha curado, garantindo que n'outra não cahiria...

Mas porque tanto rigor por uma indiscrição de um *cicerone* improvisado? E' que os canhões iam mesmo para a Lapa e para serem embarcados, sem chamar a atenção...

A noite correu calma.

CAPITULO VIII

A dolorosa agonia

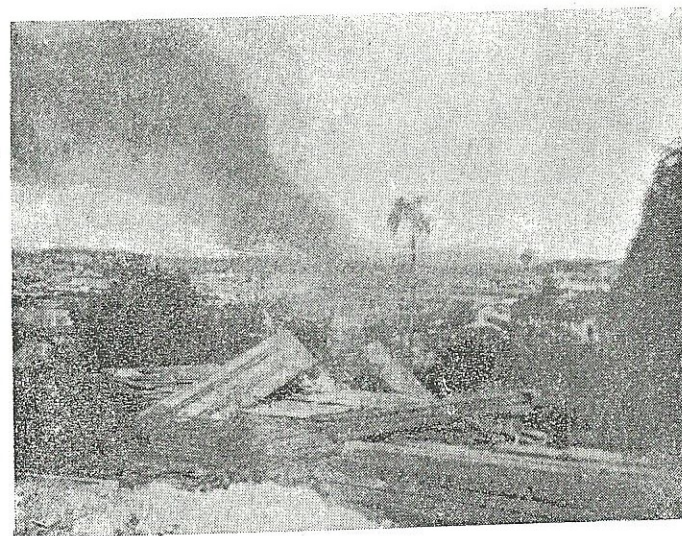
26 de Julho.

As condições de S. Paulo se agravam de dia para dia. O bombardeio é cada vez mais intenso. Augmentam os incendios. Nenhuma esperança de tregua. Os generos escasseiam. Que nos reservará o dia de amanhã?

Fala-se com insistencia que está imminente um bombardeio systematico e mortifero: a cidade ia ser literalmente arrasada!

Muita gente receiosa vinha pedir um conselho.

— Devem ser boatos, dizia-lhe. Por enquanto não ha nenhum aviso de origem official. E depois, para arrazar mesmo a cidade, seriam precisos alguns



Augmentam os incendios.

mezes. Intensificar o bombardeio? Mas si elle já está tão intenso! Mais do que estão fazendo, é impossivel. E' ficar quieto cada um em sua casa, de preferencia nos porões, e confiar em Deus.

— Sim, mas... Naturalmente os legalistas ganham, porque o Governo não pôde perder e porque tem mais força. Mas quando? Entretanto, as forças leaes ainda não fecharam o cerco da cidade. Si os revoltosos tentarem resistir de rua em rua, de casa em casa, quando e como acabará isto?

— Estejamos certos de que não nos poderá acontecer mais do que Deus permite. De repente até pôde vir uma boa solução imprevista.

— Deus *lhe* ouça!

Nos nossos porões não cabia mais ninguém. O povo que procurava abrigo para a noite, já tinha occupado o dormitório «Menino Jesus», o Gabinete de Leitura, as enfermarias e os quartos do 1.º andar. Começou-se a occupar o dormitório «S. Coração» e o «Sagrada Família», também no 1.º andar.

A' tarde, pelas 15.30, aproveitando a visita de um photographo mais animoso, tiraram-se algumas photographias do nosso Abrigo. Os grupos não foram completos, pois diversos abrigados estavam ausentes.

Foi um processo para arrumar o grupo das crianças da Escola. E quando tudo estava prompto, a machina assestada e o photographo prestes a comprimir a borracha, eis que apparece nos ares o costumado aeroplano, excitando em sua passagem a fuzilaria adversaria. Foi um Deus nos acuda. O aeroplano bordejava bem em cima do Lyceu. Tentei conservar as crianças em seus logares:

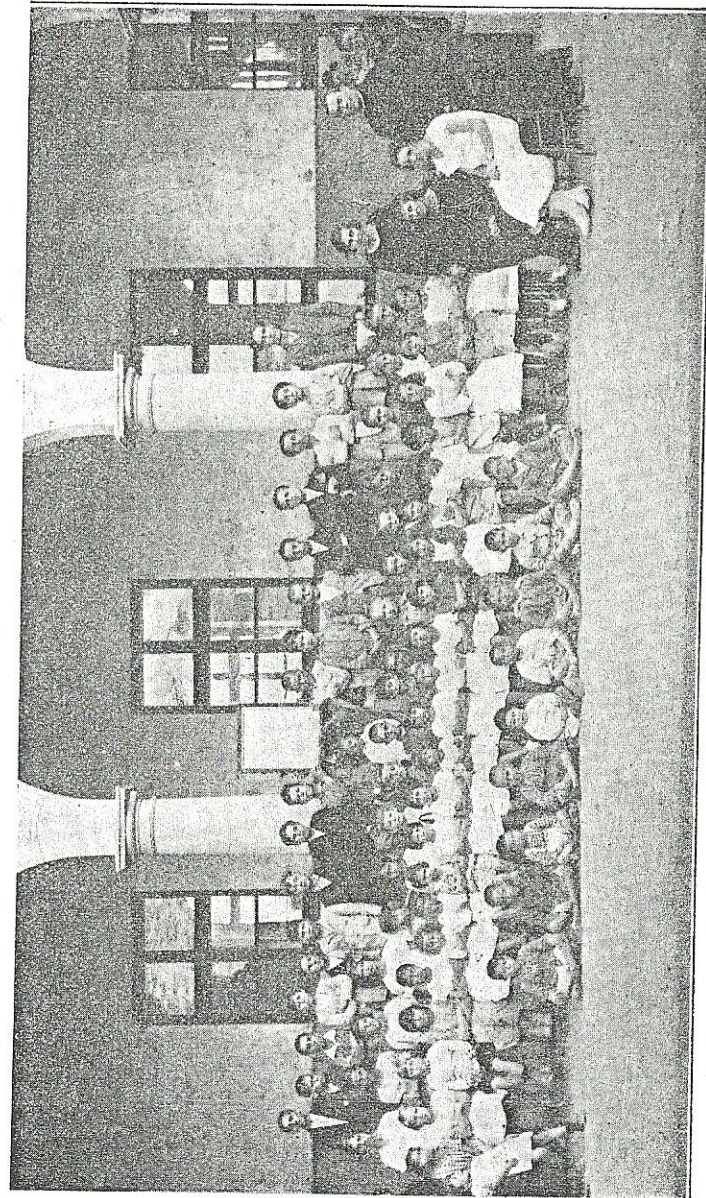
— Quietos. Não ha perigo. O aeroplano não vae atirar bombas sobre crianças.

Mas as mães de longe gritavam:

— Zéca! Mercedes! Giovannino!

E foi uma debanda geral. As crianças fugiram em magotes para perto das mãis. Muita gente entrou depressa no theatro. Outros se foram abrigar debaixo do alpendre de zinco!

Passado o panico, recomposto o grupo, tirou-se a photographia. Não sahiu bem; provavelmente, ou a objectiva estremeceu do susto contagioso, ou a chapa ficou velada de medo...



Escola do Abrigo.

Sabe-se que varios consules estrangeiros aconselham as respectivas colonias a se retirarem da cidade! A noticia é grave. Será mesmo verdade que o perigo vae augmentar?

Entretanto o Consul Italiano ainda não havia dado este passo. Si o General Badoglio não enviou tal aviso á colonia mais numerosa, é signal que não existe a gravidade propalada.

Mas a verdade era diversa: ao Embaixador Italiano faltára apenas um meio de communicar á colonia a sua opinião e o seu pedido.

27 de Julho.

Domingo! Mas no Santuario os sinos não bimbam e o órgão conserva-se calado. As missas são um pouco mais concorridas. O povo vai-se acostumando ao bombardeio. Por outro lado, todos sentem, cada dia mais, a necessidade de implorar a protecção divina.

As crianças do Abrigo assistem á missa das oito; os adultos, á das nove. Em ambas houve sermão adaptado a cada auditorio.

O Dr. Plinio Barreto, Presidente da Liga Nacionalista, e o Dr. Soares Caiuby vêm expor a necessidade da immediata transferencia do posto do Collegio Santa Ignez para o Lyceu. Lá não havia segurança. Na vespera os caminhões da Liga haviam sido attingidos por estilhaços de granada, o que impossibilitava o abastecimento do Posto. Concordei plena-



O costumeado bombardeio.

mente. Ficou estabelecido que já no dia seguinte o almoço seria servido no Lyceu.

Aquelles gentis senhores visitaram os nossos locais e o Abrigo, ficando bem impressionados.

Durante o almoço das Irmãs, o costumado bombardeio, o costumado sobresalto dos dias anteriores. Mas desta vez os obuzes cahiram nas proximidades do Lyceu. Foram estampidos ensurdecedores: as mesas ressaltaram, pratos e copos entrechocaram-se violentamente e os mesmos porões estremeceram. Uma senhora italiana que lá estava ha dias, meio entrevada, pensou que era um tremor de terra... Saltou da cama e poz-se a arrastar os passos tropeços, gritando: "*Ma é il terremoto!*..." Pudera! Duas granadas tinham attingido o Palacete da Baroneza de Arary, ahi na Al. Glette, a uma quadra do Lyceu.

Fez-se uma distribuição de roupas ás crianças do Abrigo. Era de ver a alegria dos petizes e tambem das mães! Todas as crianças ficaram servidas. As Irmãs haviam mandado buscar, em Santa Ignez, uma grande porção de roupinhas novas destinadas ás Missões. O Lyceu arranhou a roupa para os meninos.

Nesse dia, o nosso Abrigo attingiu o maximo da frequencia: 494 pessoas.

Voltou do Rio o Dr. Firmiano Pinto. Trouxe a resposta de que «o conflicto só póde acabar com a victoria completa do Governo».

Fala-se de outras tentativas de paz igualmente infructiferas. Fala-se de cartas trocadas, por intermedio

do Vigario da Penha, entre o General Isidoro e o Commandante legalista. Que resultará de tudo isto?

Entretanto, a lucta continúa, exasperada, irreductivel. O bombardeio augmenta. As granadas vêm-se aproximando cada vez mais do Lyceu. Hontem attingiam o Bom Retiro, a Rua dos Guayanazes, a Rua Helvetia. Hoje, a Al. dos Andradas, a Al. Glette...

Decididamente, a vida em S. Paulo torna-se intolleravel.

No céu plumbeo, toldado pela fumaça dos incendios, passam os aeroplanos ameaçadores espalhando boletins: um aviso do General Setembrino, Ministro da Guerra, pedindo a retirada da população, pois a cidade ia ser considerada praça de guerra; um pedido do General Badoglio á colonia italiana, insistindo na immediata retirada.

Transcrevamos os dois graves documentos:

«A' POPULAÇÃO DE S. PAULO

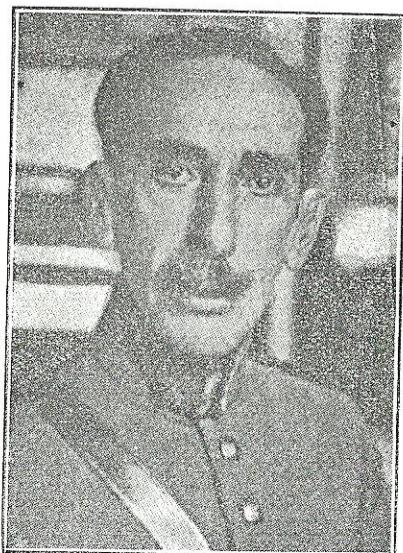
As tropas leaes precisam de agir com liberdade contra os sediciosos, que se obstinam em combater sob a protecção moral da população civil, cujo doloroso sacrificio nos cumpre evitar. Faço á nobre e laboriosa população de S. Paulo appello para que abandone a cidade, deixando os rebeldes entregues á sua propria sorte. E' isto uma dura necessidade que urge accceitar como imperiosa, para pôr termo, de vez, ao estado de coisas creado por essa sedição que avilta os nossos creditos de povo culto.

Espero que todos attendam a este appello, como

Do
Mi-
nis-
tro
da
Guer-
ra

é preciso, para se pouparem aos efeitos das operações militares que, dentro de poucos dias, são executadas.

(a) Marechal Setembrino, Ministro da Guerra.»



*Marechal Setembrino de Carvalho,
Ministro da Guerra.*

O manifesto do Embaixador Italiano dizia assim:

Italiani!

Do
Ge-
ne-
ral
Ba-
do-
glio
Da venti giorni io vi seguo con l'animo angoscia-
to, perchè vi so spettatori e spesso vittime di un con-
flitto che non vi appartiene.

Conosco tutte le vostre sofferenze e mi dolgo di
non potervele risparmiare; conosco tutto il travaglio

del vostro animo di fronte alle ore tristi di questo paese che tanto amate.

In questi momenti così tragici per la bella città di San Paolo io faccio appello alla vostra forza d'animo: ascoltate la parola dello Ambasciatore del vostro Re.

Voi devete mantenervi assolutamente estranei alla lotta che insaguina le vie della capitale paulista. Il conflitto non vi riguarda. È dovere assoluto di ogni straniero appartarsi.

Io sono sicuro che voi tutti fate così.

Purtroppo però siete egualmente esposti a tutti i pericoli, a tutte le sofferenze, a tutte le offese che sono conseguenze inevitabili di ogni guerra. Siate forti! Tornerà presto il periodo della tranquillità e del fecondo lavoro e le sofferenze oggi sopportate saranno un nuovo merito da aggiungere alle altre benemerenze che quì vi siete acquistate.

Italiani!

Se non potete ripararvi, sgombrate i quartieri dove ferve la lotta. Ritiratevi verso i paesi vicini. Il Governo Federale si impegna di provvedere come le circostanze meglio glielo permetteranno ai bisogni di coloro che avranno dovuto lasciare la città. Chiunque si presenterà alle truppe federali sarà indirizzato in località ove potrà attendere al sicuro il ritorno della pace.

Italiani!

Sono tra voi col cuore, sicuro che anche in questa triste circostanza voi sapete mostrarvi degni del Paese del quale siete figli.

Il Generale d'Esercito Regio Ambasciatore

Pietro Badoglio

Rio de Janeiro, 25 luglio 1924.

Devemos fugir! Mas para onde? Fugir, como, si a cidade estava cercada de fogo, si o bombardeio continuo não deixava tomar folego, si havia ainda na cidade umas quinhentas mil almas, si a unica estrada de ferro que funcionava era a Ingleza, si as localidades accessiveis já estavam abarrotadas de fugitivos?...

E' melhor resignar-se e confiar em Deus.

A' noite o Lyceu estava cheio de gente e com muita animação. A onda dos refugiados crescia cada vez mais: tinha atulhado os porões e transbordava pelos dormitórios. Eram os nossos *semi-internos nocturnos*. A alguns, porém, não cabia mais tal designação, pois se tinham prudentemente conservado nos porões também durante o dia.

Como de costume, foram todos ao Santuario, juntamente com os do Abrigo, para o terço e para a benção do SS. As crianças da Escola iam em fila guiadas pelas Irmãs e pelas Professoras. A cerimonia desta noite foi ainda mais devota que as precedentes. As crianças cantavam com fervoroso entusiasmo:

*"Teus olhos volve-nos,
Meiga Senhora;
Vê que teu povo
Hoje te implora.*

*Cheio de jubilo
Eu também vim:
O' Virgem Santa,
Roga por mim.*

Aquella suave e triste melodia, cantada assim por vozes incultas e um pouco estrídulas, tomava um tom de súplica e de desespero que cortava o coração.

E as crianças continuavam com mais fervor:

*A alma que em lagrimas,
Te pede auxilio,
Soccorre prestes,
Qual mãe ao filho.*

*Não ha na terra
Mãe terna assim.
O' Virgem Santa,
Roga por mim!*

E N. Senhora ouviu a súplica das crianças...

Recebo um recado na verdade extraordinario:

"Os revolucionarios vão fugir durante esta noite!"

— Boatos, disse eu. A noticia é boa demais para ser verdadeira.

Mas donde viera tal noticia? Era o P. Dallavia, Director do Instituto D. Bosco, que me mandava tal informação, reservadamente, pelo P. Serena. Tinha-a sabido, também reservadamente, no porão da Matriz do Bom Retiro.

E como? Um tenente revoltoso tinha-se despedido da familia e offerecera até um revólver a um amigo, visto como naquella noite se retirariam todos de S. Paulo. O amigo contára a outro sob segredo, e assim, de segredo em segredo, chegára ao porão dormitorio.

O
ex-
tra-
ordi-
na-
rio
boa-
to

— Convem conservar a notícia de quarentena. Nem vale a pena martyrizar a esperança desse pobre povo com mais uma desillusão.

Mas si de facto fosse verdade? Oxalá!

E lembrei-me da visita á Escola de Pharmacia e da passagem dos canhões pela Alameda Nothmann...

Perguntei a D. Beatriz, que era a que mais acertava na previsão do tempo:

— Qual é o seu palpite para esta noite?

— Regular; nem bom, nem máo.

— Pois eu tenho palpite de que vai ser uma noite boa, optima, a melhor de todas.

— Deus o ouça.

— Veremos amanhã.

De facto, que idéa supimpa não seria essa dos revoltosos fugirem em massa!

Que esplendida solução! A gente está tentada a perdoar-lhes todas as faltas e todos os crimes, a troco de fugirem de S. Paulo, de fugirem todos e depressa.

Mais tarde o canhão começou a troar compassadamente.

CAPITULO IX

A Paz

28 de Julho.

Madrugada calma e silenciosa. Pelas 4 horas, os sinos de S. Bento começam a bimbalar festivamente, seguidamente.

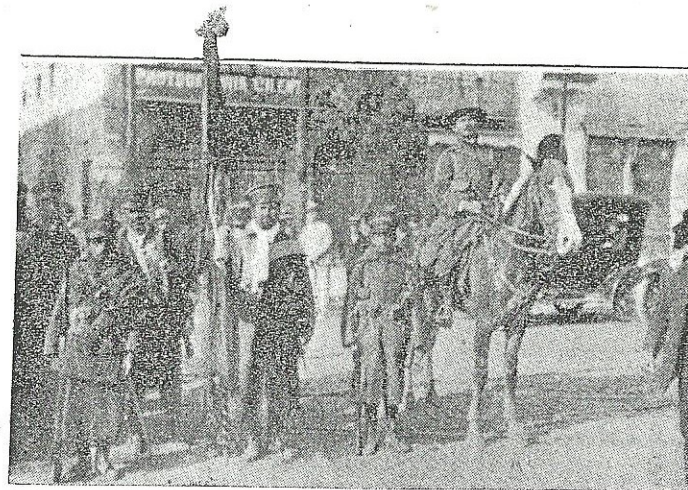
Era a paz, a tão suspirada paz, c'epois de 23 dias de horrores, de soffrimentos, c'e agonia.

Deo gratias!

A paz viera na hora mais critica daquella longa tragedia, quando as ultimas esperanças pareciam abandonar a população ao seu torturante e fatal destino.

Acordava-se como de um longo pesadelo. Não teria sido tudo um sonho horrivel? Finalmente a paz! Bemdicta seja ella!

Ou não será isto agora um sonho? Não: os sinos continuam a dobrar festivamente.



A 1.ª bandeira legalista que entrou em S. Paulo.

Era verdadeiro o boato do porão. Tinham fugido durante a noite. Na estação da Luz, para onde mandei logo um portador buscar informações, não havia mais soldados revolucionarios. O ultimo trem revoltoso tinha sahido ás 3.30 da madrugada.

Fui dar a grande noticia aos do Abrigo: «Era a paz! Tudo acabado. Não tivessem pressa em sahir:

podiam continuar no Lyceu á vontade. Mas era mesmo a paz tão suspirada.»

Alegria e acclamações. Mas também vi algumas physionomias incredulas, que pareciam dizer: «Coitado! o Padre tem boa vontade. Mas essa não engulo eu.»

Muitos foram ver as suas casas.

No almoço ainda estavam todos. Ao jantar já faltaram diversos. Muitos voltavam ao Lyceu desconsolados: haviam encontrado a casa destruida ou saqueada.

Reapparecem muitos amigos. Trocam-se effusivos abraços e parabens.

O Prefeito Municipal espalhou o seguinte manifesto:

AO POVO

Retiraram-se as forças revoltosas que occupavam a cidade, transportando-se para destino desconhecido.

Está restabelecida a auctoridade legal em S. Paulo e libertada a sua população das humilhantes preocupações que a opprimiam.

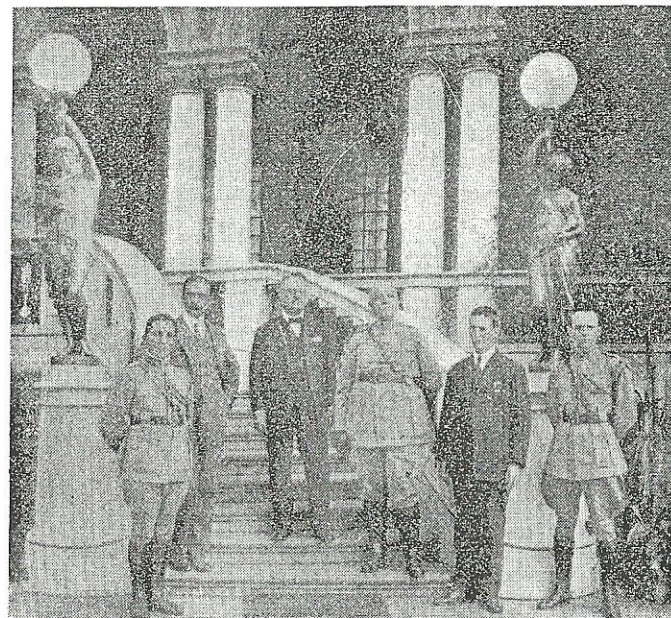
E' de patrioticas e jubilosas congratulações o momento que transcorre.

Appellamos, uma ultima vez, para o alto senso de ordem e disciplina dos paulistanos.

A Guarda Municipal permanece no seu posto.

O Prefeito, Firmiano Pinto.

O Delegado Municipal, Henrique Queiroz.



No Palacio dos Campos Elyseos. O Dr. Carlos de Campos entre o Dr. Bento Bueno e o General Socrates.

Era verdadeiro o boato relativo á troca de correspondencia entre commandantes das forças legaes e o chefe dos revolucionarios.

No dia 27, o Vigario da Penha, P. Antão Jorge, tinha-se incumbido de entregar nas mãos do General Isidoro uma carta do então Coronel Pantaleão Telles. Nella fazia um appello ao antigo camarada e amigo para que desistisse da resistencia, que parecia inutil, á vista dos elementos e recursos do Governo, que a carta enumerava.

P.
An-
tão

O Vigário da Penha foi admittido á presença do chefe revolucionario, que então occupava os compartimentos superiores da Estação da Luz.

Após a leitura da carta, o General mostrára-se agitado e impressionado.

— V. Revma. sabe o que contém a carta que acaba de entregar-me?

— Sim, conheço o seu conteúdo.

— E sabe que seria perigoso querer enganar-me?

— Sr. General, não me prestaria a ser portador de uma mensagem que não fosse totalmente verdadeira.

— Então, é verdade que a Camara e o Senado apoiam o Dr. Arthur Bernardes? que todos os Governos Estaduaes estão solidarios com o Presidente da Republica?

— Esta é a verdade. O apoio do Congresso e dos Estados foi confirmado de todas as fórm.

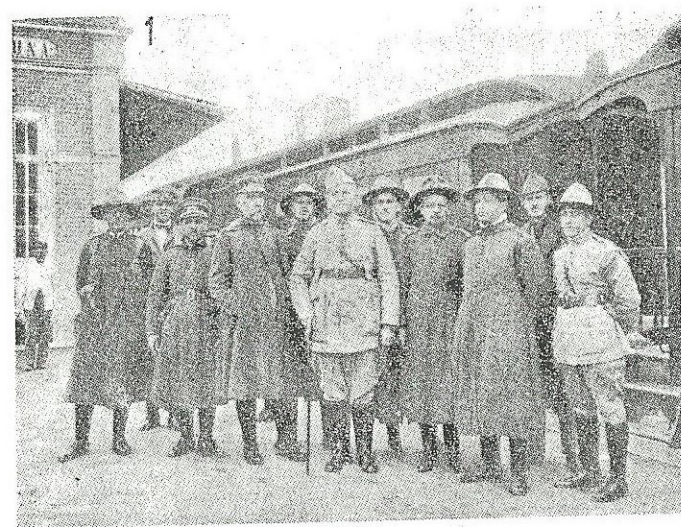
— Eu não fui comprehendido. Minha obra foi falsamente apreciada. Nada queria para mim: tudo para um Brasil melhor. Póde annunciar ao commandante legalista que nesta mesma noite me retiro com todas as minhas forças.

O P. Antônio tentou, ainda naquella tarde, transpor as linhas de fogo para levar á Penha a grande noticia; mas foi impossivel. Escurecia e as patrulhas atiravam sem cerimonia. Era muito arriscado persistir. Deixou a viagem para o dia seguinte.

No dia 28, pelas 8 horas, o destemido e benemerito Redemptorista alcançava Guayaúna, onde se achava o Estado Maior e o trem presidencial. Foi immediatamente introduzido á presença do Dr. Carlos de Campos, que, nessa hora, estava barbeando-se.

Rapidamente a sensacional noticia se diffundi entre as forças daquella frente e alvorotou em justos e ruidosos jubilos toda a tropa.

Uma hora mais tarde, o Presidente do Estado entrava triumphalmente no Palacio do Governo.



O General Socrates com o seu Estado Maior na Estação de Guayaúna.

29 de Julho.

As familias do Abrigo vão se retirando aos poucos para suas casas. Todos se despedem saudosos e agradecem com manifesta sinceridade.

Igualmente se retiraram as familias que occupavam os porões. Deixam saudades. Na verdade, haviamos feito boa amizade na longa convivencia daquelles tristes dias, daquellas noites tempestuosas.

Encerram-se hoje as aulas do Abrigo. As dedicadas professoras distribuem lembranças aos alunos.

No Santuario baptizo as duas criancinhas gêmeas da família De Giani, Mario e Yolanda. Pouco tempo sobreviveram.

As Irmãs voltam para o Collegio S. Ignez. Aqui deixam as melhores impressões pelo seu trabalho e dedicação, especialmente em prol do Abrigo.

Visitam-nos muitos soldados e officiaes do Exercito. Entre elles folgamos em poder abraçar diversos distinctos ex-alumnos nossos. Nas suas palestras tivemos informações pormenorizadas, e algumas bem interessantes, acerca das operações bellicas.



Depois da entrada das forças legaes em S. Paulo. General Socrates, Cel. Pedro Dias de Campos e outros officiaes.

Eis alguns trechos de conversas :

Um sympathico official de artilharia, nosso antigo alumno :

— Ouço dizer que bombardeei involuntariamente o collegio. Queira desculpar : são as tristes necessidades de guerra.

— Não foi aqui. Foi o Instituto D. Bosco, no Bom Retiro.

Sabida a posição do estabelecimento, accrescentou :

— E' facil agora dizer o dia. Deve ter sido no dia 24, pelas 4 da tarde. Opiniões

— Exactamente.

— Pois foi a minha bateria. Desgraças ?

— Nenhuma.

— Felizmente. Foi coisa rapida. A verdadeira concentração de fogo regulamentar deve durar 10 minutos. Menos do que isto é inefficaz. Entretanto, nós faziamos concentrações de 2 minutos.

— Porque ?

— Porque não tinhamos munição para fazer de 10.

Tomando de parte um velho amigo de outros tempos, agora capitão, perguntei-lhe á queima roupa.

— Cá entre nós, diga-me com sinceridade : vocês eram todos favoraveis ao bombardeio ?

— Foram presos alguns officiaes por não se conformarem com a ordem de bombardear S. Paulo.

— E donde vinha a ordem ?

— Naturalmente de cima.

— Do Coronel Commandante ?

— Vá mais para cima.

- Talvez do General Socrates?
- Mais para cima.
- Então era mesmo do Ministerio da Guerra?
- Mais para cima...

Outra conversa, no sofá da sala :

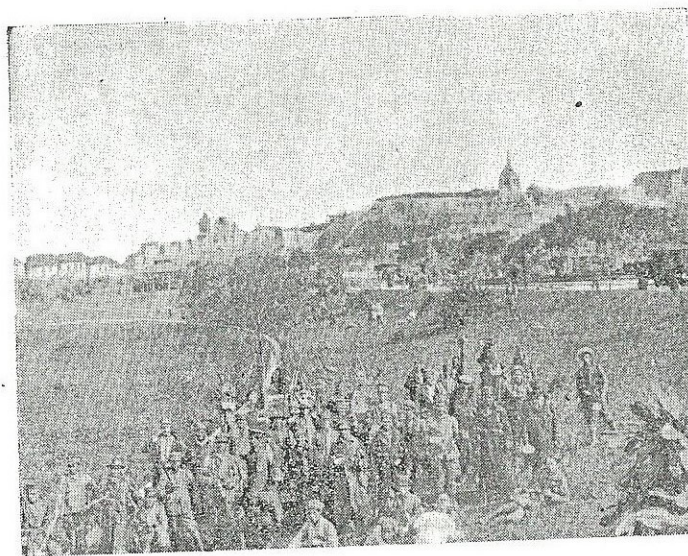
- Eu sou o celebre Tenente Fulano de Tal.
- Prazer em conhecer.
- Tive diversas attitudes energicas.
- Agora, felizmente, acabou tudo. E' pena que falem por ahi de execuções summarias de pobres soldados inconscientes e irresponsaveis.
- Reverendo, o Sr., que é sacerdote, falar assim?
- Sim, dizem ; mas creio que não é verdade. Tempo de guerra, mentira como terra.
- Não, é o contrario. Do que me admiro é o Reverendo ter pena dessa gente. São umas feras. Eu mesmo, com estas minhas mãos, entre soldados legalistas e prisioneiros, fusilei 12.
- !

Olhei para o meu interlocutor e me encolhi, ainda mais, no canto do sofá...

Outras informações, prometti não contar. Outras ainda, fui aconselhado a não divulgar-as.

30 de Julho.

Alguns jornaes trazem artigos tremendos. Nesses dias, após a revolução, numa linguagem virulenta, atacam a torto e a direito, justa e injustamente, insinuando, descompondo, ameaçando.



Forças legaes na Varzea do Carmo.

Dos que ficaram na cidade durante a revolução, Os
jor-
naesninguém está absolutamente seguro. Todos mais ou menos suspeitos. De que? De estarem contaminados pelo vírus da revolução, de terem tratado com os revolucionarios. Os que mais trabalharam e se sacrificaram em beneficio do povo, são os mais suspeitos e até aberrantemente accusados!

Horizontes carregados e ameaçadores. Denuncias, delações, intrigas, pequenas vinganças. A policia age activamente. Fala-se em listas negras vindas do Rio. Ha no ambiente um grande desassocego

Alguns repetem: "A coisa está feia!" e prudentemente desaparecem de S. Paulo, esperando que clareiem os horizontes.



Carros de assalto (tanks) das forças legaes.

Felizmente, nem sempre essas idéas extremadas encontram eco nas altas esferas. O Governo procura restabelecer a paz, a concórdia e a justiça.

Aos poucos vai amainando essa tempestade de odios e perseguições, desencadeada em grande parte pela pena virulenta e incendiaria dos jornalistas impollutos, que não contaminaram seus pulmões e suas almas respirando os ares de S. Paulo durante a revolução...

Da população da cidade, pelo menos umas quinhentas mil pessoas, os que não puderam absolutamente fugir, os que não quiseram abandonar o pobre povo ao seu infeliz destino, os que aqui ficaram para cumprir um dever, pelo menos umas quinhentas mil pessoas respiraram esses ares de S. Paulo, evidentemente viciados pelo deflagrar da pólvora, pelo arre-

bentamento das granadas, pelo desmoranamento de suas casas, pela decomposição de cadáveres insepultos...
Deixá-las respirar livremente agora!

Outro phenomeno interessante dos jornaes desses dias, é a investidura e a consagração dos heróes. Brotam por encanto, em multidão, repentinamente, da noite para o dia. Uma verdadeira geração espontanea. Uma polychroma inflorescencia epidemica de heroismos. Ha-os de todos os matizes e de todos os calibres. Constituem verdadeira legião. E ninguém pensava que eram tantos e que estavam por ahi tão perto...

Os
he-
rões

As duzentas mil pessoas que haviam conseguido sahir de S. Paulo, voltam agora apressadamente, por todos os caminhos, por todos os meios possiveis. Os trens chegam carregados de gente, literalmente abarrotados de pessoas em pé, comprimidas umas contra outras, nos carros, nas gondolas, nas gaiolas de gado.

Entre os primeiros que voltaram de Campinas, chegou o P. C. F. Sete horas de viagem: das 2 ás 9 da noite. Chegou esfalfado: viera num carro de carga, naturalmente de pé, comprimido por uma multidão de povo, entre... um cão e uma cabra!

Eram de um chacareiro portuguez. Aos repetidos protestos dos viajantes, respondia calmamente o horte-lão:

— “A cabra? Do Braz ella veio e ao Braz ha de voltar”.

A
ca-
bra

Interveiu um advogado:

— Meu bom amigo, seja razoavel. Não vê como incommoda toda a gente?

— Os incommodados é que se mudam, meu Senhor.

— O cachorro, vá lá. Mas a cabra? Além de tudo esses residuos organicos...

— Hein?

— que fazem lembrar coisas da revolução: balins de schrapnel!

— Pois sim! *que se rape nelle*. O que eu sei é que "do Braz ella veio e ao Braz ha de voltar", re-matava inflexivel.

E voltou.

Hontem, um jornal, fazendo uma resenha historica do inicio da revolução, noticiava ter havido mortes entre os alumnos do Lyceu. Hoje traz a seguinte rectificação:

São Paulo, 30 de Julho de 1924.

Exmo. Sr. Redactor,

Peço a V. Excia. queira rectificar um topico, que o «*Jornal do Commercio*» de hoje publica relativamente a este Lyceu.

No artigo subordinado ao titulo «*Os effeitos dos canhões e da metralha*», ha uma passagem na qual o chronista, a proposito do bombardeio de que este estabelecimento foi victima, diz: «*cahiu uma granada que causou consideraveis estragos, além de roubar impiedosamente a vida a duas flores que desabrochavam.*»

Felizmente, não houve nenhuma victima. Os damnos foram, na verdade, consideraveis: mas tão somente de ordem material.

As granadas foram tres, não uma. Cahiram e explodiram todas sobre o pavilhão das aulas e escolas

profissionais, das 9.20 ás 9.30 do dia 5 do corrente.

Nessa occasião lá estavam reunidos, somente no pavilhão attingido, mais de 1.200 alumnos. Ficaram damnificadas as officinas, a sala de exposição e quatro salas de aula.

Em taes condições, era muito natural que houvesse um numero consideravel de mortos. Mas não houve nenhum e isto só se póde explicar por uma protecção extraordinaria da Providencia.

Apenas um alumno ficou ferido: o menor Arnaldo Petersen Barreto, de Iracema (Mogyana). Foi attingido por um estilhaço da 3.^a granada, á distancia de uns 150 metros, soffrendo fractura da clavícula. Operado immediatamente, depois de uma semana estava restabelecido e seguia para sua casa.

Uma inexactidão em nota de simples reportagem poderia passar sem reparos. Entretanto, Sr. Redactor, peço a rectificação do topico em questão, pelo seguinte motivo: tratando-se de uma noticia publicada agora, depois de ter havido tempo para verificar as informações das primeiras horas, póde isto levar a inquietação e o alarme ao seio de diversas familias ainda sem informações de seus filhos, alumnos nossos, que não puderam ir para casa dos Paes, nem enviar suas noticias.

Queira acceitar as respeitosas saudações do

Cr.^o e adm.^{or}

P. Luiz Marcigaglia

Director do Lyceu Coração de Jesus

31 de Julho.

No Abrigo restam apenas duas famílias. Estas não têm mesmo para onde ir: suas casas foram literalmente destruídas pelas granadas.

Ficaram no Abrigo até o dia 9 de Agosto.

Vol-
tam
de
Cam-
pinas

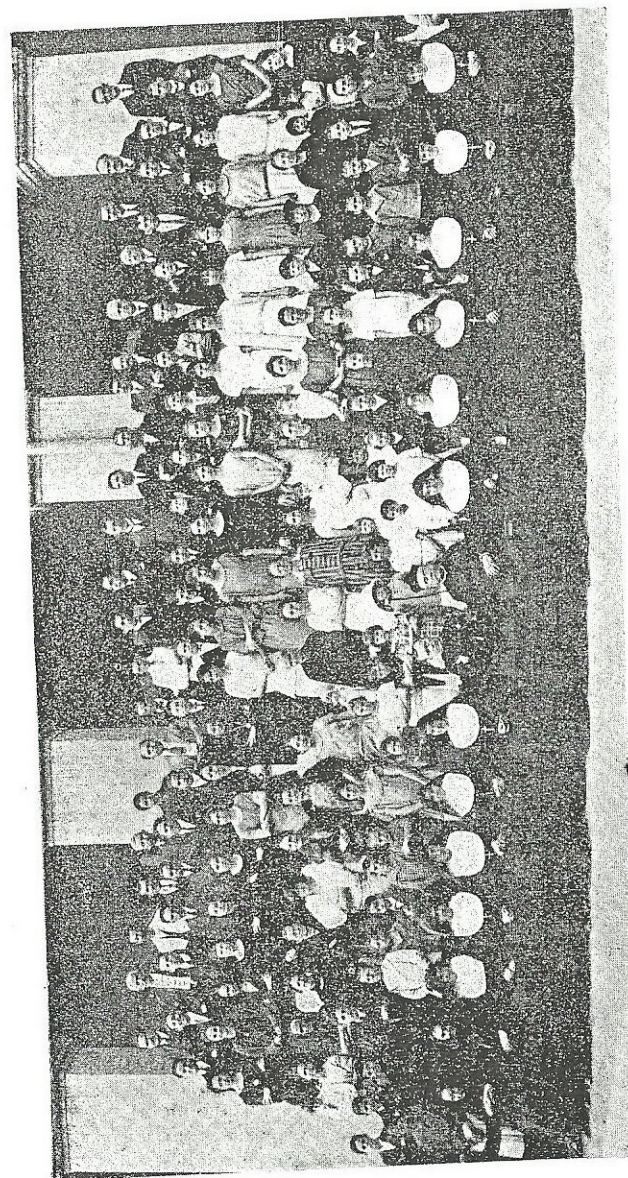
A's 10.30 da noite, chegam os nosso alumnos, que desde o dia 14 estavam no Lyceu N. S. Auxiliadora de Campinas, acompanhados pelos salesianos. Veem todos sãos e salvos e não escondem a alegria em poder voltar, depois de tantas peripecias, para o nosso Lyceu.

No dia seguinte, na costumada *boa-noite*, desenvolvia aos alumnos estes pensamentos:

"Entre duas primeiras sextas-feiras (4 de Julho e 1.º de Agosto) transcorreram as tristes peripecias destes dias, agora encerradas definitivamente com a volta dos alumnos ao Lyceu. Neste parenthesis limitado por dois dias consagrados ao S. Coração de Jesus, de quantos perigos Elle nos salvou! Recordemos os tragicos factos, as nossas successivas e providenciaes migrações, as horas de angustia mortal. E nós fomos poupados. Ninguém morreu. Apenas um ferido. Quantos motivos de dar graças a Deus!

Quando o collegio estiver novamente no seu pleno funcionamento, havemos de fazer uma solemne acção de graças: temos motivos sobejos para isto.

E depois de dar graças a Deus, iremos tambem agradecer o que por nós fizeram especialmente o Dr. Bento Bueno, Secretario da Justiça, o Major Luiz Ferraz, Director da Immigração, e outros nossos devotos amigos e bemfeitores."



Abrigados que compareceram ao Te Deum de 3 de Agosto.

3 de Agosto.

Te
Deum
lau-
da-
mus!
No dia 3 de Agosto, domingo, as pessoas que estiveram abrigadas no Lyceu a elle voltaram mais uma vez para dar graças a Deus.

O Santuario resplandecia de luzes, repicavam os sinos da torre e o orgão enchia de sons festivos as naves sagradas. Celebrou o Revmo P. Pedro Rota, Inspector Salesiano. O P. Octacilio de Oliveira produziu magnifica oração gratulatoria.

Depois da missa foi entoado solemne «Te Deum». Com que fervor eram então cantados e sentidos os versiculos do hymno liturgico da acção de graças!

Tirou-se um grupo photographico dos abrigados que compareceram. Logo após tiveram um bom almoço, servido pelas dedicadas Irmãs que se tinham abrigado no Lyceu.

Mais tarde reuniram-se todos no Theatro, onde assistiram a uma interessante sessão festiva.

Assim acabou a festa da acção de graças a Deus.

Sim, pelos muitos e extraordinarios beneficios que Deus nos outorgou nos tristes dias de Julho, pelos perigos innumeros de que nos livrou, pela protecção continua e evidente que dispensou aos que se abrigaram nesta casa, por todas as nossas vidas que poupou e conservou, por todo o bem que o Lyceu pôde fazer á população, sejam dadas infinitas graças a Deus.

Deo gratias!

CAPITULO X

Epilogo

Como remate destas paginas, photographemos a seguinte scena collegial, que se passa em Campinas, nos pateos do Lyceu N. S. Auxiliadora, nos ultimos dias da revolução.

Num canto do pateo, alguns dos nossos alumnos menores conversam animadamente. No meio dos pequerruchos, ha tambem alguns sub-medios mais sabidos e *bem informados*. Escutemos o interessante dialogo: elles nem suspeitam que ouvidos indiscretos estão apanhando a conversa, cheia de ingenuidade e phantasia.

— Dizem que em S. Paulo, depois da nossa sahida, está um horror: carabina, metralhadora, canhão. E cada canhão!

— E' verdade. O Isidoro Lopes inventou um canhão. . .

Phan-
ta-
sias

— Não foi o Isidoro; foram os allemães, que elle pegou a muque para a revolução.

— . . . um canhão, comprido, comprido, que vae do Quartel da Luz até o Braz, e de lá faz fogo contra a Penha, onde estão os legalistas. Para disfarçar, o canhão está todo forrado de taboas e algodão.

— Devéras?

— E tem telephone por fóra, para avisar, quando é hora de disparar, que se afastem os que estão na bocca fazendo pontaria. . .

— Mas o Governo arranhou logo os canhões do “Minas Geraes”. Do alto da Serra atiram para a cidade e estão arrasando tudo, tudo.

— Como é que levaram até lá os canhões?

— Levaram o “Minas Geraes” com todos os canhões. Parece que são duzentos, enormes. Arrastaram o navio com grossas cordas; todos os marinheiros iam arrastando e empurrando.

— Qual! Histórias! Pois eu sou de Santos e bem conheço os tunneis da Inglaterra. Por elles não pôde passar o “Minas Geraes”, que é enorme.

— Mas não foi pela estrada de ferro, foi pela estrada de rodagem.

— Ah! isso sim, pôde ser.

— E no nosso Lyceu, que terá acontecido aos padres que ainda estão lá?

— Nada. No Lyceu não caem balas, nem granadas. Você não viu que no dia 5, apesar das tres granadas que lá caíram, não morreu ninguém? O Lyceu é protegido e defendido pelo Coração de Jesus.

— Sim, mas agora as coisas estão ficando cada vez mais feias. E com tanto tiro...

— Não ha perigo. Dizem que a estatua do Sagrado Coração, de noite, que é quando fazem o bombardeio, está sempre trabalhando para desviar as balas. Com os braços abertos, como está, záz pra cá, záz pra lá, vai continuamente aparando e rebatendo as balas que passam á direita e á esquerda.

— Eu acho que nem que batesse uma granada na Torre, não derrubava. Aquella estatua não pôde cair.

— E mesmo que derrubassem a Torre, a estatua do Coração de Jesus ficava lá no alto, toda dourada...

— Mas olhe que não é leve. Dizem que é de cobre coberto de ouro e tem mais de dez metros.

— Não faz mal; não cae.

— Ou sinão, havia de descer devagar, devagar, caminhando no ar, até ir no meio dos revolucionarios para espantal-os e expulsal-os todos.

— Oxalá!

— Vocês não repararam numa especie de estrela grande e vermelha, côr de sangue, que apparece de noite?

— Eu vi.

— Tambem eu.

— Que é aquillo?

— É Marte.

— Que quer dizer Marte? indaga um pequerrucho.

— Dizem que antigamente era o deus da guerra.

— E agora?

— Agora não sei.

— Sabem vocês donde vieram as granadas que caíram no Lyceu no dia da revolução? Do Campo de Marte!

— Que historia é essa de tanto Marte?!

— Pois é! Dizem que a tal estrella côr de sangue augmenta cada dia. Vem vindo, vem vindo até esbarrar com a Terra...

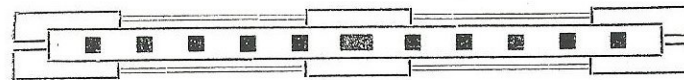
— Ah! Marte!

— “Amar-te”, não; “odiar-te” é que deve dizer. (Ja se vê: este cultivava o trocadilho).

— Odial-o, sim, e atirar contra elle com o tal canhão do Isidoro. Espatifa-se o Marte, acaba a revolução

e nós voltamos para o nosso Lyceu, que já não é sem tempo.

- Não tenha pressa; aqui também é bom.
- E' verdade: muito recreio, nenhuma aula...
- Vocês não repararam que no meio de tantas coisas tristes da revolução, ha uma coisa boa, muito boa?
- Qual é? Na revolução não ha nada de bom.
- Ha, sim; para nós ha.
- Que será?
- E' uma coisa de que todos gostamos e estamos agora gozando. Adivinhem.
- Não sei. Ninguém adivinha.
- Pois então eu digo: estas férias, durante o mez de Julho.
- Oh! É verdade! Muito bem!
- Viva as "*Férias de Julho*"!
- Vivoooooooo!...



Appendice

Nas paginas que seguem, archivamos algumas notas e documentos relativos ao Lyceu e á Revolução de Julho.

I

Homenagem ao Sr. Presidente do Estado.

(7-IX-924)

«Realizou-se hontem, como fôra annuciado, uma solemne cerimonia em acção de graças, no Lyceu Coração de Jesus, por terem ficado incolumes todos os professores e alumnos daquelle estabelecimento na manhã de 5 de Julho, quando cahiram sobre o Lyceu tres granadas.

O Santuario do Coração de Jesus apresentava um magnifico aspecto. A nave central estava toda occupada pelos 600 alumnos internos em seus vistosos uniformes brancos. As outras naves estavam repletas de distinctas familias.

No presbyterio, ricamente ornado de flores e luzes, tomaram assento, em lugares especiaes, o Sr. Dr. Carlos de Campos, Presidente do Estado, acompanhado do seu ajudante de ordens, Major Marcilio Franco; Dr. Bento Bueno, Secretario da Justiça, acompanhado do capitão Marinho Sobrinho, ajudante de ordens; Dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, Secretario da Agricultura; Dr. José Lobo, Secretario do Interior; Dr. Firmiano Pinto, Prefeito Municipal; General Eduardo Socrates,

Commandante da 2.^a Região Militar, acompanhado de seus ajudantes de ordens; Dr. Mario Travares Filho, pelo Dr. Mario Tavares, Secretario da Fazenda; Tenente Shakspear Ferraz, Ajudante de ordens do Commandante da Força Publica; Dr. João Baptista de Sousa, Delegado Geral.

Foi celebrante o Revmo. Padre Caetano Falconi, Reitor do Santuario. Durante a missa, num possante unisono de 600 vozes, acompanhadas pelo órgão, os alumnos executaram com perfeição varios cantos coraes, em vernaculo e em latim.

Finda a missa, foi entoado o hymno da acção de graças, o «Te Deum Laudamus», que foi continuado com entusiasmo pela massa coral dos 600 alumnos.

Terminada a solemne cerimonia religiosa, as autoridades presentes entraram no recinto do Lyceu. Sob os porticos, adornados com bandeiras e plantas, estavam postados todos os alumnos internos e externos. Ao apparecer o Sr. Presidente do Estado foram levantados varios vivas. A banda de musica do estabelecimento entoou o Hymno Nacional, que foi cantado com precisão pelos alumnos.

Em seguida, um alumno do 3.^o anno gymnasial, Francisco de Campos Mello, saudou o Dr. Carlos de Campos, proferindo o seguinte discurso:

«Sêde bemvindo a esta casa de D. Bosco, Exmo. Sr. Presidente!

Nossos corações fremem de jubilo ao ver-vos aqui tão perto, no meio destes vossos pequenos amigos, neste recinto onde transcorrem, alegres e proficuos, os dias da nossa infancia e da nossa mocidade.

Sêde bemvindo! Pela minha voz, fala a voz de 1.800 alumnos deste Lyceu. E' em nome de todos elles que eu vos saúdo; em nome destes, que se sentem felizes e ufanos em poder-vos hoje acclamar; em nome tambem dos ausentes, que não puderam comparecer á modesta, mas sincera homenagem, que hoje vos prestamos.

Em vossa amavel pessoa saudamos o supremo magistrado de S. Paulo, o preclaro cidadão que tão dignamente occupa e ennobrece o mais alto posto administrativo. Nós saudamos o presidente democratico, o amigo do povo, o forte timoneiro de largo descortino e de magnanimo coração.

Bem sabemos que vós sois um nobre exemplo de civismo e de coragem a toda a prova, de inquebrantavel energia e de sereno heroísmo, como bem o mostrastes nas tragicas vicissitudes dos dias de Julho.

O Lyceu Coração de Jesus, que tem a honra de ser vosso vizinho, soffreu comvosco, em perfeita communhão de sentimento, durante os negros dias de tão triste memoria. O Lyceu passou, como vós, por identicos perigos, por eguaes provações. Aqui, como no palacio dos Campos Elyseos, cahiram as granadas assassinas; tambem o nosso Lyceu foi varrido pela metralha; aqui tambem correu o sangue innocente.

Mas, assim como Deus vos protegeu a vós e a vossa familia, assim tambem a Providencia, num rasgo de sua bondade infinita, poupou todas as nossas vidas. As tres granadas dirigidas contra o vosso Palacio e que o nosso Lyceu anteparou, as tres granadas destruidoras que explodiram aqui neste pavilhão das Aulas e das Officinas, onde, ás 9 horas da tragica manhã de 5 de Julho, se agglomeravam 1.200 alumnos,

apenas feriram um dos nossos colleguinhas. Facto extraordinario e miraculoso !

E' por isso que hoje elevamos a Deus, com sincero enthusiasmo, o cantico da nossa gratidão.

E vós, Sr. Presidente, num gesto de bondade que sobremodo nos penhora, tomastes parte connosco na cerimonia religiosa e destes ao acto o brilho extraordinario da vossa tão desejada presença. E' do fundo da alma que vos agradecemos.

Recebei tambem, Exmo. Sr. Dr. Carlos de Campos, a homenagem collectiva desta briosa mocidade, que aqui é educada no amor á ordem, no acatamento ás autoridades constituídas, no respeito ás leis.

E' com o mais fêrvido e sincero enthusiasmo que nós, alumnos salesianos, com as almas a vibrarem de patriotismo, vos apresentamos as nossas felicitações pela victoria da legalidade e pelo restabelecimento da ordem em S. Paulo.

Na escola de D. Bosco se ensina a amar de coração a Patria e a bem servir-a com as obras. Os vossos exemplos serão aqui seguidos, Sr. Presidente : estes jovens que se educam no Lyceu saberão, com os seus actos, defender, engrandecer e honrar o nosso estremo Brazil.

Illustres membros do Governo do Estado e da Cidade, Exmo. Sr. General Eduardo Socrates, recebei tambem vós a homenagem e a saudação dos alumnos do Lyceu.

Viva o Dr. Carlos de Campos !

Viva o Dr. Firmiano Pinto !

Viva o General Socrates !

Viva o Governo do Estado !»

Estas palavras causaram profunda e geral commoção. Todos applaudiram longamente o pequeno orador, que foi em seguida abraçado pelo Dr. Carlos de Campos e demais auctoridades presentes. Os alumnos cantaram ainda o hymno a D. Bosco, do maestro salesiano Pagella.

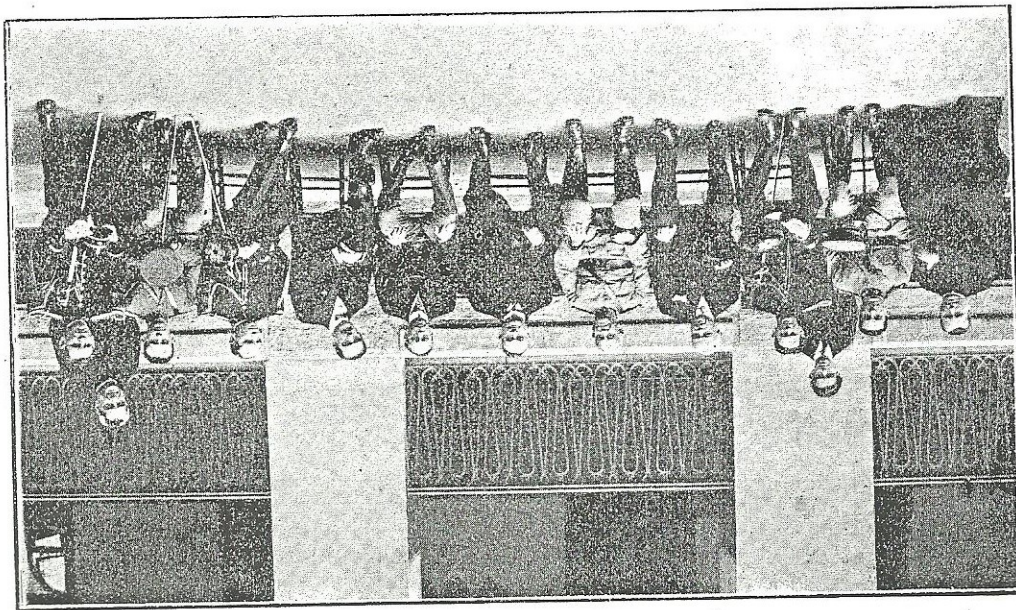
Logo depois o Sr. Presidente do Estado, visivelmente commovido, externou os seus agradecimentos, proferindo este improviso :

«Eu não poderia retirar-me dentre vós, sem um emocionado agradecimento. Vós representaes nesta casa de educação exemplar, aquillo que constitue o maximo esforço em prol da nossa sociedade : o preparo dos moços para o futuro, começando por vós, cuja maioria ainda pertence á infancia, nesta casa de tradições gloriosas e humanitarias, sob a invocação do santo nome de D. Bosco, que passa por toda a parte, como symbolo de paz e de benção.

Vós haveis de permittir que em meu nome, modesto, mas sincero e devotado amigo da vossa idade, que em nome do governo de S. Paulo, venha dizer-vos que si a ordem foi restabelecida, o foi, quem sabe, em grande parte, pelas orações elevadas ao Altissimo, pelas vossas orações partidas de innocentes corações e pelas preces dos Ministros de Deus, que nesta casa tambem pregam o respeito á ordem, á lei e á justiça.

Em nome desta ordem, pela qual tambem vós soffres, é preciso que o governo de S. Paulo vos traga um sincero agradecimento.

Minha pessoa nada vale : representa apenas a transição entre os governantes do nosso Estado, mas no



No dia 7-IX-924. O Dr. Carlos de Campos com os Secretários do Governo visita o Lyceu Coração de Jesus.

momento actual ella vale muito, porque é sincera e leal.

A todos os superiores, professores desta casa um sincero viva que parte do fundo do coração; que seja extensivo a todos os que vos são caros, ás vossas familias, aos vossos estremecidos paes.

A vós e a elles, os meus votos de perenne felicidade; a vós todos, professores, dirigentes e alumnos desta casa, externo os meus mais sinceros agradecimentos.»

Uma calorosa salva de palmas coroou as ultimas palavras do chefe do Estado. Em seguida, passando entre alas de alumnos que o applaudiam entusiasticamente e erguiam vivas, o Sr. Presidente e demais autoridades visitaram os locaes damnificados pelas granadas, mostrando-se surprehendidos diante do facto de não se ter verificado morte nenhuma nesse logar, onde estiveram reunidos cerca de 1.200 alumnos ⁽¹⁾, na manhã de 5 de Julho.

Logo depois o Sr. Presidente assistiu a um desfile em sua honra feito pelo batalhão do Lyceu. Na

(1) — Não ha exaggero nesse numero. Pela estatistica do anno (ver a pag. 249) é facil fazer o calculo :

Todos os internos, 813; pelo menos metade dos externos, 379; todos os apprendizes, 144; total, 1.336. Deduzindo o 10 % — maximo de ausencias possiveis — teremos o total de 1.203.

E' de notar que o numero de 379 externos é inferior á realidade, pois que estavam presentes os semi-internos, os do 1.º periodo primario e mais quasi todos os externos do curso secundario (do 2.º anno em diante).

Esses alumnos estavam concentrados nos estudos, nas aulas e nas officinas, isto é, todos no pavilhão attigido pelas granadas.

ocasião em que a S. Excia. atravessava os pateos, os alumnos entoaram a marcha patriótica "Guanabara". Foram tirados varios grupos photographicos.

Na sala nobre do Lyceu foi servida aos presentes uma taça de «champagne».

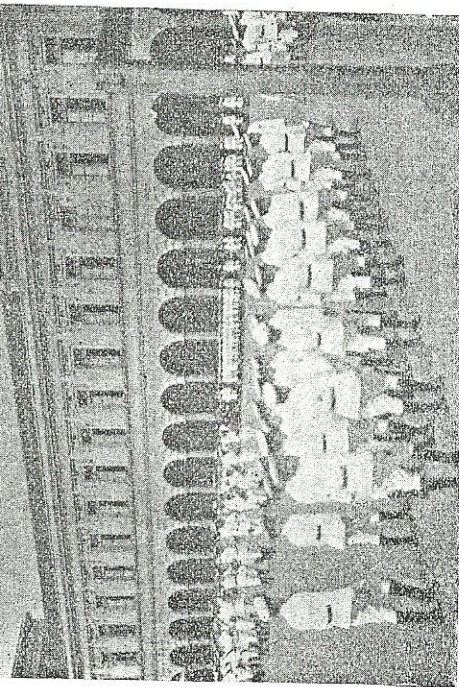
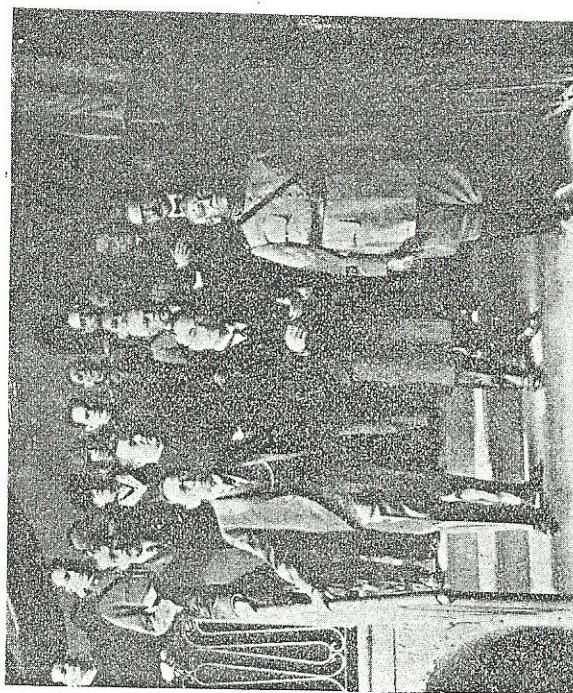
Nessa occasião, o Director do Lyceu, Padre Luiz Marcigaglia, agradeceu ao Sr. Presidente a sua honrosa visita ao estabelecimento e ergueu a taça pela felicidade pessoal de S. Excia. e pela prosperidade do seu governo.

O Sr. Presidente do Estado agradecendo disse: «Seria pouco dizer que este estabelecimento honra o Estado de S. Paulo, que tenho a honra de governar, porque a sua fama é universal. Sinto-me profundamente grato pelas demonstrações de apreço e amizade que aqui recebi e bebo pela prosperidade e progresso sempre crescente deste modelar estabelecimento de ensino».

Despedindo-se dos directores do Lyceu, o Sr. Dr. Carlos de Campos declarou que nenhuma manifestação o havia tão profundamente commovido como a que acabava de receber.

No adro do Santuario, S. Excia. foi alvo dos applausos de grande numero de familias, que ahi se agglomeravam, applausos que se repetiram á partida do automovel e dos de cada uma das auctoridades presentes á sympathica manifestação.»

(Do "Jornal do Commercio" de 8-IX-1924)



7 de Setembro de 1924. No alto, o Presidente ouvindo a saudação dos alumnos. Em baixo, desfile dos collegiaes.]

Manifestação de agradecimento ao Secretario da Justiça e ao Director da Imigração.

«No dia 11 de Setembro, o Lyceu continuou a prestar as suas homenagens de agradecimento, a Deus e aos homens, iniciadas no dia 7.

Foram alvo de nossas manifestações neste dia, o Exmo. Sr. Dr. Bento Bueno, Secretario da Justiça, que, na fatídica manhã de 5 de Julho, punha á disposição do Lyceu o confortavel predio da Hospedaria dos Imigrantes, para o abrigo dos alumnos, e o Sr. Major Luiz Ferraz, Director da referida repartição, e os seus dignos auxiliares, pelo modo captivante com que trataram os 376 alumnos, que lá se abrigaram de 5 a 10 de Julho.

Depois de almoçados e envergando o nosso uniforme branco, sob os ardentes raios do sol, levando á frente a nossa banda de musica e fanfarrá militar, em rigorosa e garbosa formatura, saímos em demanda do Palacio da Justiça, onde iamós saudar e agradecer ao Dr. Bento Bueno. Chegando ao largo do Palacio, os alumnos aclamaram o Secretario da Justiça, que recebeu a manifestação de uma sacada da Secretaria. O Antonio Antonini subiu para a capota de um auto collocado no meio da multidão e dirigiu ao Dr. Bento Bueno a seguinte saudação :

“Exmo. Sr. Dr. Bento Bueno,

E’ muito justa a singela homenagem que o Lyceu Coração de Jesus vos vem hoje prestar. Vós sois um dos nossos maiores amigos e benfeitores e fazeis

jús á veneração desta briosa mocidade, que agora vos acclama.

Por bem conhecermos quanto vos devemos, é que sahimos hoje do Lyceu com o vosso nome nos labios e nos corações e aquí estamos para, de modo publico e formal, externar-vos toda a nossa gratidão.

Convem recordar. Na tragica manhã de 5 de Julho, quando o nosso collegio era seguidamente atingido pelas granadas dos sediciosos, quando ao nosso lado tombava um collega ensanguentado, e nós, nos paroxysmos da angustia, pediamos protecção a Deus e aos homens, foi aqui, foi á porta da Secretaria da Justiça, que o nosso desolado Director veio bater. Pediu assistencia medica para o pequeno ferido, que trazia consógo, e um abrigo seguro para todos nós. E vós, Exmo. Sr., acolhestes com immensa bondade aquelle pedido; na voz concitada do nosso Director, ouvistes o echo da nossa súpplica distante. Immediatamente puzestes á disposição do Lyceu o abrigo e o conforto da Hospedaria dos Imigrantes.

Nós bem sabemos quanta dedicação tivestes por nós naquella occasião. Calmo, sereno e forte, no meio do atropelo e da natural confusão daquellas horas tragicas, na imminencia mesmo de um ataque á Secretaria da Justiça, vós destes todas as providencias para a nossa immediata remoeção.

Com sincero reconhecimento recordamos a vossa constante solicitude por nós, naquelle dia e nos seguintes, pedindo repetidas vezes por telephone informações nossas. São delicadezas que não se esquecem.

E’ necessario lembrar tambem outro grave episodio, no qual vós nos salvastes de um tiroto fatal.

Quando os alumnos do Lyceu deixavam apressadamente a seu collegio em direcção á Moóca, e incertos desviar perigos e surpresas, a certa altura, na Varzea do Carmo, estiveram expostos á morte. Fomos tomados, pelos soldados que defendiam esta Secretaria, por uma columna inimiga, a avançar disfarçadamente, através das arvores. E já as metralhadoras tomavam posição, calculavam a distancia e eram carregadas e apontadas para nós. Mais um instante, e a metralha ia dizimar implacavel as nossas fileiras...

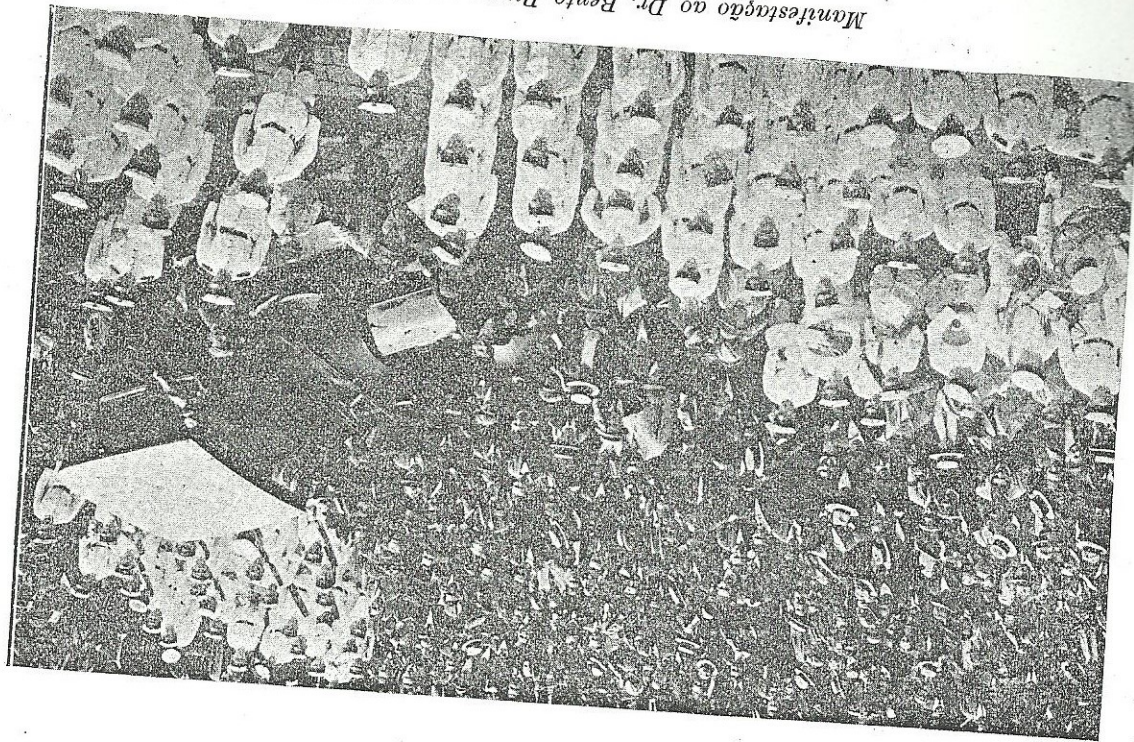
Fostes vós que, tomando de um binoculo, nos reconhestes: Fostes vós que, aos soldados prestes a atirarem contra nós, disestes com um gesto energico: «Parai. São os alumnos do Lyceu Coração de Jesus». Abençoado o braço, que assim deteve as armas mortíferas promptas para a fatal chacina.

E' por tudo isto que nós vos homenageamos e vos aclamamos. E' por tudo isto que nós sentimos a necessidade de tornar publica a nossa immensa gratidão para convosco, Exmo. Dr. Bento Bueno.

E' por isto que, depois de havermos dado graças a Deus no dia 7 p. p., refazendo hoje, são e salvos, o caminho da Immigração, nesta como romaria de gratidão, aqui estamos para vos exprimir a vós, em primeiro lugar, o nosso profundo reconhecimento, a nossa immorredoura gratidão.

Exmo. Sr. Secretario da Justiça: os alumnos do Lyceu Coração de Jesus, do fundo de suas almas, recordam as vossas benemerencias, agradecem os vossos benefícios, aclamam o vosso nome.

Viva o Dr. Bento Bueno !"



Manifestação ao Dr. Bento Bueno em 11-IX-924.

O Sr. Secretario da Justiça respondeu num vibrante e patriótico discurso. Agradeceu a homenagem de que era alvo, falou dos grandes males que produz o espirito de rebeldia entre os povos e terminou erguendo um viva ao Estado de S. Paulo.

Em seguida, uma comissão de alumnos foi recebida por S. Excia., enquanto a banda executava algumas peças. Após o canto de uma canção patriótica, desfilamos em continencia ao Sr. Secretario e, passando pelo centro da cidade, rumamos para a Immigração, onde havíamos passado os seis primeiros dias da revolta.

Já eramos esperados pelo Sr. Major Luiz Ferraz, por seus dignos Auxiliares e pelos Officiaes do Exército, que alli se achavam.

O Sr. Major Ferraz foi saudado pelo alumno Ernesto Basile, que proferiu a seguinte oração:

Exmo. Sr. Major Luiz Ferraz,

Não podiam nossos corações de jovens sumamente gratos, deixar de prestar a V. Excia. e aos seus dignos auxiliares este preito sincero do nosso profundo reconhecimento.

Qual bando de aves implumes, a quem a tempestade destruiu o ninho, na fatídica manhã de 5 Julho ficamos nós expostos aos perigos da metralha assassina. O nosso ninho, onde enriquecíamos a mente de uteis conhecimentos e o coração de virtudes religiosas e cívicas, foi cruelmente bombardeado. Mil e duzentas creanças, Snr. Major, ficaram expostas ao perigo do canhoneio. Correu o sangue innocente; mas, pela pro-

tecção extraordinaria da Providencia Divina, nossas vidas foram poupadas.

Para onde fugir? Onde poderiam os nossos superiores abrigar tantas vidas a elles confiadas?

Naquellas horas de mortal sobresalto e trepidação, quando elles sentiam pulsar em seus peitos os corações angustiados de 1.200 mães, quando aos seus ou-



*Convescote na Immigração (11-X-924)
A' esquerda, de pé, o Lourenço.*

vidos chegavam as vozes lamentosas dos que nos são caros, receiosos pelas nossas vidas; quando nós, debeis florinhas do campo, eramos açoitados pelo vendaval infrene, quando vimos ruir a poucos passos de nós o tecto que nos abrigava, naquella hora tristissima se abriram, de par em par, as portas deste estabelecimento para nos acolher.

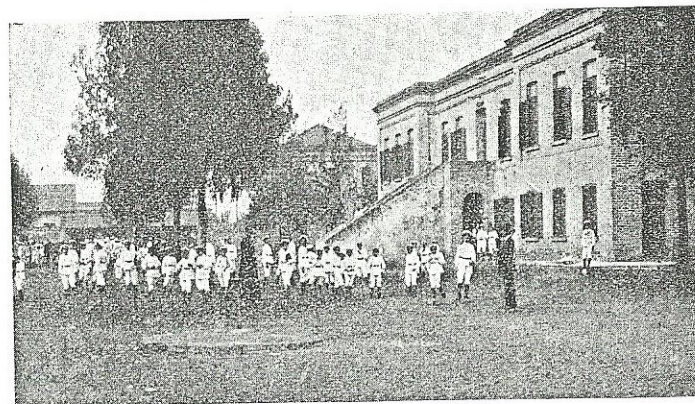
E aqui, Snr. Major, encontramos o vosso magnanimo coração, que cheio de compaixão nos dispensou os cuidados e os carinhos de um pae estremecido. Não poupastes sacrificios, expuzestes quiçá a vossa vida, para que aos vossos pequenos abrigados nada faltasse.

Diante de tanta generosidade, do trato fidalgo que nos dispensastes, das provas inequivocas de dedicação que por nós mostrastes, é bem explicavel esta manifestação. E' singela e humilde; parte, porém, de corações gratos e leaes, porque o coração da juventude não sabe mentir.

Recebei-a, pequena embora, mas lede nella toda a gratidão desta mocidade, que atravez das ruas de S. Paulo, em alas garbosas, peregrinou até este recinto, para nelle fazer trescalar o perfume do reconhecimento e da gratidão.

A vós, Exmo. Sr. Major Luiz Ferraz, aos vossos dedicados auxiliares, que tão gentilmente nos trataram nos terriveis dias de Julho, os Superiores e alumnos do Lyceu hypothecam o seu eterno reconhecimento, expresso neste viva, que irrompe fremente de nossos labios:

Viva o Sr. Major Luiz Ferraz!
Viva os seus dignos auxiliares!



1) Os alumnos do Lyceu visitando a Imigração no dia 11-IX-1924. — 2) O Director da Imigração, Major Luiz Ferraz, entre o Major Mauricio Cardoso e o director do Lyceu. Officiaes do 5.º de Caçadores e auxiliares da directoria da Imigração.

O Sr. Major Ferraz respondeu commovido a esta saudação. Acto continuo, foi servido, no refeitório do Estabelecimento, um succulento *lunch*. Foram tirados varios grupos photographicos.

Depois de algumas horas de descanso, passadas entre o visitar os lugares que nos abrigaram durante a revolta, e a palestra amigavel e interessante das tropas lá aquarteladas, nos despedimos do Sr. Major Ferraz e demais pessoas, tomando, ao som da banda de musica, o rumo do Lyceu.

(Do "*Annuario de 1924*", pag. 57-62)

III

Estatística do anno de 1924

I — Matricula nas varias secções do Lyceu

Internato	813 alumnos
Externato (com os semi-internos)	757 »
Aulas Nocturnas	274 »
Aprendizes	144 »
TOTAL :	1.989 »

II — Matricula nos 4 cursos do Lyceu

	Internos	Externos	Aulas Nocturnas	Aprendizes	Total
Curso gymnasial	100	48	—	—	148
Curso commercial	139	191	158	4	402
Curso preliminar	563	609	116	4	1.292
Curso profissional	11	—	—	136	147
TOTAES :	813	758	274	144	1.989

Matriculas duplas, 63. Total real, 1926.

(*Annuario de 1924*, pag. 142)

IV

Da Introducção do "*Annuario de 1924*".

Os factos de Julho

E' excusado falar aqui da sangrenta tempestade que inopinadamente se despenhou sobre a linda capital paulista em Julho passado. Toda a gente sabe como

o nosso collegio foi logo envolvido no vortice do medonho turbilhão. Mas — graças a Deus! — sahiu miraculosamente illeso de todos os perigos.

Os factos desenrolados no Lyceu durante o mez fatidico, são conhecidos por todas as familias que tinham filhos no estabelecimento, pois a todos os alumnos foi distribuido um livrinho em que se relatam fielmente as nossas peripecias. (1)

Seja-nos licito, porém, sublinhar os seguintes pontos.

1.º) De todos as numerosas vidas que nos estavam então confiadas, nenhuma foi sacrificada!

2.º) Todos os alumnos demostraram excellente disciplina e grande confiança nos seus Superiores, que não os abandonaram um só instante.

3.º) Foram geraes as demonstrações de respeito, interesse e carinho para com o Lyceu, que poude assim tambem prestar bons serviços á população necessitada.

4.º) Os paes dos alumnos deram sua total approvação ás medidas de emergencia tomadas pela directoria do Lyceu naquellas terriveis circumstancias.

Da grande tristeza que ensombra a memoria daquelles dias tragicos, emerge, sobremodo confortadora, a certeza destas quatro preciosas conclusões.

(Do *Annuario de 1924*, pags. 5 e 6)

(1) "Férias de Julho".

V

Da Chronica de 1924:

Julho

5 — Rompe inesperadamente a revolução. Caem sobre o Lyceu tres granadas. E' ferido o alumno Arnaldo Petersen Barreto. Muitos alumnos se retiram para suas casas ou para a de seus conrrespondentes. Devido á situação perigosa em que se acha o Lyceu (nas immediações do Palacio Presidencial), os alumnos, á 1 hora da tarde, vão para a Hospedaria dos Immigrantes, onde permanecem até o dia 10.

10 — Os alumnos, apressados e receosos, voltam da Immigração para o Lyceu.

11 — 12 — 13 — Os alumnos permanecem no Lyceu, dormindo nos porões, devido ao intenso bombardeio nocturno.

14 — Com grande difficuldade os alumnos (60) conseguem embarcar para Campinas, onde se vão hospedar no Lyceu N. S. Auxiliadora, gentilmente offerecido pelo Pe. Vicente Priante, Director daquelle estabelecimento salesiano.

18 — Acompanhados pelo Cl. Edgard Rocha, seguem para o Paraná 17 alumnos.

19 — Depois de uma viagem cheia de peripecias, chega a S. Paulo o Revmo. Pe. Inspector.

28 — Termina a revolução em S. Paulo.

31 — Regressam de Campinas uns vinte e tantos alumnos.

Agosto

3 — Missa de acção de graças celebrada pelo Revmo. Pe. Inspector. Assistiram-na muitas familias

abrigadas no Lyceu durante a revolução. Após a missa, foi-lhes servido um almoço. A' tarde, houve sessão festiva para os mesmos refugiados.

4 — Recomeçam as aulas no Externato.

6 — Recomeçam as aulas no Curso Nocturno.

9 e 10 — Começam a voltar os alumnos internos.

11 — Recomeçam regularmente as aulas do Internato.

15 — Um grupo de 50 alumnos uniformizados de branco toma parte na "Marche aux flambeaux" organizada pela mocidade das escolas em honra do Exmo. Sr. Dr. Carlos de Campos.

16 — Commemoração do nascimento de D. Bosco.

20 — Visitam o Lyceu diversos officiaes do Exército acompanhados pelo Conego Manfredo Leite.

Setembro

7 — Data nacional. Dia escolhido pelo Lyceu para render graças a Deus pelos beneficios que lhe dispensou durante a revolução.

A's 9 horas, missa com a presença do Exmo. Sr. Dr. Carlos de Campos, DD. Presidente do Estado, do General Eduardo Socrates, Commandante da 2.^a Região Militar, do Dr. Bento Bueno, Secretario da Justiça, Dr. José Lobo, Secretario do Interior, Dr. Firmiano Pinto, Prefeito da cidade, Dr. João B. de Souza, Delegado Geral, dos representantes do Secretario da Fazenda e do Commandante da Força Publica.

Sob os porticos do Lyceu fez-se uma brilhante recepção aos illustres visitantes.

11 — Os alumnos fazem uma demonstração de agradecimento ao Dr. Bento Bueno e vão á Immigração saudar o Major Luiz Ferraz, Director daquelle estabelecimento.

(Do *Anuario de 1924*, pag. 15 e 17)

VI

Das informações fornecidas á Prefeitura Municipal, em 6-VIII-924.

Por que forma se fez a criação deste posto?

Por iniciativa da directoria do «Lyceu Coração de Jesus».

Quaes as pessoas que prestaram serviços?

Os Salesianos, alguns empregados do Lyceu, as Irmãs do Collegio Santa Ignez e cinco professoras externas, a saber: Clara Augusta de Oliveira, Rosinha Tellini, Adelaide Oliveira, Aida Tellini, Maria de Lourdes Oliveira.

Em quantas secções foi dividido o trabalho?

Em cinco secções: 1.^o — Abrigo para Famílias (abrangendo o Theatro, o Externato e a Séde dos Ex-Alumnos). 2.^o — Escola para as creanças das famílias abrigadas. 3.^o — Distribuição de comida no portão. 4.^o — Senhores e moços admittidos na convivencia do Lyceu. 5.^o — Famílias abrigadas nos porões e nos dormitorios durante a noite.

Quaes os nomes dos dirigentes de cada secção?

1.^a secção, Irmã Henriqueta Leme; 2.^a secção, Professora Clara Augusta de Oliveira; 3.^a secção, Sr.

Baptista Frigeri; 4.^a secção, Sr. José Calvi; 5.^a secção, Sr. João Bologna.

Estatística approximada do numero de pessoas soccorridas (por sexo e nacionalidade, não incluindo creanças)

Por sexo : 421 homens, 467 mulheres.

Por nacionalidade : Brasileiros 243, Italianos 241, Espanhoes 119, de outras nacionalidades 285. Total : 888 adultos.

Estes numeros representam *personas distinctas*, não o numero de *vezes* ou de *dias* que foram ellas soccorridas.

Informações especificadas seguem em folhas avulsas.

Qual o numero de creanças soccorridas?

No «Abrigo para Familias», 93; na distribuição de comida no portão, 280; no «Abrigo Nocturno», 50. Total, 423.

Quantas pessoas entraram ou foram soccorridas?

No Lyceu, 1.311, além de outras que foram soccorridas fóra do Lyceu ou que aqui receberam curativos.

Quantas sahiram?

Quasi todas. Ficaram duas familias, por já não terem onde morar, pois suas casas foram destruidas pelas granadas.

Quaes os damnos materiaes da acção militar?

Tres granadas cahiram no dia 5 de Julho sobre o pavilhão das officinas e das aulas, damnificando seriamente

o telhado, o forro de estuque, a officina de encadernação, a sala de exposição e diversas machinas. Foram tambem attingidas 4 salas de aula, o escriptorio das Escolas Profissionais e a officina de impressão. Foi ferido o alumno Arnaldo Petersen Barreto.

Quaes as informações não contidas neste formulario que julga esse posto necessario fornecer para melhor elucidação deste trabalho?

No Abrigo funcionou uma Escola com mais de 70 alumnos.

O Lyceu forneceu aos abrigados visita medica diaria, remedios e curativos.

Prestaram tambem serviços ao Abrigo o nosso pharmaceutico José Leal Domingues e o nosso enfermeiro João Pedro Lamosa. Foram aviadas 25 receitas e foram feitos 40 curativos em 15 pessoas.

O medico do Lyceu, Dr. Lucas Assumpção, visitou diariamente os abrigados. Visitaram tambem o Abrigo e receitaram um medico da Cruz Vermelha, cujo nome não foi registrado, o Dr. Fighera e o Dr. Gamma Rodrigues.

Na enfermaria do Lyceu foram soccorridas tres pessoas feridas por estilhaços de granadas cahidas na Alameda dos Andradas.

A's crianças do abrigo foram destribuidas 120 peças de roupa.

O Lyceu forneceu colchão e travesseiro a todas a pessoas abrigadas e mais 112 colchões para fóra (Cruz Vermelha e Liga Nacionalista).

Quadros estatísticos

Movimento diário do "Abrigo para Famílias"

(de 15 a 31 de Julho)

DATA	ENTRARAM	SAHIRAM	HAVIA
15	52	—	52
16	26	—	78
17	14	—	92
18	14	3	103
19	47	—	150
20	17	5	162
21	35	—	197
22	55	13	239
23	55	1	293
24	37	6	324
25	105	—	429
26	54	—	483
27	21	10	494
28	—	88	406
29	—	152	254
30	6	152	108
31	5	80	33
TOTAL: 17 dias	543	510	

De 15 a 31 de Julho, 17 dias, entraram no Abrigo 543 pessoas, sahiram 510, tendo ficado ainda 33.

Pessoas alimentadas pelo Lyceu

(de 15 a 31 de Julho)

Resumo geral

DATA	Em casa	No abrigo	No portão	TOTAL
15	8	52	180	240
16	17	78	160	255
17	16	92	190	298
18	18	103	192	313
19	26	150	188	364
20	28	162	200	390
21	32	197	161	390
22	44	239	189	472
23	56	293	172	521
24	60	324	270	654
25	72	429	242	743
26	32	483	262	777
27	126	494	441	1061
28	100	406	429	935
29	80	254	417	751
30	42	108	424	574
31	11	33	396	440
TOTAL	768	3.897	4.513	9.178





NIHIL OBSTAT
S. P., 1-VIII-928
SAC. D. CERRATO
S. Pr.

NIHIL OBSTAT
S. Pauli, 7 Augusti 1928
CAN. DOR. MARTINS LADEIRA
Censor

IMPRIMATUR
M. PEREIRA BARNOS
V. G.